

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CERRAÇÃO DE CHORADEIRA

MARIANA RENNHACK PIRES

Porto Alegre

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CERRAÇÃO DE CHORADEIRA

MARIANA RENNHACK PIRES

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de concentração Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Kohlrausch

Porto Alegre

2016

AGRADECIMENTOS

À Ana, ao Roberto, à Luciana e à Pietra, meu pequeno grande núcleo familiar, por seu apoio, por suas sugestões. Por virem conversar sobre assuntos aleatórios mesmo e principalmente quando estou escrevendo, fazendo surgir daí ou ideias ou apenas risadas. Por me acompanharem nas peregrinações a cemitérios, sem entender muito o porquê. Por terem lido quase todo o texto por cima do meu ombro, ainda que jurem de pés juntos que não. Por isso e pelo resto todo, obrigada.

Aos amigos de dentro e de fora da PUC, famílias que escolhemos e que nos escolhem, por lerem trechos que foram modificados completamente. Por terem sempre uma palavra de motivação ou uma ideia para algumas horas de distração (nas quais eu prometi que não estava pensando na dissertação quando, na verdade, todos sabiam que eu estava), obrigada.

À Regina Kohlraush, pelos conselhos e pelo incentivo. Por responder a emails enormes - e levemente prolixos. Por dar a opinião como professora e, também, como leitora. Por me ajudar no garimpo de um título. Por se compadecer de Genésio. Pela orientação, obrigada.

Ao professor Luiz Antonio de Assis Brasil, por todas as sugestões e conselhos na banca de qualificação, que foram de muita importância para o andamento do trabalho, obrigada.

A esta banca examinadora. Agradeço de antemão.

A todos que me perguntaram “como vai o livro?” (sempre recebendo como resposta um sucinto e vago ‘vai indo, obrigada’). A todos para quem já fiz perguntas estranhas com a desculpa de que era para a história (sendo que algumas delas eram mesmo). A todas as senhorinhas nas paradas de ônibus, nos bancos das praças, na fila do posto de saúde, no centro de Porto Alegre, que foram impiedosamente observadas por mim. Aos três vizinhos bêbados que, certa vez, ao lado da igreja do meu bairro, fizeram uma vigorosa encenação da crucificação de Jesus. No domingo de Páscoa. A todos que já me contaram causos, histórias ou fofocas, obrigada.

A todos que, de uma forma ou de outra, ajudaram, inspiraram e incentivaram nesta construção, obrigada.

RESUMO

Esta dissertação é composta por um texto ficcional (um romance de nome *Cerração de choradeira*) e um memorial de criação. O romance busca acompanhar a trajetória da Morte e de suas “funcionárias” (as carpideiras), que têm como ofício chorar pelos falecidos em velórios, muitas vezes sem ao menos ter conhecido o defunto. A protagonista é Astúcia, uma senhora de família de migrantes que atua em uma vila isolada no Rio Grande do Sul. *Cerração de choradeira* acompanha a trajetória da carpideira, sua parceria com a própria Morte, e o modo como esta relação peculiar influi na visão que as demais personagens têm da Inevitável. Para obter esta visão plural, o romance procura trabalhar com diferentes focos narrativos e linhas temporais.

Palavras-chave: choradeira; Morte; criação ficcional.

ABSTRACT

This dissertation consists of a fictional text (a novel called *Cerração de choradeira*) and a creation report. The novel aims to follow the steps of Death and her “employees” (*carpideiras*), whose task is to mourn the dead ones in memorial services, most frequent without even knowing them. This story’s protagonist is Astúcia, a lady from a family of migrants who mourns in an isolated location at the South of Brazil (Rio Grande do Sul). *Cerração de choradeira* follows her path, her partnership with Death itself, and the effect that this particular relationship has on other characters’ way to confronting the Inevitable. In order to obtain this broaden perspective, the novel tries to work with different points of view and storylines.

Keywords: *choradeira*; Death; fictional creation.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
Cerração de choradeira	9
Sobre o processo	88
1. Introdução	88
2. O plano inicial	90
2.1. A Vila da choradeira	96
2.2. Mudanças no plano inicial	102
2.2.1. Uma questão de foco	102
2.2.2. Ponto de vista 1: A onisciência seletiva	104
2.2.3. Ponto de vista 2: O EU que também é testemunha	105
2.3. De espaço a voz	106
2.4. Personagens	108
2.5. As duas mortes de Genésio	111
2.6. Linhas narrativas	112
2.7. Representação do fantástico	114
3. Conclusão	117
REFERÊNCIAS	119

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação está inserida na área de concentração da Escrita Criativa, relativamente nova e em constante expansão no Brasil. Conforme as orientações para a estruturação de um projeto final de mestrado, este trabalho divide-se em duas partes que, embora sejam independentes, acabam por completar-se: a primeira é uma criação literária inédita, um romance de nome *Cerração de choradeira*; a segunda consiste em um memorial de criação, texto teórico-reflexivo no qual serão colocadas em discussão as dúvidas, as escolhas, os objetivos, as mudanças e os desafios acerca deste fazer literário em específico, trazendo para diálogo outras vozes além da minha. Vozes experientes e teóricas que darão ao texto sua contribuição em forma de argumento de autoridade.

CERRAÇÃO DE CHORADEIRA

Mariana Rennhack Pires

PRÓLOGO

E, no umbigo do silêncio, a velha ri. Começa devagarito, num soluço baixo. Os ombros descem-sobem, sobem-descem, tentam acompanhar o ritmo enquanto as costas se curvam, por pouco ela não cai da cadeira. Inclina o corpo para frente crava os dedos do pé no chão. Os ombros balançam ainda mais. A velha levanta os dois braços e bate uma palma.

Depois, no silêncio que resta, tudo para. Por um instante, o instante fica suspenso, ele aguarda e presta atenção nela porque é a única que se mexe. Ela solta uma gargalhada e se entrega e se derrete no próprio riso. Os vizinhos nem se incomodam.

Repousa as costas na cadeira e fecha os olhos. Com o braço esquerdo levantado na altura do cotovelo, e a palma da mão virada para cima, ela tenta segurar o nada e o tempo, que agora volta a passar. Dos olhos da velha foge uma gota, duas, três, o corpo todo se mexe, sacudido por algo que não é mais riso, é aquela qualquer outra coisa que não chega a ser tristeza. São lágrimas, e das que não queimam ao escorrer pelo rosto. É choro que só se derrama uma vez, e que por isso precisa de tempo para se acumular. A velha sabe disso, enfim aprendeu.

De cima do murrinho, os dois não veem as lágrimas, sequer o sorriso. Observam a cena, mas não viram o que aconteceu, não escutaram a novidade: a velha, que já não estava boa da cabeça nos últimos tempos, acabou surtando.

*

Dizem que começou à noite, quando os vizinhos escutaram uns barulhos vindos da casa amarela. A plateia se escondeu atrás das portas abertas e das persianas escancaradas, e arregalou os olhos quando viu a janela da casa desfeita em cacos nas lajotas do pátio. Vidro quebrado misturando-se ao papelão, ao metal e a madeira. Uma foto, caída logo à frente.

Os vizinhos foram saindo um a um até o portão da casa. Pararam ao ver a porta abrindo e de dentro sair a velha, descalça e com a roupa do ofício, levando a cadeirinha de armar debaixo de um dos braços. Atravessou o pátio sem olhar para os lados, não fechou a porta, não percebeu os cacos de vidro no chão. A velha saiu sem dar

explicações, dobrou a esquina e desceu a rua de asfalto, mas, ao invés de seguir reto até o final da faixa, como de costume, virou à esquerda, e sumiu de vista.

Nenhum dos vizinhos soube aonde ela foi. Uns disseram que no início da madrugada ela estava na frente da agropecuária, enquanto que outros afirmam que à mesma hora ela passava pela esquina da padaria, do outro lado da Vila do Açude. O que se sabia, no final das contas, é que não se sabia coisa nenhuma.

O único que descobriu o paradeiro da velha foi o Seu Júlio. Chegou ao trabalho de manhãzinha, morava perto, na subida da lombá. Do pátio de casa dava para ver o pórtico, a capela e as árvores, que eram poucas e eram suficientes para dar sombra aos inquilinos. Eles dormiam bem quietos, não iam acordar tão fácil.

Deixava os materiais na despensa (que era como chamava o banheiro desativado da capela), saía de casa só com o molho de chaves, o celular no bolso e o chapéu de pesca, desbotado e sem o cordão. Ao chegar, percebeu que já haviam aberto o portão principal. Ficou ressabiado. Correu para a despensa, pegou o cabo de vassoura e saiu a procurar o sem-vergonha que vinha lhe roubar os vasos. Já dava início aos xingamentos enquanto caminhava depressa ao redor das carneiras. Não corria por respeito aos clientes. Começou a busca na área dos defuntos antigos, no topo do lado esquerdo, não encontrando uma alma viva. Aproveitou para dar uma reparada nas lápides. Os inquilinos não eram exigentes, mas o Seu Júlio não gostava quando as pedras amarelavam ou os vasos ficavam sem flor. Dava uma dor lá dentro, bem no fundo do estômago, ver que os túmulos também envelheciam, como que dizendo que a Tinhosa acaba chegando pra tudo quanto é coisa mesmo, ela respirando ou não.

Seguiu em marcha descendo o morrinho, não precisando avançar muito para reconhecer os *erres* de pronúncia forte, que rasgavam as palavras todas. Quando a conheceu, aquela voz lhe dava um mal estar, depois acostumou. No fim, não era ladrão, e sim a velha Astúcia que resolveu madrugar no cemitério.

Seu Júlio morava na Vila do Açude já há doze anos. Desceu do caminhão de mudança em 1997, com o filho pequeno agarrado na perna. A esposa não foi junto, fixou residência a quarenta quilômetros dali, debaixo de uns palmos de terra. Chegou com promessa de trabalho de um conhecido, um cargo de extrema importância na

administração do estabelecimento mais tradicional das redondezas. Virou zelador do Lazarus, o cemitério da Vila do Açude.

À hora do almoço, costumava encontrar a Astúcia trocando as flores dos jazigos, mas aquela foi uma das poucas vezes em que ela chegou primeiro. Estava embaixo de uma das árvores, na parte dos novos sepultados.

- Caiu da cama, velha?

Nenhuma resposta. Seu Júlio repetiu a pergunta, um pouco mais alto. Nada. Apoiou o cabo da vassoura em uma das lápides e foi se aproximando, ela ainda não parecia ter notado a sua presença. Estava toda de preto, o cabelo puxado para trás, sentada na cadeira de armar em frente a um dos túmulos.

Seu Júlio parou de chamar por Astúcia quando notou que ela falava baixinho. Apertou os olhos, apurou os ouvidos: Astúcia levantava a voz. Devia estar irritada. Mais uns minutos e ia começar o fiasco. Ainda assim, não se mexeu, ele tinha de saber o porquê da irritação e, mais do que isso, descobrir o que era aquele som fraquinho que parecia vir do lado da velha, preenchendo os silêncios que ela deixava.

Ele abriu as narinas, inspirou o ruído. Tirou a melodia, tirou as letras, um *esse* fraco e um *a* pastoso que se disfarçaram de vento para depois entrar nos seus ouvidos. A música não lhe era estranha, velha conhecida que gostava de uma graça e de uma pinga às sextas-feiras. Voz inconfundível, que já devia estar calada.

Deu uns passos para trás. Agarrou o cabo de vassoura. Ficou branco. Esqueceu até de suar. Disparou para fora do Lazarus. O Seu Júlio sabia qual era a fofoca das últimas semanas, um falatório sem tamanho que crescia enquanto que a pobre da velha murchava. Ele atirou o cabo de vassoura no chão e pegou o celular preto (aquele mesmo que certa vez o filho disse ser uma velharia que não servia mais. Então combinamos, respondeu o Seu Júlio). Apertou o 1.

*

César sentia as costas queimarem. Assim como as pernas, assim como o rosto. Lábios vermelhos inchados de sangue. Coluna ereta na beira da cama, estalando os

dedos. Tentava reconstruir a noite anterior, sem deixar nada escapar. Não estava conseguindo. Sentiu a vibração do telefone. Com sorte seria ela. Não era.

- Que foi?

- Vem pro Lazarus. Tem coisa errada com a velha.

- Como assim, coisa errada? Pai?

Seu Júlio desligou. César correu para o cemitério, deixando a porta aberta e o celular – que vibrava – jogado na cama. Da corrida entre a sua casa e o cemitério ele lembraria bem: o ranger do portão, o ar abafado no início da manhã, o cheiro azedo da terra (temporal que vinha), a respiração ardida. O guri só parou de correr quando alcançou o Seu Júlio. Curvou as pernas e as costas, torceu o pescoço para alcançar os olhos do pai. Um suspiro.

- Tô louco, guri.

- Ah, pai, ligou nesse desespero só pra falar o óbvio?

Uma olhada do Seu Júlio já bastou para o César ver que não era hora para piadas. O peito do guri ardeu.

- O que aconteceu? Onde é que tá a dona Astúcia?

Seu Júlio, sem falar, virou as costas e caminhou rápido em direção à ala nova. César o alcançou com facilidade (pernas compridas). Chegaram ao topo do morrinho que dava vista para o resto do Lazarus. Por toda a extensão do lado esquerdo, túmulos antigos, os do topo os mais desgastados; do lado direito, os perpétuos novos e os temporários, com espaços de terra livre aqui e ali, à espera dos inquilinos. Não havia mais de dez mausoléus, todos do lado esquerdo. (O tempo foi passando e os gastos com a morte, diminuindo.) O cemitério era rodeado por muros altos, sempre muito brancos – o Seu Júlio não dispensava uma pintura a cada seis meses. Os gavetões ficavam próximos aos muros do lado direito e ao fundo. Havia lugares vagos, mas em alguns anos a Associação teria de pedir verba para uma expansão, já que os moradores nem cogitavam serem cremados ou postos para dormir em outro cemitério. Não queriam ficar longe dos seus. Ao pé de uma das árvores estava a Astúcia, sentada na cadeirinha de tecido vermelho.

- Desde que horas ela tá aí?

- Não sei. Cheguei e vi que o portão tava aberto. A velha não chega antes, só em dia de função e olhe lá. Desconfiei que era ladrão e corri pra espantar.

- Ô, pai, já te falei pra gente contratar um segurança. Se tu quiser, eu me meto no próximo encontro da Associação e lanço a ideia. Eles conseguem verba e, se não der, sempre tem como aumentar a mensalidade.

- Não precisa de aumento e não precisa de segurança que o meu serviço já é muito do bom.

- É sim, pai, é sim. Tô pensando nos dias em que o senhor tiver uma emergência e não der pra chegar cedo. E se eu não puder vir também, como é que fica? Um segurança é só garantia de que a clientela não vai ficar sozinha...

- Te aquieta, guri. Escuta.

Seu Júlio chegou mais perto, projetou a cabeça e abriu as narinas, esperando pela próxima brisa. César foi para o lado do pai e observou a sua conversa com os sons. Ficou de fora, como sempre. Até tentou escutar algo diferente do assobio do vento, conseguindo reconhecer apenas a voz da dona Astúcia, que de um estrondo acabou se transformando num sussurro. Ela toda diminuiu nos últimos anos. Quis avançar, mas foi puxado para trás pelo Seu Júlio.

- Ela deve tá passando mal, tendo um ataque ou coisa do tipo! O senhor viu alguma coisa?

- Eu vim e ela já tava ali, chamei e ela nem me deu conversa. Daí fui chegando perto e escutei a velha falando. Era conversa. Ela falava e ficava quieta, como se fossem responder. E respondeu, e tá respondendo agora que eu tô escutando! Tu não tá ouvindo?

- Não, eu não consigo escutar, pai. Já tentei. Então isso quer dizer que ela pirou mesmo, como tão dizendo?

- Se ela tá doida eu também tô. Tem gente ali conversando com a velha. Eu sei que tem.

César viu as rugas da testa e dos lábios murchos do pai. Cruzou os braços. Tornou a observar Astúcia.

- E o senhor já sabe quem é que tá ali com ela?

Já com a expressão desanuviada e um sorriso muito do mal disfarçado, Seu Júlio também se virou em direção à velha.

- É a Caetana.

- Sério? E do que elas tão falando?

-Tu conhece aquelas duas. Só bobagem.

- Imagino. Eu gostava da dona Caetana. Era uma velhinha tri, né?

- Tô pra te dizer que ela ainda é, guri.

Dito isso, ficaram quietos. Não queriam atrapalhar os assuntos das duas. De onde estavam, apenas viram a Astúcia sacudir os ombros. Mais ao longe, o temporal se aproximava rápido, a manhã se enchia de véspera.

E, no umbigo do silêncio, a velha começou a rir.

Manhã, 07h.

Imaculada não gosta do nome Lazarus. Nunca lhe soou bem. Uma vez, sua avó, percebendo o nariz torcido da guriazinha ao entrar no cemitério, pegou-a pela mão e contou a história do homem que ressuscitou quatro dias depois de morrer. Encheu de firulas e omitiu, por razões óbvias, a parte do cheiro que o defunto, já meio desfeito, com certeza exalava, para que ela enfim simpatizasse com o nome do campo santo. Não funcionou. O primeiro comentário da Imaculada depois de ouvir a história foi: Mas vó, será que ele não ficou brabo? Porque eu não gosto quando eu tô dormindo bem e me acordam. Desde então, sua avó desistiu de lhe contar histórias.

Sua aversão ao nome do cemitério não mudou com os anos. É possível até que tenha piorado. Aquele nome sempre lhe pareceu antes uma brincadeira infeliz do que o nome oficial de um estabelecimento, e não entendia o porquê de a Associação ainda não ter feito algo a respeito.

Agora com cinco membros ativos, a Associação Amigos do Lazarus se encarrega de uma das desagradáveis consequências (afora a mais evidente) que a Indesejada traz aos que ficam cá por vida: a burocracia. A morte, depois do choro, traz papelada, e é nessa etapa que o grupo adentra a recepção da funerária, para oferecer um pouco de tranquilidade aos enlutados. Em algumas ocasiões, são eles a contatar a funerária, escolhendo o tipo de caixão e o tamanho da coroa de flores. Os preços dos serviços fúnebres terceirizados são camaradas, e a primeira parcela pode ser paga em até 60 dias após a inumação (com cheque não trabalham mais). Os lucros são revertidos em melhorias na estrutura do cemitério, na compra de material de limpeza e em algumas extravagâncias, como a confraternização semestral dos Amigos do Lazarus.

Da formação atual fazem parte Seu Júlio, Manuel, Heitor, padre Jonas e Basílio, este o filho mais velho da Caetana que, além da posição, também herdou da mãe a falta de tato, sendo proibido de falar com qualquer funcionário da Prefeitura da cidade ou com clientes em potencial. Ali, cargos são como jazigos: há os que os ocupam por anos a fio, há os temporários, e há ainda aqueles que gozam da posição em caráter pós-vitalício. O nome de Caetana, membro-fundadora, está na primeira linha das PPs

(Posições Perpétuas) no Registro de Cargos da Associação; o de Astúcia, sua sócia desde antes dos primeiros sinais de artrite, está na segunda.

Enquanto cada um dos integrantes do grupo se responsabilizava por uma tarefa, Astúcia ocupava uma posição de valor simbólico, com participação facultativa nas reuniões de quinta à tardinha. Fazia trabalhos pequenos, quase sempre relacionados à decoração da capela e à troca de flores dos túmulos. Tinha mania de beleza.

Genésio, o pai de Imaculada, por anos recusou os convites para se unir à Associação. Ele despertava a simpatia e, sobretudo, a curiosidade de todos na Vila, apesar de não ser de muita conversa. Era quieto, o Genésio.

*

Enquanto arrasta as cadeiras para formar um semicírculo na capela, Imaculada lembra da última vez em que falou com o pai. Foi há cinco anos, era aniversário do Seu Júlio e a dona Astúcia queria porque queria fazer festa. Como não tinha jeito de convencer a velha do contrário, ele encomendou uns salgadinhos para dar cabo da função ali mesmo, na capela do Lazarus. A dona Astúcia não gostou do improvisado, ofereceu a sua casa, o seu pátio, ameaçou não ajudar na decoração, mas como ela não levava jeito para ameaças, voltou ainda pela manhã e já se ocupou em fazer flores de balões. Seu Júlio assumiu a posição tradicional dos seus aniversários: encostado numa das portas da capela, braços cruzados e chapéu enfiado na cara emburrada.

Ninguém sabia ao certo o porquê, mas o Seu Júlio nutria um profundo desprezo por comemorações. Houve um ano em que ia deixar de comemorar o Natal, sem dar atenção a um César baixinho e de braços compridos, que passava as tardes pendurando os bibelôs da estante nas árvores do pátio. Foi a dona Astúcia quem salvou a festa, arrastando os dois para a sua casa e presenteando o guri com o primeiro carrinho de brinquedo, não sem antes dar um baita xingão no Seu Júlio. “De que que me adianta”, era o que ele sempre respondia.

Imaculada e os pais chegaram para o aniversário em seguida do meio-dia, levando as toalhas chiques que a Astúcia pediu emprestado. Irene, a mãe, vinha com o passo apertado e a sobancelha arqueada. Encaixada bem na dobra do antebraço, uma das toalhas. Genésio seguia logo atrás, de passinhos curtos e a cabeça chegando antes do

resto do corpo. Penduradas em cada ombro, outras duas toalhas. Imaculada entrou na capela quinze minutos depois, com a cintura envolta pelo braço do namorado e a ponta da toalha suja de terra.

O salão não parecia o mesmo de hoje, não era o mesmo de hoje. Pouca cor. Há cinco anos, as lajotas do chão não exibiam o tom amarelado, e nem havia marcas de umidade nas paredes metade verde, metade bege. O púlpito deu lugar a uma pequena mesa e a um bolo de chocolate cercado por docinhos. Ao lado, Imaculada e Genésio organizavam os presentes e os cartões, função inútil já que ninguém se interessava pelo local onde os presentes estivessem guardados, desde que houvesse presentes. Para o Genésio, no entanto, aquela era uma tarefa importante. Ao menos o deixavam em paz.

Imaculada costumava chegar minutos depois de o pai ter iniciado o serviço. No final da festa, eles dois sentavam-se, ombro com ombro. O mesmo nariz comprido chapado no rosto. O mesmo pescoço esticado, para não perder nada. Imaculada nem se esforça para lembrar sobre o que eles conversaram naquele dia.

Após arrastar mais uma cadeira para o semicírculo, Imaculada tira a poeira do púlpito. Não pensou direito na posição dos assentos em relação ao resto da sala: à hora da missa, metade dos convidados vai ter de optar entre ficar de costas para o padre Jonas ou para o caixão. Pára, examina a disposição das cadeiras. Dá três batidinhas nos lábios com o dedo indicador. Rearranja as quatro cadeiras que estão de costas para o púlpito, deixando-as num ângulo enviesado que, se não resolver o problema, ao menos sinaliza uma tentativa. O que já está de bom tamanho.

Imaculada vai até a despensa do Seu Júlio e volta com um borrifador e um pedaço de tecido. Esfrega a mistura de detergente e água no suporte de madeira, no centro da sala. Uma das quinas está desgastada (devia ter procurado por uma lixa). Desliza os dedos pela parte áspera da madeira e é o mesmo desgaste cheio de felpas de cinco anos atrás, quando machucou o dedão e não contou para Irene porque não tinha mais quem a protegesse da bronca. O companheiro de fuga estava logo ali à frente, de terno e gravata, com os pés virados para a porta.

Não era certo, ele nunca gostou de gravatas. Não usava. Deu a ele uma de presente quando tinha oito anos, cinza com bolinhas brancas. Bonitinha, até. Entregou o pacote com as duas mãos e esperou; Genésio sorriu, olhou para a gravata, olhou para a

filha, e não soube como sustentar o sorriso. Em seu lugar, a voz tímida pedindo desculpas: não gosto de gravata, filha. A explosão da Irene. E a briga. Depois daquilo, o Genésio continuou sem usar gravatas, e a Imaculada não conseguiu mais escutar mentiras. Aconteceu qualquer coisa dentro dela, um desarranjo que lhe entrou pelos olhos, pelos ouvidos, foi para a cabeça e acabou se espalhando pelo corpo todo – da Imaculada e dos outros. Com oito anos, ela começou a ouvir só a verdade: soube pela mãe que Papai Noel não existia e que o sujeito de gorro vermelho lá do shopping ganhava mal; soube pelo pai que as pegadas do coelho da Páscoa eram feitas de farinha; soube pelo Manoel que existia uma coisa chamada agiota, que andava lhe pintando umas olheiras bem escuras embaixo dos olhos. A chantagem da vizinha, a traição do primo. O gosto do avô por lamber pés. A rotina do pai. A preocupação. A falta de amor. A Vila do Açude não tinha escolha, a não ser falar, e a guriuzinha não tinha escolha, a não ser ouvir.

O terno era preto e a gravata era cinza. Tudo muito sóbrio. Enlutado. Se aquele nariz não fosse comprido como o seu e não desviasse a atenção do restante do rosto, como o seu, duvidaria de que aquele ali fosse o Genésio. Não era. O terno, a gravata, a almofada branca, o preto, o cinza. Não havia nada do pai da Imaculada ali.

Imaculada passou o restante do velório sentada de costas para o altar. O pescoço esticado. Viu a chegada dos parentes, os abraços demorados, os recados ao pé do ouvido, os apertos de mão. Imaculada mantinha as dela no colo, o punho direito fechado. Pediu ao namorado, Alencar, que ficasse de prontidão e impedisse a aproximação dos parentes. Sua mãe não se importou. Que ficasse por lá.

Perto das duas da tarde, a porta da capela se abriu. Um bafo quente invadiu a sala, balançando a aba do chapéu do Seu Júlio. Os abraços e as conversas cessaram, e o único som que se pode ouvir foi o arrastar dos sapatos da figura pequenina que avançava em direção ao centro da sala. Uma voz desfez o silêncio, agitou a batuta, deu o tom:

- Apressem-se e levantem

De pronto, o coro respondeu à ordem:

- Apressem-se e levantem

Da capela do Lazarus saía uma voz, canto baixo para não ferir os ouvidos de quem se ia. Astúcia, abrindo caminho devagar, completava o canto:

- Apressem-se e levantem

- Sobre nós o seu lamento

Desde que Imaculada se entendia por gente, o ritual era o mesmo. Coisa tão antiga quanto a própria Vila do Açude e hábito só deles, que tornava aquela faixa de terra sem asfalto sem restaurante sem shopping e sem cinema diferente das outras faixas de terra ao redor. Ali, a morte recebia tratamento especial, como no nascimento, na hora final também tinha festa, com menos risos, mas com flores e cantos e choro e a dona Astúcia, a puxadora dos corais, organizadora de eventos fúnebres, incentivadora de lágrimas. Quem vinha de fora a chamava carpideira. Na Vila, o nome não pegou.

Astúcia vinha de família antiga, moradores do Açude há muitos anos. Reza a lenda que seus antepassados saíram de lá de cima, atravessando umas boas léguas de terra até achar um lugar para se assentar (e para se esconder, dizem as más línguas). Acabaram cruzando o País, deixando uns remanescentes num e noutra canto (uns, cansados, em cima da terra, outros, exaustos, debaixo). Vieram parar no Sul e, como se quisessem se enfiar um pouquinho mais, na Vila do Açude, que na época ainda devia ser banhada por um açude de verdade. Astúcia adquiriu pouco das tradições de seus parentes, suas avós e bisavós passaram a vida levando apenas o que podiam e precisavam carregar. Acharam que uma relação de cordialidade com a da foice não seria nada mal, e a mantiveram.

Com exceção de alguns detalhes adicionados por Astúcia, o ofício de chorar morto alheio não se alterava. Naquela tarde de segunda-feira, um dia depois da festa de aniversário de Seu Júlio, o serviço do Genésio transcorreu como de costume: a ligação de madrugada, desculpa a hora, morte na família, a senhora pode vir? Sem detalhes. Ligou para os outros da Associação, Seu Júlio primeiro, para alertar da limpeza da capela, e lá se foi para a funerária mais uma vez. Os vizinhos acordaram com a batida do portão e, ao ver a Astúcia saindo apressada de casa, já souberam que era hora de separar a roupa de luto. Depois, a chegada à recepção, silenciosa e discreta, confortando quem estivesse mais abalado. É mais fácil quando a morte vem depressa. Não precisa ir

ao hospital ou, o que é pior, ao IML. Astúcia nem lembrava quantos vizinhos, amigos e familiares teve de reconhecer. Mais do que gostaria.

Ficou com a família para ajudar nas burocracias do sepultamento. Depois, foi direto para o Lazarus, ajudar Seu Júlio e César nos preparativos, deixou tudo pronto e só retornou à tarde, sem dispensar a entrada, o canto, o coro e a cena.

Imaculada viu a dona Astúcia se aproximando do caixão de Genésio. O vestido preto com um bolso na frente, os sapatos lustrosos, os cabelos presos para trás. Maquiagem não pode usar. Parou em frente ao caixão, pousou uma das mãos na cabeça do falecido, acariciou-lhe a cabeleira. Alteando só um pouquinho a voz, disse Boa viagem, meu filho, sacou o lenço do bolso e soluçou. Tudo muito limpo. Fez a volta no caixão e alcançou Irene, oferecendo o abraço à viúva. O gesto foi o início de uma nova sequência de lamentos, cada qual à sua maneira: Seu Júlio prendeu o seu braço ao de César, os dois de olhos parados. Caetana, sentada perto da janela, apertava e torcia e rasgava um lencinho de papel. Imaculada não se moveu.

Depois que a lágrima seca, o velório se torna uma reunião de família como qualquer outra (exceto pelo ex-vivente que está de canelas esticadas no meio da sala), os grupos formados por interesse: há os que não abrem mão da tragédia (morreu do quê, disseram que foi infarto, tem certeza, que maquiagem estranha, tem brilho no nariz, parece purpurina, onde foi que ele morreu mesmo, no futebol, fim da partida, nem parou no hospital, na ambulância viram que não tinha jeito e levaram direto, futebol tão tarde da noite, pois é, estranho, não foi isso que eu ouvi, será que, psiu, a Irene tá ali atrás); há quem aproveite o momento para rever os parentes (mas o tio tá vivo ainda, é, ele é forte, memória boa, Deus te ouça, ele me prometeu a casa da praia), e há aqueles que apenas esperam serem capazes de falar no falecido usando o tempo certo dos verbos.

Àquela altura, a função da Astúcia já era outra. Não iria provocar as lágrimas – sempre disse que luto tem que ter prazo de validade – mas iria ajudar a secá-las. Guardava o lenço no bolso do vestido e contava histórias sobre o falecido, como da vez em que ele pintou de branco as traves da quadra de futebol, ou quando ele se oferecia para cortar a sua grama, sem pedir nada em troca. Os vizinhos escutavam atentos, de vez em quando alguém fazia um comentário. Meia hora depois, e quase ninguém falava em Genésio usando o tempo presente. Os lencinhos amassados na lata do lixo. Foi-se.

Com a vassoura em punho, Imaculada varre para fora da capela as últimas folhas trazidas para dentro pela ventania da noite. Foi vento forte, sem chuva. As janelas acabaram abrindo, por sorte não quebraram. Foi estranha a noite passada, vento sem chuva, frio sem frio. No dia do Genésio, a tarde passou devagar, voltaram para casa às sete, ele saiu para o futebol às oito, a ligação às onze. E ela desperdiçou três horas.

No Lazarus, chegava a hora de fechar o caixão. As conversas e homenagens foram esmorecendo até virarem um choro fraquinho. O padre Jonas, com o livreto de capa dura em mãos, recitava o nome completo do defunto, sua viúva, a herdeira, suas visíveis qualidades, sua vida pacata e segura.

Uma fila se formou, iniciando na porta da capela e terminando em Genésio. Astúcia, que já havia desistido de convencer o povo de que não precisava fazer fila, foi para o final. Ela se encarregava de ajeitar o terno e a almofada, dar os últimos retoques antes de fechar o caixão.

Um a um, eles se aproximavam, alguns de mãos às costas, outros, para desespero de Irene, de braços enterrados no caixão. A avó de Imaculada parou diante do filho, balbuciou uma reza qualquer, ajeitou a gravata e seguiu para a saída. Irene não tocou em Genésio, não falou. Olhou para ele, e seguiu.

Imaculada invejava a pele do pai. Tinha uma cor de papel pardo, lisinha e quase sem rugas. Olhou mais de perto, o pescoço e a ponta do nariz brilhavam. Decidiu não falar. Espiou por cima dos ombros, curvando-se um pouco mais. Apoiou o punho direito logo acima de sua cabeça e deu um rápido beijo na testa de Genésio. Endireitou o corpo e saiu alisando o amassado da blusa, a mão direita aberta.

Uma última vistoria pela capela, e o trabalho da Imaculada está pronto. Pensa que foi um erro organizar as cadeiras num círculo, em posição de missa ficaria bem melhor. Dá de ombros. Agora é tarde, os vizinhos já começaram a descer a lomba e não vai demorar até o Seu Júlio e o César chegarem com o carro da funerária.

Astúcia se aproximava de Genésio, e a capela aumentava de tamanho. Não tinha pressa, a ela pertencia a última olhadela, era um direito seu, adquirido quando teve que substituir a mãe doente. Chegou ao pé do caixão, alisou a barra das calças, esticou os cabelos um pouco mais. Com os dedos em pinça, recolheu um fiapo rosa do alto da almofada. Percebeu outros ao redor. Levantou com cuidado uma parte do travesseiro e

lá estava ela, pluma rosa, grande e atrevida, berrante. Um pouco amassada, ficou tempo demais encolhida na mão direita de Imaculada. Não tinha brilho, nem fazia falta, o rosa da pluma parecia combinar com o branco do colchão, muito mais do que o cinza da gravata.

Com cuidado, Astúcia recolheu os fiapos rosa e posicionou a pluma um pouco mais ao centro do colchão, para que ela ficasse protegida pelo travesseiro. Com um aceno, ela chamou os colegas da Associação, que esperavam na porta, para lhe ajudarem a fechar o caixão e a carregaram o vizinho para fora da capela.

Manhã, 08h.

Nestor pára em frente ao pórtico do Lazarus. Espera por uma confirmação de que não era uma estupidez aparecer naquela hora, naquele dia, sem ter muito que oferecer. Soube do ocorrido pelo César, na noite anterior. Assistia ao futebol no quarto enquanto bebia a cerveja das quartas-feiras. O celular jazia na mesinha de centro da sala com o visor para baixo. A esposa de Nestor cumpria seu ritual particular: enchia uma taça de vinho tinto (o branco piorava a enxaqueca), espalhava os livros do doutorado na mesa da cozinha, abria o Word e esperava. As ideias viriam a qualquer momento, era apenas uma questão de preparar o ambiente. Postava outra foto da mesa de estudos, agora com a taça à direita do Benjamin e o Capote à esquerda, os rascunhos de dois anos atrás ao centro, meticulosamente desarrumados. Visitava os perfis de suas antigas colegas da faculdade quando o celular do esposo tocou. Avançou para o telefone, resmungando que, se ela não conseguisse concluir a tese até o final do ano, a culpa seria s do Nestor. Disse al sem paciência, mas suavizou a voz quando percebeu que falava com o César, o rapazinho da tal da vila onde o Nestor morava há cinco anos. Ligava de um número diferente. Celular novo, decerto.

Ela não tinha muitos detalhes sobre o tempo em que o marido passou perdido no fim de mundo. Sabia pouco, o suficiente. No outono de 2008, conheceu um senhor que pintava o cabelo grisalho de acaju e que fechava a cara quando lhe perguntavam da sua antiga morada. César foi um dos únicos vizinhos dele que ela conheceu, e o único de quem gostava. Menino estranho. Não parecia ter controle sobre o próprio corpo e, com vinte anos, atravessava uma puberdade tardia. Ainda assim, o garoto a conquistou pela gentileza, mostrou-lhe a cordialidade do interiorano de que tanto ouvira falar.

Ao ouvir o toque do telefone, Nestor já imaginou quem era. Todos no escritório sabiam da tradição de quarta-feira à noite, e com os sogros falava somente nos finais de semana. Sobrava o César, e a mania de telefonar na hora errada. Quase não ligava durante o dia e, quando ligava, era porque o pai não estava por perto. Nestor teve de se adaptar a isso também.

O garoto e a sua esposa trocaram umas poucas palavras, e então ela se calou. Nestor foi até a sala ver o que acontecia. Um momentinho, querido, vou passar pra ele.

Ele prendeu a respiração e levou o telefone ao ouvido. Ao escutar a voz de César, Nestor já imaginou o que tinha acontecido.

O jogo terminou aos 48 do segundo tempo, sem prorrogação. A cerveja esquentou, ficou pela metade. Nestor passou o resto da noite no sofá da sala, a cabeça no colo da esposa, as mãos entre os joelhos. Fungavam de vez em quando.

A Vila do Açude tinha mudado, embora as árvores, a terra, as pessoas continuassem iguais. Estava menor. Não encontrou nenhum dos antigos vizinhos no trajeto até o cemitério. Estacionou o carro ao lado do portão aberto, parou em frente ao pórtico.

Há poucas pessoas na capela: alguns conhecidos, Basílio e a família, Heitor sem a esposa, e Imaculada. Os cabelos estão avermelhados, o corpo espichou e está mais arredondado, mas continua sendo a Imaculada. A namoradina do menino do Heitor e frequentadora assídua da sua casa. Nas conversas com César quase não pergunta por ela, um pouco por pudor, mais por desinteresse. Nestor aperta algumas mãos, para Heitor faz um aceno de cabeça, Basílio ensaia uma piada:

- Opa, seu Nestor! Quem é vivo...

Não completa a frase, pois a esposa crava o cotovelo nas suas costelas. Não é hora. A cada morador da Vila que lhe cumprimenta, Nestor respira um pouco melhor. Devagar e com as mãos no bolso, aproxima-se de Imaculada, que parou de correr de um lado para o outro e agora analisa a distribuição das cadeiras, o dedo indicador (unhas vermelhas) encostado nos lábios. Não vê Nestor. Ele se inclina na direção dela, perguntando com a melhor voz paternal de que consegue lembrar.

- Quer ajuda?

- Não, obrigada, só dando uma última repassada. Coisa de iniciante, sabe como é. Mas há quanto tempo, seu Nestor! Que bom ver o senhor!

- Bom não seria a melhor palavra pra hoje, não acha?

- É, a ocasião não é das melhores, mas o senhor voltar é bom. Não é?

Conversar com a Imaculada era sempre um risco e uma injustiça. Risco porque nem todos foram feitos para a completa honestidade, e era apenas isso o que ela

aceitava; injustiça porque a verdade da Imaculada era uma via de mão única: ela não podia escutar mentiras, só que parecia poder mentir. Um acordo favorável para ela, ingrato para todo o resto. Nestor ri, e despeja:

- Eu não voltei, Imaculada, e tu sabe que eu não voltaria. Esqueceu que todos eles, tua mãe inclusive, mandaram eu chispar daqui, esqueceu que o César teve que segurar o Júlio e tirar aquela merda daquele cabo de vassoura da mão dele?

- Olha, seu Nestor, eu esqueci. O senhor é que parece não ter esquecido não...

Ela se afasta, abandonando no meio do salão um senhor de meia idade quase sem fôlego e ligeiramente constrangido. Nestor ergue os olhos: nem sinal de César, nem sinal do Júlio. O garoto está com o velho, e o velho está com a Astúcia. Só espera que a cena tragicômica não se repita. De qualquer maneira, ali o centro das atenções não seria ele. O dia era da ex-esposa, ela ocupando uma posição diferente da habitual, sem poder cantar, sem poder chorar. Hoje, era a Astúcia quem precisava de uma carpideira.

Na porta da capela, Imaculada vê o rabecão da funerária apontar do alto da lomba. Seu Júlio e César trazendo o caixão da Astúcia. Tomara que a tenham maquiado direito. Pelo menos um batom. Ela não suportaria ir-se embora desarrumada.



A Vila do Açude é um daqueles lugares que muitos conhecem, mas quase ninguém vai. Localizada no meio de duas cidades de tamanho razoável, ladeada por árvores e mato e fazendas e sítios e vacas e cavalos e plantações, a Vila é ponto de referência para todos que decidem ir de uma cidade à outra tomando o caminho rural (segue reto pelo asfalto, passa a Vila do Açude e entra à esquerda no cruzamento, daí chegou na cidade. Só cuida pra não ir muito rápido que a estrada tá que é só buraco e vê se não atropela nenhum guaieca perdido). Não precisa procurar por placas, quando os descampados e as porteiras dos sítios cedem lugar a um projeto de rodoviária no alto de uma lomba, é sinal de que o viajante alcançou a entrada da Vila, e dali pode seguir que o seu destino não está longe. São raros os que têm como linha de chegada a própria Vila do Açude. O que é compreensível, de certa maneira.

Não há hotel nem posto de gasolina. Não há shopping nem cinema. Asfalto é só na rua principal, iniciando na frente da rodoviária e terminando do outro lado, na parada

de ônibus da agropecuária. Não é possível chegar às cidades vizinhas sem tomar um ônibus ou pegar um carro. Há quem tente fazer o caminho de bicicleta, ignorando os assaltos de que vira e mexe a população tem notícia e a escuridão que desce para os descampados assim que o relógio bate seis da tarde, oito e meia no horário de verão. A iluminação da estrada é precária, uns postes de luz amarela se enfileiram em alguns trechos, já em outros é só escuro mesmo.

Entre os moradores, há dúvidas sobre a qual das duas cidades vizinhas a Vila pertence. Enquanto que a água e a luz vêm de uma, o transporte público é oferecido pela outra. Nos arquivos da prefeitura está dito que a Vila do Açude pertence à localidade de onde os serviços de energia elétrica e de saneamento básico provém. No entanto, os moradores ainda hesitam quando lhe perguntam em que cidade moram. Há aqueles que acham desnecessário responder a uma pergunta dessas, que importa à qual cidade a Vila do Açude pertence, tudo o que precisam saber é que se trata de um lugar simples, mas orgulhoso, ao leste do Rio Grande do Sul, a 65km de Porto Alegre e a 30 minutinhos da praia. Certa vez, um grupo de moradores resolveu marchar pela estrada, devidamente pilchados e escoltados por cavalarianos e carroças, empunhando cartazes e gritando palavras de ordem em favor da independência da Vila do Açude. O evento virou notícia em um jornal impresso, numa nota ao pé da quinta página. Uma semana depois, ganhou o esquecimento, tanto por parte de quem mal prestou atenção quanto pela meia dúzia de pessoas que estiveram na marcha e não encontraram modos de garantir a subsistência da Vila, no caso de conquistarem a independência. Pelo sim, pelo não, melhor não arriscar o que já se tem. Hoje, o povo da Vila se limita a dizer que “está indo pra cidade”, deixando para o interlocutor a tarefa de adivinhar para qual lado estão virando ao chegarem à rodoviária.

Diz a história que a Vila, ao contrário das cidades em redor, não serviu de morada para migrantes. À época das colonizações das áreas próximas, a região da Vila do Açude era nada além de um mato fechado onde ninguém se interessava em chegar perto. O lugar foi desbravado somente no início da década de 40, quando o velho Sebastião Pereira decidiu aumentar a lavoura de arroz e já não sobrava mais vizinho de quem tomar terra. O velho teimou que queria triplicar o tamanho da plantação, reuniu todos os capangas e mais alguns desocupados, deu-lhes machadinhas, cordas, lampiões e ordenou que abrissem uma légua para o seu arroz. Como os empregados insistissem

que não dava para abrir aquela extensão de terra sem maquinário ou pessoal, contentou-se com 1/3 de légua mesmo.

Para mostrar que era bom patrão, entregou uma espingarda para um dos homens, mas apenas uma, porque não podia ficar de mão vazia na casa. Guardava o restante das armas e munições num caixote de feira embaixo da cama, era tempo de guerra e precisava de estar preparado. Sonhava com o dia em que defenderia sua propriedade dos invasores, montaria uma barricada com o sofá da sala e acertaria os olhos rasgados bem no meio da testa, eles tombariam todos, só com um fiozinho de sangue escorrendo pela testa, de tão certo que seria o tiro. Acordava ofegante e todo mijado.

Os capangas do velho Sebastião levaram mais de ano para limpar a área. Trabalharam duro, sem descanso e sem adicional de insalubridade. Um dos homens pegou uma febre e quase expirou, outros dois não tiveram tanta sorte e tombaram no meio do mato mesmo, um de mordedura de cobra e outro de cabeça esmagada (não viu o galho de figueira despencando). Consternado, o velho prometeu rezar uma missa para os dois assim que o serviço estivesse pronto. Acabou esquecendo.

Terminaram de limpar a área no verão de 1945. Na casa, Sebastião ouvia o Ruy Figueira dar vivas porque a guerra tinha terminado. Venceram, mas ele não comemorou. Não lhe deixaram gastar uma bala sequer. Morreu cuspiendo sangue pela boca três meses depois, sem ver a primeira muda de arroz brotar. Quem se adonou da lavoura assim que o velho faleceu foi o seu filho mais novo, Antônio Pereira (Sebastião tinha sete herdeiros, seis moças e um homem): nem esperou o corpo do pai esfriar e já foi levando as roupas para o quarto principal da casa, a esposa e a filha pequena a tiracolo. Resolveu que plantação de arroz era coisa antiga e fez com que arrancassem as mudas pela raiz, mandando em seguida buscar umas ripas e cordas para dividir o terreno. Ia lotear a área, queria ser empresário.

A primeira leva de moradores já estava formada: um era seu sobrinho, que precisava de teto e de esconderijo; outro era um parceiro de bocha que pedia uma casa para acomodar a namorada (tudo muito discreto para não alertar a esposa); havia ainda umas amigas do Antônio, que estavam quase sendo despejadas do sobrado de fachada rosa da cidade; para completar a clientela, foram aceitos mais um casal jovem, recém-casados, e uma minúscula família de gente cansada e fala diferente, que deram ao dono das terras quase todas as relíquias de que dispunham, além da promessa de mão de obra

gratuita para a construção de uma igreja. Ainda que relutante, Seu Antônio aceitou a inserção daquele pessoal nas suas paragens, tinha pensado em tudo, menos na construção de lugares destinados à salvação de sua alma, coisa de que estava necessitado nos últimos tempos.

A família vinha de longe. Eram cinco pessoas, o casal e seus três filhos. Todos magros de pernas fortes e pele morena, queimada de sol. Souberam da vila do Senhor Antônio Pereira pelas moças do sobrado, onde alugavam um quartinho enquanto ainda houvesse trabalho na cidade. Embora elas tenham avisado sobre o gênio do homem – e sobre a espingarda de cano duplo que ele mantinha ao lado da cama - a família decidiu tentar um acordo. Dariam o que tivessem, aceitariam a terra que o homem quisesse oferecer. Meteram os pertences nas malas e saíram a passo com as moças (já que não tinha jeito de convencer do contrário, o melhor era que chegassem junto, assim elas poderiam dar alguma ajuda). O encontro foi tranquilo, no final das contas. Seu Antônio estava tomando um mate na casa do sobrinho, que ficava aos fundos da fazenda. Voltou descansado, o amargo ainda morno na garganta. Encontrou o casal instalado na sala, sentados na ponta do sofá. Sua mulher de canjica aberta, dando gargalhada. Estava entregue.

Seu Antônio passou reto em direção ao quarto. Já adivinhando o que ele ia buscar, a esposa correu na sua direção, pegando-o pelo braço e sussurrando uns comandos que ninguém mais entendeu. O homem deixou-se levar até a sua cadeira, sentou com relutância, cruzou os braços e permitiu que falassem, esperando a primeira oportunidade para correr ao quarto e botar a sua bichinha para trabalhar. Não precisou. O casal tinha lábia: ele não falava muito, mas sabia fazer negócio e não tinha medo de trabalho, ela se declarava comadre de sua esposa após meia hora de conversa. Eram de família de andarilhos, saíram das terras do Nordeste e foram descendo de mansinho, pegando carona, trabalhando, morando de favor. Sobrevivendo.

Seu Antônio passava dias inteiros no meio da construção da igreja, supervisionando o trabalho e oferecendo um chimarrão para o vizinho, sempre com a mão direita. O homem pegava a cuia mais por educação do que por gosto, cuidava para não deixar as caretas muito visíveis. Tinha aprendido a não dormir com a cuia na mão (o que lhe parecia óbvio antes mesmo de aprender o significado da expressão), mas

também a não tentar fazer o mate roncar de uma só vez. Quando tinha dúvida, engatava uma boa história e observava o dono da casa, imitando-o em seguida.

A esposa de Antônio encontrou na mulher do construtor uma amiga. Trocavam receitas, costuras e algumas confidências. A mulher tomava cuidado para não falar na sua morada anterior, muito menos nas suas antigas vizinhas. De resto, passavam quase o dia inteiro conversando, os filhos ajudando o pai na construção, e a filha menor, Fátima, brincando com a menina da patroa. Terminaram a obra tempos depois (já começava o ano de 1950), pintaram-na de rosa, chamaram o padre da cidade e batizaram a fundação de Paróquia Santa Bárbara. Como o nome ficara igualzinho ao da igreja de uma das cidades vizinhas, tiveram a ideia de acrescentar uma homenagem ao açude que passava logo atrás da cerca do Seu Antônio e que, embora estivesse quase seco, no passado havia sido uma das principais fontes de água para os donos do terreno e para os viajantes que se arriscavam por lá de madrugada. Assim nasceu a Paróquia Santa Bárbara do Açude, primeira fundação do lugar e cujo nome inspirou o batismo da vila. Não se sabe como o loteamento do Seu Antônio tornou-se Vila do Açude, ninguém jamais se acusou como autor do batismo. Alguns acreditam que foi a própria Vila quem se decidiu pelo nome.

Os anos foram passando e outras famílias, em busca de terra, bateram palma no portão do Seu Antônio. Ele continuava levando a cuia e a chaleira para junto do parceiro de mate, que mal terminou a construção da igreja e já se afundou no projeto do cemitério (a alma dos vivos já tinha lugar para sacramento, faltava a dos mortos). Gostava de ver o amigo trabalhando: ele ficava imóvel no meio do terreno, de vez em quando caminhava de um lado para o outro de braços abertos, medindo a terra com o corpo. Em seguida, voltava para junto do Seu Antônio e sorvia o mate enquanto riscava linhas toscas numa caderneta. Dali a uns dias apresentava a lista de materiais e o tanto de gente de que precisava. Em poucos meses, se o clima ajudasse, a obra estaria pronta. E assim foi. No final de 1951, nascia o cemitério da Vila, ainda sem nome. Foi Pedro (o sobrinho do Seu Antônio) quem, numa tarde de carteado na casa do tio, sugeriu chamar o cemitério pelo nome do santo que sobreviveu à morte.

- Que é o desejo da gente, não é não, tio? Ganhar da morte e perder do amor.

Apenas Fátima, que voltava da cozinha com mais uma fornada de cuca, percebeu o sorriso de canto e a piscadela que Pedro lhe deu. Percebeu e retribuiu.

O fundador da Vila do Açude aprovou o nome com uma ressalva: que tirasse o São e que pusessem logo um U e um S no final, para já ficar com língua de missa e não criar caso com o sacristão. Decisão tomada, Seu Antônio deu um tapa na perna do sobrinho, cumprimentando-o pela cabeça boa, apoiou as mãos na guarda da poltrona e se levantou para ir preparar um mate e contar ao amigo construtor a boa nova. Pedro esperou o tio sumir cozinha adentro e correu para o quarto, onde Fátima esperava. Ela já estava cansada de tanto afofar os travesseiros quando ouviu as três batidas de costume.

Não é de hoje que eu estou por aqui. Me tornei meio de caminho por sorte. Não desapareci por descuido. Sou daquelas coisas que mal chega e se espraia e pega o que existe em volta, mas sem crescer demais, que é pra não chamar a atenção. Morrer não sei se posso, acho que não (diminuir até consigo, só que é diferente). Não é reclamação, longe disso, se tem coisa que aprendi com eles é que quanto mais a gente vive, mais feliz a gente tem que ser, e pouco importa a doença, a dor nas costas, o churrio. Quem é que vai reclamar quando se pode arrastar por mais uns anos? Eu é que não. Não vou dizer que nasci porque não inventaram isso daí pra tipos que nem eu. Prefiro surgir, que é o tipo de palavra bonita que a gente usa quando quer fingir que sabe de alguma coisa. Surgi faz uns anos já, que foi quando eu escutei uns barulhos, som de coisa pesada batendo no chão, e fiquei surda. A primeira coisa que eu vi foi um espaço aberto entre umas árvores e uns farrapos de homens tudo amontoado em volta de um negócio que também era homem. Ou pelo menos tinha sido um. Acabou estendido no chão, meio de lado meio de frente, barriga pra cima, perna torta, cabeça murcha que nem maracujá passado. Mais adiante, um galho de figueira caído. O coitado deve ter levado uma galhada tão forte na cabeça que se findou na hora e os outros, pra ver melhor o tamanho da cagada, arrastaram o corpo pra longe das árvores. Foi ali que eu comecei a dar fé do assunto. No começo não deu pra entender muito, mas era certo que dali o homem não ia mais levantar, e isso parecia coisa séria. Primeiro fizeram um sinal com a mão, levando o dedo da testa pro peito e do peito pros ombros, depois tiraram os chapéus. Um deles começou a cantar, e os outros cantaram junto. Depois entendi que aquilo era o final deles, um dia, tudo que é vivo acaba do mesmo jeito. Depois da reza, pegaram o pobre pelos braços e pernas e levaram pro sítio de onde na certa tinham saído, chegando lá, outro farrapo, mais velho e de roupa limpa, deu uma olhada rápida no homem, examinou a cabeça com um nojo que nem se importou em disfarçar, fez o tal do sinal com a mão e mandou que despachassem o defunto. O coitado da cabeça espatifada já deve ter sumido lá pra dentro da terra a essas alturas. Pelo menos alguém chorou por ele, dizem que morto só pode morrer de verdade quando lhe apontam pra onde deve ir, senão o coitado se perde e fica por terra mesmo. No início, não acreditei nessa história, pra mim era só mais um daqueles costumes que as gentes daqui inventam pra se ocupar e não ficar pensando muito na própria morte, o que não parece resolver muita coisa porque eles vivem em função do final, os coitados, e isso explica uma parte dos entreveros em que eles se metem. (A outra parte se explica pelo fato de que são burros mesmo). Mas eu não tava falando disso, é o mal de conversar com nada, eu falo e falo e

como não tem ninguém pra me fazer voltar pro assunto eu continuo falando. O caso é que a morte do homem da cabeça amassada foi a primeira que eu vi, mal abri os olhos e ela já tava ali, toda arreganhada. Era assim que ela fazia e eu tinha que aceitar, eu inventei de entrar nos campos dela, azar o meu. A princípio estranhei, mas fui acostumando, tinha mais pra ver por aqui porque entre sair e voltar pra terra eles tem um bom tempo ainda. Até onde sei, foi o velho esfarrapado que enviou os homens pra limpar a mata, queria plantar arroz. No fim, ele não teve tempo nem pra ver se ia dar lucro, acabou morrendo antes de a primeira muda ficar boa. Além de teimoso, era azarado. Quem agitou as coisas na fazenda foi o filho do velho, o Antônio, que assumiu a casa e o terreno. Na verdade, assumir não é bem a palavra, o homem nem esperou o velho esfriar pra invadir a casa grande, pra desespero das seis irmãs mais velhas e, principalmente, dos maridos das seis irmãs mais velhas, que andavam bem loucos atrás da herança. Ninguém esperava que o Antônio quieto, o Antônio prestativo, o Antônio gente boa fosse o primeiro a se abancar, botando arma nas mãos dos funcionários e cães de guarda nos portões. Ordem era só uma, era trafuscar bala em quem tentasse invadir. As perguntas ele fazia depois e se sobrasse alguém. No fim das contas, até que sobrou um pessoal lá, as seis irmãs, quatro cunhados, alguns tios e uns dois ou três vizinhos próximos. O resto deve estar fazendo companhia ao da cabeça amassada lá nas terras do nunca mais. Foi assim que o Antônio virou o Seu Antônio e até que eu gostava dele, tá certo que era um baita dum sem-vergonha que meteu bala nos membros da própria família, mas que o filho da puta era esperto, isso era. Passou anos cuidando do pai, ajudando as irmãs e fazendo amizade com os empregados, daí quando o velho morreu o Antônio já tinha seus capangas e as armas que o pai escondia. Simples. Se não fosse pelo Antônio eu não seria isso que sou hoje, não sei nem se seria alguma coisa. Foi ele quem, por causa do aluguel, trouxe as primeiras gentes pra cá. Bem ou mal, ele me deu o que ver. E o que eu vi na época foi a chegada de um povo cansado, de olho assustado e maleta na mão, não lembro o nome de todos, mas havia um casalzinho jovem vindo duma cidade próxima, foram trazidos por um senhor mal encarado, nem saíram do carro direito e ele arrancou levantando poeira. Tinha também uma moça que um carro chique trouxe, a guriuzinha era bem bonita, de vestido amarelo e cabelo pra cima num coque no topo da cabeça, ela toda era pequena, bailarina que podia se esconder no negrume da noite, foi deixada na porteira de madrugada e por lá ficou um tempo, olhando pra porta da casa, olhando pra estrada, olhando pra barriga. Um dia antes, apareceu na fazenda um senhor grisalho, bem apessoado até, tinha uns suspiros doídos, entrou na sala do

Antônio já pedindo desculpas, disse qualquer coisa sobre um casório arranjado, até que a morte nos separe, e falou de outro tempo, curtinho, coisa de meses, feliz. Lembro dele repetindo que trocava um tempo pelo outro sem pensar, viveria menos e viveria bem. Mas, como não dá pra enganar o relógio, teve que fazer um arranjo com o parceiro de bocha. A pequenina ficaria ali, teria o rebento, ganharia casa, trabalho e vida nova, ele não teria mais a namorada, não conheceria o filho, mas podia ficar com o casamento e com o nome. Troca justa. Ainda tinha o Pedro, o filho da irmã mais velha do Antônio (uma das que conservaram os maridos em casa), guri balaqueiro, de mais lábia do que beleza, dono de uns olhinhos de peixe morto e de uma cara de sem-vergonha que alvoroçava a mulherada. Ele, que não era bobo, aproveitava. Talvez tenha aproveitado até demais, foi mandado pela mãe às pressas pra passar um tempo com o tio. Disse ela, ao entregar o guri nas mãos do Antônio, que ele precisava de férias, desanuviar a cabeça. Qualquer um que visse o desespero da pobre da mãe e a cara do safado sabia que aquilo lá tava é fugido de pelo menos meia dúzia de marido chifrado. O Pedro ia trabalhar com o tio e morar na casinha aos fundos da fazenda. Não deu nem uma semana da chegada do guri, e veio uma nova leva de inquilinos do loteamento, quatro moças e uma família. À patroa, o Antônio disse que as moças eram velhas amigas, que foram procurar vida melhor na cidade e, como não acharam, resolveram voltar; ele, como era cristão de alma muito boa, decidiu ajudar. De boba, a mulher não tinha nada, ela conhecia o marido, sabia muito bem que ele não era de fazer favor de graça, e pra ser cristão de alma boa faltava muito. Ela também conhecia aquelas moças, sabia o nome de todas, de guerra e de batismo. Apesar disso, falava nada. As moças não eram nem novas, nem velhas. Maltratadas. Algum dia, o mundo já lhes tinha feito bem, e provavelmente foram bonitas. Boas de alma pareciam ser, abrigaram mais cinco pessoas sem cobrar dinheiro ou favor, e quando viram que a família teimava em ir junto para o loteamento, se ofereceram pra tomar a frente ou, ao menos, pra proteger os filhos se tudo terminasse em bala. De vez em quando, eu me surpreendo com essas gentes, nunca que eu ia imaginar que o Antônio, machão e aguerrido como gostava de dizer que era, fosse dar conversa, casa e emprego pros forasteiros, mas deu, e não demorou muito pras duas famílias se achegarem, criando uma parceria com jeito de que ia durar umas boas décadas, como acabou durando. Os recém-chegados não eram dali nem de qualquer outro lugar em volta, eram cinco pessoas, os pais e os três filhos, dois homens feitos e uma guria de uns quinze ou dezesseis anos. Todos fortes e de olhos tranquilos, pareciam acostumados a caminhar e a entrar em lugar desconhecido e a ver gente. Pra lembrar dos

nomes de todos eles eu já me quebro, só sei que a filha caçula se chamava Fátima, uma guriuzinha de olho faceiro. Ela trabalhava na casa do Antônio e tinha o costume de, todo fim de tarde, juntar na varanda os irmãos, a filha da patroa e quem mais passasse por ali, puxar um banquinho alto, e contar os causos da família. Em geral eram umas histórias sem pé nem cabeça que do nada acabavam e em que os personagens iam e vinham sem serem apresentados. Pra essa esbórnica, a Fátima também gostava de trazer uns cavalos bentos, estátuas de santos que de noite viravam gente, mulher que engravidava de peixe. Só não mexia com fantasma e aparição porque a mãe não aprovava. Em pouco tempo, a família já criava hábito, o pai e os guris acordavam cedo e iam encontrar o Antônio com os outros funcionários na obra (ficaram de construir a igreja e, mais tarde, o cemitério), passavam quase o dia inteiro virando massa e infestando as minhas ruas com o toque-toque do martelo. O bom é que a construção não demorou muito pra ficar pronta, uns dois anos e já tava tudo pronto pra pintar, o nome foi dado por um padre que o Antônio chamou muito a contragosto, e o padre também parecia de má vontade porque, pelo que eu soube, deu um nome exatamente igual ao da igreja de uma das cidades em volta. Pra contornar o problema, botaram uma homenagem pro açude que ficava bem atrás da fazenda do Antônio e de que quase ninguém lembrava mais. A Fátima e a mãe dela foram construindo a própria rotina, as duas levantavam e iam pra casa grande esquentar o leite e o pão pro café, arrumar as camas, varrer o chão. As mais velhas passavam a tarde no pátio, bordando e jogando conversa fora, não eram lá muito chegadas num mate e por isso se entupiam de café, chá de boldo e macela, tudo adoçado com mel. Quem tinha mão boa pra cozinhar mesmo era a Fátima, foi dela o primeiro sagu decente que o Antônio comeu. No segundo ano da construção da igreja, a comida da guriazinha andou mudando de gosto, ou era salgado demais, ou doce demais, seu pai foi o primeiro a perceber e, já desconfiando, alertou a esposa pra que ficasse dentro da casa durante as tardes, e começasse a ajudar mais a guriazinha no serviço. Como sempre, o cuidado veio tarde. A Fátima conheceu o Pedro quando ele foi ajudar na construção da casa da família, logo em seguida da fazenda. De primeira, já viu que aquilo lá não era de confiança, conhecia lábia e olhinhos de safadeza de longe, mas deixou que ele falasse, que gastasse todas as conversas, até que restou ele, que era só o que ela queria. Ficaram um tempo de frescura pelos cantos da casa, ajudados pela filha do Antônio, Catarina, que achou boa a ideia de a Fátima ficar devendo um favor grande. Viviam de trocas de favores, as duas - o primeiro pedaço do bolo pela limpeza do fogão, as camas arrumadas pelo tapete varrido, a faxina em um dos cômodos por quinze minutos de vigia do lado

de fora do quarto. Pra mim, a Catarina fazia tudo aquilo mesmo sem troca, era só a amiga continuar com os ouvidos abertos e a boca cheia de histórias que tava tudo certo. Incrível como a filha dela acabou saindo parecida. Mas eu dizia que era tarde quando os pais da Fátima começaram a desconfiar da distração e da comida de gosto estranho porque ela e o Pedro já se encontravam há mais de ano e até em casamento ele já falava. Como quem não quer nada, perguntaram pra Catarina se ela sabia de alguma coisa, a guria mordeu o lábio e disse saber de nada. Os irmãos da Fátima foram investigar na casa das amigas do Antônio, pra não perder o costume. O pai e o Antônio cogitaram em ir pra cidade, pra ver se achavam o filho de uma égua mal parida que deu pra se engrajar pra guria. Foram impedidos pelas mulheres, que disseram pra eles sentarem na sala e mandaram chamar o Pedro. Antes que ele chegasse, bateram palma no portão, era um dos vizinhos novos, pedia socorro, é o piá, o negrito da vizinha, tá com febre alta, tem que ir pro hospital. Correram pra casa da moça, meteram os dois no jipe e se desembestaram pra cidade. Quatro dias depois, traziam a mãe e o pequeno de volta. Naquela tarde, o cemitério foi inaugurado. A moça não saiu de perto do filho, toda ela continuava pequena, toda ela bailarina. O senhor grisalho nunca voltou pra cá, não chegou a conhecer o herdeiro. Foi tudo tão rápido que mal deu tempo de o sacristão chegar pra salpicar o corpinho de água benta, nem chorar direito o povo ia conseguir. Os homens se preparavam pra fechar o caixão, quando o amigo do Antônio pediu que esperassem. Em seguida, chegou a mãe da Fátima, que tinha sumido assim que botaram o caixão na mesa da cozinha (aprendi com eles que os pés do defunto tinham que ser virados pra porta, pra levar a morte toda junto com ele - como se isso adiantasse de alguma coisa). Ela tinha se vestido toda de preto, com pano amarrado em volta da cabeça e lencinho branco nas mãos. A filha vinha logo atrás, de cabeça baixa e vestida que nem a mãe. Os vizinhos, sem entender, abriam caminho. A mulher puxou o ar e começou a cantar uma música estranha, a Fátima no coro: *“Oh, Miguel, escuta a voz de quem te chama/Vai buscar aquela alma/Há três dias que ela clama/Oh, de casa oh de fora/O inferno estremeceu/Eu vim buscar esta alma/Quem mandou foi o meu Deus”*. O canto tinha mais uns pedaços, mas faz tanto tempo que não cantam a reza inteira que eu esqueci. Elas repetiram mais umas vezes (depois soube que era parte do costume, não adiantava de nada se não tivesse a repetição, o morto podia pegar o chamamento na metade e daí se confundir), entre pedidos de que o guri fosse pra casa sem demora. Diziam adeus do jeito delas, ajudavam a morte a levar do jeito certo. Aquela gente tinha se acostumado a andar e, por isso, a perder um pouco do lugar de onde vinham, mas o

canto parecia ser o pedacinho que se recusavam a largar. Ficaram em volta do caixão por mais umas duas horas, dando pros outros mais tempo pra derramar umas lágrimas, como o sacristão tinha mais um casamento e uma missa de sétimo dia pra celebrar, não puderam velar o corpo a noite toda, e o guri foi enterrado no fim da tarde debaixo dum céu muito rosa e duma terra muito preta. Quando chegaram na casa do Antônio, a mãe da Fátima reuniu todo mundo na varanda, puxou o banquinho e falou sobre a tradição da família: era choradeira, nasceu chorando e não parou mais. Cresceu dentro de igreja e de cemitério, vendo morto, cantando pra morto, sentindo dor e tristeza por quem nunca conheceu. Chamavam quando o moribundo começava a querer expirar, velava o pobre até que ele encontrasse o caminho. O canto servia pra dizer aos vivos que tinha alma indo embora, aos mortos, que dessem boas vindas pro novo companheiro, e ao morto, que não se perdesse. Precisava de cantar, porque senão o coitado ia ficar zanzando sem rumo, e a lágrima era pra dizer que lhe queriam bem, uma prova, miudinha, de que não passou pela vida sem que alguém lhe tivesse amor. A mãe passava pra filha que passava pra filha, e assim iam. A Fátima já conseguia chorar direito, faltava coisa ainda pra aprender, mas a guria ia pelo caminho certo. Na vizinhança, o entrevero foi grande, uns disseram que era reza pra fazer defunto levantar, outros desconfiaram que aquilo ali era pacto pra conservar a perna firme, e a maioria só achou o canto bonito, melhor do que as rezas compridas do sacristão naquela língua lá que ninguém entendia. Aquela foi a primeira de muitas vezes em que as duas choraram os defuntos daqui. Com a morte do guri, todos esqueceram por uns dias do namorico da Fátima e do Pedro, até eles dois concordaram em dar uma acalmada nos encontros, decidiram esperar tudo se assentar de novo e a Fátima melhorar do mal-estar que tinha dado pra sentir nos últimos dias. O Pedro não conseguiu esperar muito, e depois de duas semanas lá estava ele chamando no portão do pai dela. A Fátima, já sabendo o que era, até tentou desconversar, mas o Pedro se adiantou e pediu a mão da moça pros pais e pros irmãos, por último perguntou pra ela. No outro dia, o Pedro pegou uma carona com os irmãos da Fátima, que iam ver as namoradas na cidade, o guri queria comprar um anel pra presentear a noiva, e o penhor tinha sempre uns no mostruário. Na casa do Antônio, mais acostumada com a ideia, a Fátima não parava de sorrir. Por precaução, sua mãe mandou que ela fosse limpar as janelas e não chegasse nem perto da cozinha, até porque o cheiro da comida lhe andava tirando as cores do rosto ultimamente. O tempo vai passando e eu vou me convencendo de que os pais dão metade da própria inteligência pros filhos quando eles nascem. Eu, daqui do meu canto, nem precisei me esforçar pra ver que a Fátima tava era

de barriga cheia, esperando uma criança de olhos de peixe morto. A única que não demorou pra perceber também foi a Catarina, essa mal soube do primeiro enjoio e já foi meter o ouvido na barriga da amiga pra ver se ouvia um pulinho vindo dali de dentro. O Pedro achou o anel perfeito (o que podia comprar), e voltou correndo pra casa pra ver a noiva, que o esperava na porteira de braço aberto, os dois foram direto pra casinha dele, e dessa vez a Catarina não precisou ficar vigiando do lado de fora. Começaram a costurar o enxoval, dentro de uns seis meses estaria tudo pronto e os dois podiam juntar os trapos. Souberam da gravidez da Fátima só no quarto mês, que foi quando a barriga inflou. Ela se mudou pra casinha aos fundos do pátio do Antônio, pediu pro pai dela ajudar na construção da cerca e de mais um quarto, pra criança ter conforto. O Pedro, que já não via a mãe há um tempo, decidiu ir convidar a velha pro casório, pra que ela visse como ele, afinal das contas, ia bem na vida. Pediu o jipe do tio emprestado e partiu pro bairro de onde tinha saído às escondidas há uns anos, disse à Fátima que até a noite voltaria. Ela esperou, de olho na estrada, por dois dias. No terceiro, avisaram pro Antônio que tinham achado o carro num descampado a uns dez quilômetros da casa da mãe do Pedro. O guri no banco de trás. Não viram nada, não souberam de nada, não ouviram os gritos, não ouviram o tiro, quem procurava o guri achou, e se vingou por um negócio de que ninguém mais se lembrava. No velório, a mãe da Fátima fez coro, deixou que a guria assumisse o canto, afinal, se tinha uma voz que ele ia escutar de longe, era a dela. Não teve um olho seco naquele dia, e os mais impressionados juraram terem visto um vulto ajoelhado na frente da Fátima. Eu mesma lembro de ter visto qualquer coisa anuviada perto dela, e não duvido que aquela fumacinha era o Pedro dizendo pro pequeno não se demorar dentro da barriga, que a mãe dele ia precisar de companhia. A criança nasceu no último dia do oitavo mês de gravidez, a Fátima decidiu ficar morando na casinha aos fundos do Seu Antônio e só aceitou que a Catarina morasse junto porque não conseguia mais se abaixar pra tirar o pó debaixo da cama. O bebê nasceu numa noite de maio, na semana do veranico, uma das vizinhas servindo de parteira. Ficou uns dias sem nome, a Fátima queria chamar de Pedro mas ficou sem ideia quando a criatura enganou todo mundo e veio menina. Foi a Catarina que, notando a esperteza da gurizinha, que ficava a maior parte do tempo acordada e prestando atenção em tudo, sugeriu um nome. Disse primeiro pra própria criança, e não sei se ela gostou mesmo ou se achou engraçado ou se podia achar alguma coisa sendo daquele tamanho, o que eu ouvi foi uma risadinha boa, a primeira dela. Ao saber disso, a Fátima não viu jeito a não ser usar o nome que a amiga escolheu, era estranho e pra ela parecia

mais coisa de pai que aparece encachaçado no cartório pra registrar. Paciência. Ela se chamaria Astúcia mesmo, e estamos conversados.

Manhã, 11h

- Mas não tem ninguém pra gente contratar? Sei lá, uma das velhas lá do clube de mães...

- Tu sabe que a dona Astúcia nunca gostou das senhoras de lá.

- Tá, mas ela não vai poder reclamar, vai? E outra, choro é choro. É tudo igual.

- Se a dona Astúcia te escuta falando isso ela te joga o chinelo.

- E o que a gente faz?

- Nada, eu acho.

Imaculada e César, encostados às portas da capela do Lazarus. Ela de frente para ele, mãos na cintura, querendo resposta. Ele de frente para ela, braços cruzados, olhos aguados, virados para o portão de entrada. Ela desce os braços, encosta as pontas dos dedos de unhas vermelhas no rosto dele.

- E tu?

- Uma merda. Tu sabe.

- Eu sei.

*

- Nunca entendi por que a mãe tinha inveja do nariz da tia Astúcia.

O comentário do Basílio chega enevoado aos ouvidos do Nestor. Ele está observando o sono da ex-esposa. Está bonita, maquiada (obra da Imaculada, provavelmente). Percebe que o filho da velha Caetana não lhe tira os olhos. Lembra de um dos fragmentos que pode entender.

- Do nariz?

- É, a mãe falava que não tem coisa mais feia que nariz. Nariz de gente, nariz de bicho. Um negócio comprido e dois buracos, uma coisa metida no meio da cara que deus botou só porque não sabia por onde mais a gente podia respirar.

- Então o nariz é a solução de deus para um bloqueio criativo.

- Por aí. Mas o nariz da tia não. Era o único que a mãe achava bonito, o único que tinha um formato mais decente e não dividia a cara. Tu sabe que pra certa a mãe não servia, né?

Nestor nunca tinha reparado no nariz da Astúcia. Começava fino, lá no cruzamento com as sobrancelhas e a testa, e ia alargando devagarzinho até formar uma bolota, protuberância nem grande nem pequena, do tamanho certo. As narinas eram só dois montinhos que se alinhavam com os vincos dos cantos da boca (marcas de sorriso, ela chamava). De fato, era bem bonito. Combinava com ela.

*

- Calma, homem! Não vai me fazer esparro no meio do serviço.

- Não sou besta pra fazer uma desfeita dessa pra velha. Mas que eu tô louco pra tirar esse Nestor daqui abaixo de pontapé, isso eu tô.

- Tá certo, mas deixa ele se despedir da dona Astúcia. Bem ou mal eles foram casados por um bom tempo, ele tem o direito.

- Ele perdeu o direito quando resolveu deixar a velha aqui sem nada.

Próximos a uma das janelas, Heitor se aproxima cada vez mais de Seu Júlio, uma das mãos em seu ombro. A Astúcia não ia gostar que os dois brigassem como da última vez.

- A gente não sabe o que aconteceu de verdade entre os dois, Júlio. E ela não ficou sem nada.

- Ela ficou sem o filho e o marido. Que foi que sobrou pra pobrezinha?

A capela do Lazarus já começa a encher. Heitor decide não continuar a conversa com Seu Júlio, virando de frente para Basílio e Nestor. Para ele também não tinha sobrado muita coisa.

*

Já era quase de noite quando a Astúcia resolveu que ia se embora. Levantou tarde, lá perto das onze, esticou as cobertas, passou uma vassoura na sala. Com um pedaço de toalha velha que de tão velha já nem dava para reconhecer a cor, tentou tirar o pó dos estofados. Como tudo o que conseguiu foi espalhar ainda mais a poeira, perigando atacar a rinite, parou. Arrastou os chinelos para a cozinha. Tomou um café bebido. Saiu.

Economizava na força para fechar o portão, não batia forte porque podia assustar os vizinhos; se não cuidasse era um tal de todo mundo sair de casa para perguntar quem tinha sido dessa vez, isso quando as senhorinhas não saíam já de guela aberta, um fiasco brabo. Tanto tempo depois, e eles ainda não sabiam que a Vizinha sempre encontra um jeito de avisar antes de vir. Era educada, não perguntava se podia entrar porque a casa era dela, mas fazia questão de anunciar a chegada. A Astúcia gostava de acreditar que ela fazia isso só para ajudar os viventes a se prepararem, dando um tempo para arrumar a casa, varrer o chão e dar um beijo nas crianças; mas ela sabia que a Vizinha só fazia isso porque era dada a aparecer. A lágrima era do que ela mais gostava, a diaba. Ai da Astúcia se não derramasse umas gotas; ela embrabecia e maltratava a pobre da velha até arrancar um chorinho.

A Vizinha era criativa, tanto para levar embora quanto para dizer que estava vindo. Astúcia não se conformava que ninguém mais podia vê-la chegando, ela que para discreta nunca serviu. Era tão fácil, só olhar para fora, para a cor do céu. Sempre ventava um pouco, dentro e fora das casas, dentro e fora da gente. Na Astúcia, o peito ficava vazio e lhe doíam as juntas. Cansou de ouvir que aquilo era frescura, que ela não podia sentir o anúncio da Vizinha, para com isso, Astúcia, que só quem sabe da hora dos homens é deus lá em cima. Não discordava, deus lá em cima podia saber quem ia e quem ficava, que bom pra ele, mas ela, mirrada e pobrezinha aqui embaixo, também sabia, e isso ninguém podia mudar. Por pior que às vezes fosse. E, às vezes, era.

Astúcia trancou o portão da frente, passou o cadeado, riu de si mesma porque o muro era baixo. Se alguém quisesse entrar, só precisava pular. Desceu a lomba em linha reta, bem devagar para ver de que cor estava o céu naquele dia. Passou pela casa do Seu Júlio e não bateu palma, ele já devia estar no Lazarus, de chapéu na cabeça e de bunda para cima, tirando o limo dos túmulos. O César passava cada vez menos tempo ajudando no cemitério, o que era até bom porque o guri precisava de ver que a vida não era só morte. Que deixasse as intimidades com a Vizinha para os velhos, que estavam mais próximos. Encontrou o portão aberto e o velho agachado esfregando uma das lápides do lado esquerdo.

A Astúcia e o Seu Júlio esfregaram as lápides, varreram a capela, botaram água nas plantas da entrada. Seu Júlio teve fome e foi almoçar, a Astúcia ficou por ali mais um pouco. A gente sabe se despedir melhor quando não sabe que está se despedindo. Ficou até o meio da tarde sentada na frente da capela, Seu Júlio do seu lado. Não conversaram muito, nunca tiveram muito que dizer. Quando a Astúcia achava que era hora de ir, só olhava para o Seu Júlio, dava um sorriso e fazia um meneio com a cabeça, ao que ele respondia Tchau, velha. No dia em que a Astúcia decidiu que ia morrer, ele disse Tchau, minha velha, e nem percebeu a diferença.

Antes de voltar para casa, ela ainda passou no mercado, para ver como o Manuel estava da gripe, aproveitou para comprar umas balas, que deu para as crianças do Basílio, conversou no portão com a Irene, perguntou do estágio da Imaculada e do namoro com o César, passou reto pela casa do Heitor. Olhou para o céu, para ver de que cor estava.

Quando era nova, a Astúcia pensava a todo tempo em sair da Vila do Açude. Tinha uma vontade de se escapar que chegava a lhe apertar a cabeça. Tentou ir algumas vezes, procurou apartamento, mas mudava de ideia em seguida. Desistia quando tinha que ir para a cidade e, do ônibus, via de longe a ferradura de asfalto e o campo lá atrás, um céu bem azul logo acima. Enorme. Duvidava que outros lugares tivessem céus tão grandes assim. Para quem não morava na Vila do Açude, a Astúcia gostava de dizer que ali o céu era mais baixo, esticou a mão e já alcançou. Depois de tanto querer sair, decidiu não querer mais. Cansou de ir ver morada, falar para os vizinhos, procurar padaria e cemitério, combinar um dia para ir fazer o depósito, e desistir no meio do caminho. O ruim era ter que aguentar as piadas da Caetana, que ficava semanas se rindo

da indecisão da amiga e do escarcéu que ela fazia quando punha na cabeça que estava de mudança.

Dessa vez, ela ia se embora, mas resolveu não dizer nada para ninguém. Até porque não tinha sobrado muita gente para avisar. Chegou em casa no fim da tarde, ligou a TV para fazer barulho, e foi preparar um ovo frito para comer com pão. Uma xícara de café preto, bem quente e sem açúcar, como o Nestor gostava. Tanto brigou com ele para não tomar aquela tintura pelando daquele jeito, que ainda lhe estragava o estômago, que acabou se acostumando e passou a beber assim também. Era só café mesmo.

Fazia tempo que a Astúcia não ligava para o Nestor. Não tinha vontade e, muito menos, paciência para aguentar choro. O seu já era suficiente. O Nestor era um homem bom, mas chegado num drama. Chorava quando não precisava, ficava seco quando não devia. O Nestor era um homem bom, mas teimoso. Achava que ficar velho era saber menos. Vivía querendo ensinar o que não entendia. A Astúcia já teve que apartar umas boas brigas dentro de casa por causa disso. O Nestor era um homem bom, mas indeciso. Demorou um tempo para pedir a mão dela, e mais para marcarem a data. Se ela deixasse, estariam noivos ainda, ele trabalhando e juntando o dinheiro do milheiro de tijolos para uma reforma qualquer na cozinha. Ela não deixava, tratou de alugar o vestido e encomendar o bolo. Um tempo depois, a Astúcia decidiu que ia ficar grávida no final do ano, já dando o prazo que era para o Nestor não arranjar desculpa. O Nestor era um homem bom, mas não sabia. Quis tirar dela o choro bem quando ela tinha de chorar e, como não conseguiu, pensou em ir embora, primeiro de boca fechada – que era como ela ouvia melhor. Ela separou as roupas do Nestor, consertou o fecho da mala. Esperou. O Nestor foi embora e disse que a culpa era toda dele. A Astúcia deixou que ele fosse assim mesmo, um dia ele pararia com a frescura. Por um momento, pensou se não deveria ter pedido que ele ficasse. Talvez sim, só que demorou e nem importava mais. O Nestor acabou sendo um homem bom, e só.

Comeu o ovo, comeu o pão, tomou o último gole de café. Cruzou os talheres em cima do prato, arrastou as chinelas para fora da casa, se debruçou no portão da frente e olhou para o céu. Só para ver de que cor estava. Ouviu um cumprimento de uma voz sem vontade. Era o Heitor voltando do armazém.

- Boa noite, dona Astúcia.

- Como andamos, Seu Heitor?

- Bem. Namorando no portão, é?

- Só se for com os mosquitos. E a patroa, já voltou?

- Ainda não, o médico deu mais coisa pra ela tomar, daí a gente achou melhor ela ficar mais umas semanas. Acho que foi certo, né?

- Foi sim, pelo menos tu sabe que ela tá sendo bem tratada, tomando o remedinho na hora, fazendo exame. Tu fez certo, guri. E avisa ela que, assim que voltar, eu faço aquelas cuecas viradas pra gente tomar um café.

- Aviso sim.

A Astúcia olhou para as sandálias do Heitor que olhou para os chinelos dela. Estavam nisso de se olhar de baixo há muito tempo, sabiam tudo dos pés um do outro, o formato da unha, o tamanho do pé. O Heitor não gostava muito de olhar para a Astúcia: era a cara do guri, ou o guri era a cara dela, não conseguia se decidir qual dos dois. Era pequena como ele, magrinha como ele, de cabelo escuro como ele. Ver a cara da Astúcia era ver a cara do guri dela e lembrar que ele tinha se tornado só mais uma daquelas palavras que a gente escolhe não dizer por causa do amargo na boca. Palavra xarope. Palavra com cheiro de mondongo fervido, ruim que só ela. Eram poucas as coisas de que não falavam na Vila do Açude, o guri era uma delas, embora todo mundo se lembrasse. Só que falar nele era doído para a Astúcia e, se era doído para a Astúcia, era doído para a Vila, por isso ninguém falou mais nada. Só que o silêncio também acabou ficando com gosto ruim.

A Astúcia achava engraçados os dedos do Heitor: era tudo bem uniforme, só o dedão gordito que ficava lá embaixo, separado dos outros. Às vezes, se pegava olhando tempo demais para os pés dele, quando isso acontecia, já dava jeito de alertar o vizinho para dar uma olhada nos dedos, que pareciam inchados. O Heitor, ocupado demais olhando para as chinelas da velha, só concordava e saía de perto. Naquela noite, no entanto, a Astúcia não olhou para baixo, ela levantou a cabeça, e esperou que ele levantasse a dele também.

Demorou um tempo, mas eles dois se olharam, e estavam feios. Ele encurvado, ela menor. Os dois tinham virado só um rabisco muito do mal engendrado, cada qual

com a sua palavra de gosto ruim. O Heitor engoliu em seco, a Astúcia cuspiu uma risada.

- Mas a gente pediu pra ser feio e entrou dez vezes na fila, hein?

O Heitor, de ouvido assustado com a risada da velha, só concordou e já ia sair de perto, mas a Astúcia continuou:

- Tu não acha que a gente já morreu demais pra uma vida só?

- E como é que faz pra parar, Astúcia?

Astúcia não respondeu. Decerto, também não sabia ou, se sabia, não quis dizer. Deixou que o Heitor se afastasse daquele jeito pesado dele, os pés batendo no chão. A cabeça pequena quase sem cabelos. Que homem bem feio. Em nada parecido com o filho. (No mesmo dia, mais tarde, o Heitor voltaria ao portão da Astúcia, decidido a procurar com ela um jeito de os dois morrerem menos. Após bater palma e chamar pela vizinha, ele pularia o muro e, pela janela da frente, viria que ela tinha se cansado de esperar.)

A Astúcia percorreu o caminho de lajotas de volta para a casa. Mandou trocar o vidro da janela e a foto guardou numa caixa de sapatos, mas não lembrava que fim deu ao porta-retratos. Era quase certeza de que foi para o lixo. Parou em frente à porta aberta e deu uma última reparada no céu. Todo granulado de nuvem e pintado de laranja, com umas pinceladas de azul bem forte. Se levantasse bem as mãos, podia até encostar. Lá no fim do descampado, o sol se derretia em amarelo. Tranquilo. Sentiu um vento leve que lhe arrepiou os cabelinhos da nuca. Respirou fundo. As juntas nem precisaram doer.

Entrou em casa e decidiu que ia se embora. Botou a água para esquentar, tirou do armário da cozinha as duas xícaras de visita (as do conjunto, com pires combinando), procurou na latinha de chá por um bom sabor. Ajeitou a louça em cima da mesa, xícara no pires e colher na xícara, serviu a água quente (não fervendo, que estraga o chá) e esperou a Vizinha chegar.

O problema de ficar velha é que aos poucos a cabeça vai ficando que nem um novelo de lã colorida. Emaranhado e confuso. A gente até tenta puxar um fio de uma cor só que junto vem sempre uns três ou quatro e nem dá pra separar porque daí eles afinam e arrebatam tudo e não sobra nem um fiapo de linha pra costurar memória. O jeito é ir puxando e deixar que elas venham como quiserem, depois eu arrumo. Às vezes eu esqueço, troco uns nomes, misturo uns pedaços. O bom é que eu levo jeito pra inventar causo, aí quando não lembro de alguma coisa só invento e segue o baile. (Tem vezes em que o inventado fica até melhor do que o original.) É a história ser um pouco convincente que eu já acreditei. Não tem ninguém aqui pra me desmentir mesmo, tá todo mundo ali embaixo brincando de ser gente enquanto eu por aqui vou fingindo ser só um amontoado de terra e céu e rua e árvore e bicho com umas plantações de qualquer coisa no meio. E o pior é que eles acreditam. Não pode exigir muito deles, a mãe da Fátima dizia que tem que ir devagar com esse pessoal, é tudo medroso, nasceu ontem. Por isso que, quando enterraram o piá, ela cuidou pra contar uma história bem bonitinha do ofício de choradeira. Falou como se fala com criança, e preferiu não contar o que acontece quando o morto não é chorado direito. Só que ela sabia, e depois eu também fiquei sabendo. A Fátima até contou pra Astúcia como é que defunto fica quando a choradeira não derrama lágrima boa, mas não entrou em detalhes, não queria que a gurizinha tivesse pesadelo. Resolveu que ficaria morando na casinha dos fundos do Antônio, e não adiantou a mãe falar, o pai falar, nem os irmãos quererem levar pra casa de arrasto, a Fátima ia viver na casa do Pedro, ia usar as coisas do Pedro, ia dormir na cama que era do Pedro, e talvez assim diminuísse um pouco a falta do Pedro. Quando não diminuía, lá ia a Catarina enxugar os olhos da comadre e dar colo pra Astúcia. De tanto as duas passarem tempo ali na casinha, o Antônio começou a se preocupar, uma porque a Fátima só aparecia na casa grande pra cozinhar e nem sagu fazia mais; outra porque já tinha passado da hora da Catarina arranjar um marido e, se demorasse mais um pouco, arriscava dela ficar pra tia, o que não chegava a ser uma desgraça pro Antônio, mas era pedir pra se incomodar com a patroa, e disso o homem se pelava de medo. Pra evitar confusão, arranjou pra Catarina o filho de um dono de açougue, amigo da canastra. (Nem lembro o nome do moço.) Pra feio não servia, pra bonito muito menos, mas parecia simpatizar com a Catarina e nem se importou com as exigências que ela fez dias antes de casarem. Os dois até poderiam morar numa outra casa, mas daqui não arredariam pé e, principalmente, o nome do primeiro filho teria que ser escolhido nem por ele, nem por ela, mas pela Fátima. O que ela dissesse, eles aceitariam

(foi esse o combinado das duas quando a Astúcia foi batizada). A Catarina acabou tendo só uma filha, que nasceu uns dois anos depois deles se ajuntarem. Pra mim, a Fátima foi preguiçosa na hora de escolher o nome da gurria, só pegou o nome da mãe, deu umas ajeitadas e pronto: virou Caetana. Nem viu cara de quê a criatura tinha, se bem que hoje eu ache que a Caetana tinha mesmo cara e jeito de Caetana e nenhum outro nome ficaria melhor do que Caetana. Cresceram juntas, a Astúcia e a Caetana. As comadres se visitavam todos os dias e levavam as crias pra brincar, começaram deixando as duas sozinhas no pátio, mas viram que não dava certo e botaram as cadeiras do lado de fora da casa, pra ficar de olho. Não dava meia hora de brincadeira e as duas já começavam a se empurrar e a puxar os cabelos uma da outra (geralmente, era a Astúcia quem começava, gostava de se prevalecer porque era mais velha). Às vezes, dá falta da piazada daquela época, que passava o dia correndo de pé pelado no chão e zanzando pelas minhas ruas sem nunca se perder. Jogavam bola, jogavam taco, entravam no pátio dos vizinhos pra roubar laranjinha. Hoje quase não tem mais pé de laranjinha, o pessoal corta porque ninguém come, dizem que a casca é amarga demais. Gente fresca que não aguenta um azedume de nada. Mal sabem que tudo fica amargo com o tempo. Com o tempo, os tios da Astúcia foram cada um pro seu lado. Um deles arranjou uma velha rica e foi viver de regalia numa cidade bem longe daqui; o outro, que não era de falar muito, fez a mala, beijou a mãe na testa, deu um abraço na irmã e partiu sem dizer pra onde, sem saber pra onde. Só disse pra Astúcia que fosse boa e cuidasse da mãe, e da tia Catarina. Não demorou muito pra guriuzinha mostrar que tinha escutado o tio; um ano depois de os filhos terem ido embora, o avô da Astúcia escorregou do telhado de uma casa que ajudava a construir, mergulhou de cabeça no chão e não quis mais levantar. Na hora da reza, a avó da Astúcia esqueceu metade dos versos, deixando pra Fátima a tarefa de cantar pro pai não se perder. A Astúcia ficou todo o tempo com os dois bracinhos em volta da cintura da mãe. Tinha seis anos. A avó da Astúcia viveu um bom tempo ainda, tentou rezar mais umas vezes (uma delas foi pro Antônio, que entristeceu depois da morte do sobrinho, e desistiu quando o amigo construtor também inventou de ir antes dele), mas não conseguia lembrar das palavras. Acabou só no choro mesmo, deixando a cantoria pra Fátima e pra Astúcia, que já começava a tentar os primeiros versos. A Catarina até aprendeu umas rezas, só que não chegou a praticar (dizia que não levava jeito pra derramar lágrima), já a Caetana tinha medo de cemitério e ficou sem dormir umas três noites depois de ter visto o primeiro morto de algodão no nariz. A Astúcia, endemoniada que só ela, fez questão de não deixar a Caetana perder o medo

tão cedo, vivia contando história de fantasma e assustando a guriuzinha com o ruído de alma penada (que era só o barulho dos ratos que moravam debaixo do assoalho da casinha da Fátima). Cresceram assim, aquelas duas. E eu fui crescendo junto. Mais gente veio morar aqui - nessa época a viúva do Antônio, que já estava mais pra lá do que pra cá, tinha desistido de cobrar o aluguel do terreno, deixando pra prefeitura de uma das cidades a responsabilidade e o prejuízo, o pessoal foi se assentando, levantando muro, botando poste. Desesperei quando uns moleques da prefeitura inventaram de colocar asfalto numa das minhas ruas, um dia apareceu um caminhão e piche e gente e meteram aquela gosma preta por toda a minha lombo, como se já não fosse sacanagem o bastante terem me cortado a maioria das minhas árvores. (Figueira, inclusive.) Eu, como tô nessa merda de ficar olhando e não poder falar nada, fiquei quieta. Bueno, mas eu ia dizendo alguma coisa que não era isso. A Caetana gostava de assustar a Astúcia com história de morto, ou era o contrário, agora já não me lembro, o negócio é que elas cresceram, viraram moças, a Caetana sacudindo o saiote e o cabelão pelas ruas, administrando três namorados ao mesmo tempo, um daqui e dois da cidade, a Astúcia voando as tranças por aí, de joelho ralado e bolsinha atravessada no corpo, acompanhando a mãe nos velórios. Em pouco tempo, já tinha decorado a maioria das rezas que a mãe sabia (que não eram muitas, porque a mãe da Fátima não conseguiu ensinar tudo. Um dia ficou esquecida, e acabou morrendo só com o nome e a roupa do corpo, vestia os dois com o mesmo cuidado de coisa que não dá pra se perder porque é só o que se tem), só faltava aprender a derramar lágrima boa. Eu lembro o primeiro defunto que a Astúcia rezou sem a mãe, era o dono da única loja de aviamentos daqui, veio com a primeira leva de moradores. Um senhorzinho de cara toda enrugada de quem ninguém lembrava o nome, mas todo mundo conhecia de vista. A Astúcia foi rezar sozinha porque a Fátima pegou uma gripe forte e ficou de cama, a Catarina servindo de enfermeira. A essas alturas, o povo já tinha se acostumado a chamar pelas choradeiras pra rezar os defuntos, se desse tempo chamavam o padre. Foi triste, o velório. Não tanto pela morte do velho, mas pelo jeito atrapalhado da guria pra chorar. Chegou atrasada, se enfiou no fundo da capela e de lá tentava enxergar o caixão na ponta dos pés, foi tentar dizer uns elogios só que acabou errando o nome do defunto. Por fim, deu um jeito de ficar por último na fila da despedida, e aí cantou e chorou baixinho, com a mão na cabeça do velho. Ninguém pareceu entender o que tinha acontecido com a Astúcia pra fazer esse fiasco, mas alguns combinaram de falar muito bem do choro pra mãe dela. Ficaram com pena da guriuzinha de dezesseis anos que tão novinha e já devia orientar

gente morta. O único que não parecia ter pena era o neto do senhorzinho, um gurizão alto de cabelo de argila e calça apertada, que não tirava o olho da guria. A Caetana, bem mais viva pra safadeza do que a amiga, lá foi puxar assunto com ele, levando o guri pros lados da Astúcia e inventando uma desculpa pra sair de perto. Pelo jeito, funcionou, porque os dois não se largaram pelo resto do velório. Ela voltou pra casa faceira da vida, nem se importando com o nariz torto dos vizinhos - na certa eles estranhavam o sorriso da guria que acabava de chorar um defunto. Riso e choro numa cara só, coisa que nunca tinham visto, e passaram a ver muito dali em diante. Encontrou a Catarina torcendo pano molhado pra colocar na testa da mãe. A Fátima não quis saber de hospital (não confiava em médico desde que um deles disse que a mãe ia esquecer tudo e que o melhor era botar a velha a viver os últimos tempos numa dessas casas pra gente idosa). A mãe da Astúcia teve febre alta por dois dias, no terceiro passou a tossir feito louca. A Astúcia, a Catarina, o marido da Catarina e a Caetana se juntaram pra obrigar a Fátima a ir ver o doutor na cidade. Foi internada pra tomar soro e remédio. Por aqui, a Astúcia disse que ia aprender a costurar enquanto esperava a mãe voltar pra casa, e por isso se metia a comprar linha e agulha e botão todo o dia na lojinha de aviamentos. Até que todo mundo fingiu muito bem que acreditava nessa história e que o interesse da Astúcia por linha nada tinha a ver com o novo ajudante da loja, o gurizão ruivo que resolveu ficar por aqui, ajudando a avó nos negócios e nas tarefas de casa. Ele entendia mais de costura do que ela, e um dia, ao mostrar dois botõezinhos pretos pra Astúcia (mercadoria nova, chegou ontem), disse que tinha guardado pra ela porque os botões eram bem escuros e delicados, e refletiam qualquer luz que pusessem em cima deles. Só a Astúcia mesmo pra entender que ele tava falando era dos olhos dela. A Astúcia tinha dessas estranhezas, não parecia escutar muito quando falavam com ela, mas quando ninguém dizia nada, aí ela entendia tudo, até o que escondiam. O gurizão nem precisou perguntar, e ela já disse que podia ir passear com ele no sábado sim, era só pedir pra mãe ou pra tia Catarina. Antes de ir embora, agarrou as duas alças do avental dele, se esticou toda e tascou-lhe um beijo desajeitado. Saiu bem decidida, a bolsinha atravessada no corpo. O guri (que se chamava Nestor) ficou lá, meio tonto meio confuso meio rindo. Naquele dia, a Astúcia voltou pra casa de olho pregado no céu, testa franzida, dedos num encolhe-estica sem parar. Tarde de vento fresco. A Fátima não voltou pra casa, disseram que a tosse aumentou e o peito começou a chiar, até que parou de se mexer. Ela foi embora durante a madrugada, saiu de lá a passo com o Pedro, que finalmente lhe pôs o anel no dedo. A Astúcia até pensou em não ir pro enterro, ninguém

tinha nada que ver com o choro dela, mas desistiu quando a Caetana disse que a Fátima precisava ouvir o canto da filha pelo menos uma vez. A Astúcia deixou a voz ecoar pela capela e saiu de cabeça baixa, braço enganchado na Caetana. Foi passar na lojinha de novo só depois de umas semanas, sendo recebida pelo Nestor com uma caixa cheia de botõezinhos pretos que ele tinha guardado pra ela. Ela agradeceu o presente e os dois marcaram de ir tomar sorvete no outro dia. Tomaram e conversaram e ele ganhou mais um beijo. Dias depois, começaram a namorar, com a autorização da Catarina. De tanto que eu enxergo, o que eu menos gosto de ver é esse povo nas intimidades deles. É tudo igual, tudo muito rápido e sem graça e acaba quase sempre do mesmo jeito. Quando eu vejo que eles vão começar com a frescura, já me viro e vou olhar outra coisa que eu ganho mais. Curiosamente, a Astúcia e o Nestor demoraram até partir pras frescuras, o que rendeu uma deitação de cabeça da Caetana, dizia ela que pra alguém que canta pra defunto e consegue escutar a cabeça dos outros, a Astúcia era lerda demais. A Astúcia respondia “vai à merda”, e dava uma risada. Os tempos e as gentes passaram, a Astúcia aprendeu a ser boa no choro e, com a ajuda da Caetana, inventou uns costumes pra tornar o canto mais interessante. Aposentou a bolsinha atravessada, pediu que o Nestor lhe pregasse um bolso na frente do vestido preto (pra guardar os lencinhos), ensaiou um coro com a Caetana e com a tia Catarina. O povo acabou se acostumando, a Astúcia foi pegando gosto pelo ofício e achou que ia ser bom conhecer aquela gente em vida também, pra poder cantar melhor na morte. Virou conversadora, foi trabalhar com o Nestor na lojinha de aviamentos e os dois decidiram se mudar pra casa que era da avó dela. A essas alturas, a Caetana já tinha casado, descasado, e esperava pelo primeiro filho. Depois do batizado do piazito (tanto nome pra botar e me escolheram Basílio. Não foi ideia da Astúcia), a Astúcia resolveu que precisava ver se casamento era mesmo tão ruim quanto a Caetana falava. Esperou que o Nestor percebesse o que ela queria, mas acabou descobrindo que iria ter sempre que falar pra ele ouvir. Um dia perdeu a paciência, foi até a casa de uma vizinha costureira, encomendou um vestido, pediu à Catarina que fizesse um bolo e à Caetana que falasse com uns conhecidos da igreja rosa, pra iniciar os preparativos. Queria tudo bonito, bem enfeitado. Pegou mania de beleza porque de feiúra já tinha visto o suficiente, e não queria ficar que nem a mãe ou a avó que, de tanto chorarem pra morto, acabaram elas morrendo antes do tempo, antes mesmo de morrer. O último a saber do casório foi o noivo, a Astúcia avisou um dia antes da cerimônia, a igreja decorada e os docinhos enrolados. Apesar disso, ele não criou caso (disse pra ela que a cerimônia era só pra mostrar pros outros o que eles já

tinham). No fim das contas, depois da festa tudo voltou ao normal mesmo. A Astúcia se ocupou com outros planos e vontades (ela e a Caetana continuavam inventando moda nos velórios e, certa vez, decidiram reformar o Lazarus, que ficou abandonado quando os avôs delas morreram, depois disso ficaram de responsáveis pelo cemitério, ninguém era louco de contestar), mas, depois de uns anos, vendo o trabalho que o Basílio, namorador que só ele, dava pra mãe, pensou em ter um pouco de incomodação ela também, a vida andava muito calma. Uma tarde, saiu do cemitério de pé firme, passou pela lojinha de aviamentos e, ainda na porta, falou pro Nestor e pros clientes que eles dois iam ter um filho até o final do outro ano e não tinha conversa. Eles estavam no meio do ano de 1989, se bem me lembro. (É difícil pra mim falar de data, de dia, de ano. Parece tudo igual, só muda a roupa.) Dessa vez, o Nestor se incomodou, disse que não era tão fácil assim fazer filho. Uns seis meses depois e lá se ia a Astúcia, sacolejando o barrigão toda faceira, descendo e subindo as minhas lombas debaixo do sol forte. A Caetana seguia logo atrás, segurando um guarda-chuva pra Astúcia (sol direto na cabeça vai te fazer mal). O gurizinho da Astúcia nasceu numa tarde de muito frio, no hospital da cidade. Recebeu o nome de Cássio. Este, foi a Astúcia quem escolheu.

Meio-dia

- E ela tá ali nos fundos?
- Encostada no muro. A pedra tá tão suja que nem dá pra ler o nome direito.
- Ela deve ter sido uma das primeiras.
- Não, antes dela teve mais gente. Tá tudo lá embaixo. Do lado esquerdo.
- E como é que eu nunca me dei conta disso antes?
- Tu é novo. Ainda não teve tempo de conhecer toda a clientela.
- Não dá pra imaginar a dona Astúcia guria. E será que foi ela que rezou pra mãe?
- Provavelmente.
- Rezar pra própria mãe. Que merda deve ser...
- Tem coisa bem pior.

César estica as pernas no chão. Está sentado na entrada da capela. Seu Júlio está ao seu lado, segurando o chapéu de pesca com as pontas dos dedos. Braços curtos, dedos curtos, pernas curtas. O pai do César é pequeno, e fica ainda menor quando tira o chapéu. O pai do César sem o chapéu não é o pai do César. Às portas da capela, o Seu Júlio é só mais um senhor que prefere esperar pelo padre do lado de fora. As conversas, as fofocas, aquela gente toda que já se acha no direito de rir no velório da velha e ainda pensa que tá tudo certo, que ela ia querer isso. Ela ia querer isso (sossega, Júlio, que luto tem que ter hora pra acabar), ia ficar bem faceira vendo a capela cheia e todos rindo e conversando; ela ia ficar espiando detrás da porta que nem alma penada e depois ia fazer o sinal, ao que ele abriria as duas portas, iria para o meio do povo e esperaria pela entrada, a Astúcia surgindo do lugar nenhum com o som dos erres e o bolso na frente do vestido.

Ao contrário do César, o Seu Júlio consegue imaginar a Astúcia guria. Um nada de gente, de olho bem preto e cabelo comprido. Devia de ser bem namoradeira, daquelas de nunca parar quieta em casa e ter sempre que ajeitar uma confusão que só

existia na cabeça dela. Nasceu enfezada, e a velha Caetana, coitada, deve ter sofrido na mão dela. Hoje, Seu Júlio tem inveja da Caetana, que já deve estar por ali esperando a comadre se levantar para irem-se embora elas duas.

- Achou alguém, guri?

- Não. Perguntei pros mais chegados, mas ninguém lembra das rezas inteiras. A Imaculada disse pra chamar as senhoras do clube de mães.

- Tudo fofqueira. A velha odiava aquelas lá.

- Foi isso o que eu disse pra Imaculada. Só que se a gente não encontrar alguém, vai ter que ser.

Seu Júlio enterra o chapéu na cabeça, apoia-se no ombro do filho e começa a andar em direção ao portão do Lazarus. A fileira de carros está maior.

*

Por mais que tente, o César não consegue lembrar de uma reza completa. A dona Astúcia sempre disse que a reza deve ser por inteiro e que o choro tem que vir logo depois, não pode faltar nenhum deles, caso contrário o morto não acha o caminho e fica por ali, esquecido de defuntar. Ia ser muita maldade se a dona Astúcia não conseguisse defuntar; logo ela, que tinha um monte de gente para ver. Era a mãe dela, era a tia dela, era a dona Caetana, era o Cássio. Não era justo ela ter que ficar enquanto todo o resto já tinha ido. O guri já não achava certo quando o novo ia antes do velho, agora, o filho ir antes da mãe e ela não ter como ir atrás dele depois era de uma sacanagem sem tamanho. E, além do mais, o Cássio já devia estar puto da cara de ter que esperar esse tempo todo. Ele nunca foi dos mais pacientes.

O Cássio foi o filho da Astúcia. Nasceu lá no começo de 1990. Veio rápido, se demorassem um pouco mais para chegar no hospital ele tinha nascido no banco de trás do Monza do Genésio, a Irene no estranho papel de parteira grávida.

Era um guri pequeno e de pele bem morena, igual a mãe. Furioso, que nem a mãe acabou ficando. Do pai, tinha a mania de achar que entendia de tudo, do porquê do galo cantar de manhã às regras do impedimento no futebol. Nunca soube jogar bola direito, embora teimasse em dizer que sim: corria para todos os lados, mudava de

posição conforme achava que devia, caía por nada. A Astúcia, enfurecida pelo guri voltar sempre machucado da brincadeira, chegou a proibir o jogo, mas o Cássio também não era bobo, esperava ela ir cuidar da lojinha às tardes e corria para chamar o guri do Heitor, que morava no fim da rua. O César nunca precisou ser chamado. Assim que chegou à Vila do Açude, grudado na perna do pai e sem nenhum amigo, novo ou velho, o guri se achou com o filho da Astúcia e de perto dele não quis mais sair. Às vezes, jogava futebol com os gurus. Às vezes, ficava só olhando, e estava tudo bem.

Quem nunca saía do campo, mesmo que não estivesse jogando, era a Imaculada. Jogava no gol, porque assim podia ficar de olho nos gurus do time dela e dar as ordens. Era ela que, com a ajuda do César, costumava separar as brigas do Cássio com o filho do Heitor, Alencar. Também era função da guria esclarecer os lances duvidosos, quando alguém reclamava de ter levado um chute direto na canela ou negava de pés juntos que não tinha feito gol de mão, lá ia a Imaculada de mãos na cintura e sobrancelhas arqueadas perguntar qual era a verdade. Como a verdade era só o que ela podia escutar, eles acabavam se entregando.

A condição da Imaculada foi, durante muito tempo, o assunto favorito das conversas na Vila do Açude: enquanto uns achavam que o culpado era o psicológico de quem conversasse com ela, outros criavam justificativas as mais variadas (é pacto ou maldição ou obra de anjo, ou tudo junto). A gurizinha passou uns bons anos sem que quase nenhum adulto falasse com ela, tinham medo de que seus segredos de adulto escapassem das suas bocas de adulto. As crianças, sem paciência para guardar segredo algum, tratavam a Imaculada apenas como uma guria meio teimosa e boa goleira, que de vez em quando ajudava a solucionar uns problemas cabeludos de meio de campo.

A Imaculada continuou impedindo os gols e servindo de árbitro às tardes no campinho improvisado no meio da rua. Com os anos, os adultos perderam o medo, e começaram a conversar com ela. O Cássio continuou vendo a guria como sua parceira de futebol, de estranhezas muito parecidas com as da sua mãe. O Alencar via uma guria magrela de cabelos escorridos e nariz um pouco grande. O César via somente a Imaculada, e a achava bem bonita.

Depois de tanto o Cássio fugir da Astúcia às tardes (e de ser pego por ela no início da noite), chegou um dia em que o futebol não teve mais graça. E nem teve a Vila do Açude. Os moradores da Vila vivem entre um querer ficar e um querer sair, vontades

que não raro chegam ao mesmo tempo. Para o Cássio, o Alencar e a Imaculada, o querer sair veio primeiro e, como não havia jeito de se mudarem da Vila, decidiram passar o máximo de tempo possível na cidade. Escolheram como novo ponto de encontro o Divino, um sobrado de fachada preta no centro, de onde saíam umas batidas sintéticas, e umas músicas de vez em quando. Eram frequentadores assíduos do lugar e, embora o Cássio e a Imaculada fossem menores de idade (tinham 17 anos), entravam sem problemas. Alencar, por ser o único que podia mostrar uma carteira de identidade sem as manchas da impressão da lan house, assumia o papel de responsável pelo itinerário verdadeiro das noites, pela carona no carro do Heitor, e pela criação do itinerário fictício, aquele inventado somente para aquietar os pais.

O César, que era o mais novo, passou um tempo esperando o convite para se juntar a eles num passeio pelo Divino. O Cássio costumava ir com a mãe ao Lazarus para ajudar na limpeza ou na troca das flores, acabava não ajudando em nada, puxava o César para a frente da capela e ficavam os dois sentados: o Cássio contando as aventuras da noite anterior num sussurro gritado. O César era bom fingidor, e por isso o Cássio mal percebeu o franzir de testa no dia em que ele lhe contou que a Imaculada e o Alencar tinham parado com as frescuras e começaram a namorar sério. Depois disso, o César desistiu de esperar por um convite para o Divino. O Cássio, sem reparar em nada, já engatava mais um de seus causos sobre as noites no sobradinho preto. O César nunca conseguiu perceber quais histórias eram verdadeiras, e quais eram pura invenção.

O Divino abria quatro noites na semana (de quarta a domingo) e, por quatro noites na semana, a Astúcia e o Nestor não conseguiam dormir. Ela dizia que não tinha aprendido direito a confiar em gente viva, ele a tranquilizava, jurando que o menino do Heitor era moço responsável e ia cuidar bem do gurizinho deles. Dito isso, davam-se boa noite e iam dormir: um de costas para o outro, olhos estalados e boca apertada.

Numa dessas noites, a Imaculada não quis ir. Estava irritada com o Alencar porque ela perguntou e ele disse que o namoro deles não ia durar. Decidiu ficar em casa com a mãe, que de vez em quando resolvia sentir a falta do Genésio. Numa dessas noites, a Astúcia não quis deixar o Cássio sair. Soprava um vento estranho pela Vila e as juntas lhe doíam um pouco, melhor não arriscar. O Nestor disse para ela deixar de superstição, e alertou o guri para se cuidar. Numa dessas noites, o Cássio ligou para o celular do César e fez o convite: uma saída só para os caras seria uma boa. O César, que

tinha de cuidar da casa enquanto o pai não estava, e sem a mínima vontade de escutar as intimidades do Alencar e da Imaculada, recusou. Numa dessas noites, o Heitor quase não liberou o carro para o Alencar. Fazia tempo desde a última revisão. Acabou liberando porque o filho prometeu levar o carro na oficina no dia seguinte e tinha sempre o número do mecânico de confiança na carteira, por via das dúvidas. Numa dessas noites, o Alencar e o Cássio foram para o Divino, e do Divino não queriam mais sair. Deixaram o sobrado um pouco mais tarde do que de costume, ignoraram as ligações dos pais e enviaram mensagens. Estava tudo bem. Numa dessas noites, os dois já na estrada. Muito som e pouca luz. Queriam chegar rápido em casa. Numa dessas noites, o carro apagou um pouco antes de um cruzamento, o último antes do caminho para a Vila. O Alencar forçou, bateu a chave de novo, e seguiram viagem sem olhar para os lados. Numa dessas noites, veio uma caminhonete em alta velocidade, os faróis desligados. O motorista digitava boa noite aos amigos e prometia enviar por email as fotos da festa assim que chegasse em casa. Numa dessas noites, sobraram dois carros. Um sem o pára-choque dianteiro e com o capô amassado. O outro com o lado esquerdo esmagado e os faróis ligados. Numa dessas noites, o Seu Júlio, que voltava de carona para casa, avistou a confusão de luzes e pessoas e sirenes. Um carro familiar. Numa dessas noites, o Nestor, já de coração pequeno, recebeu uma ligação do Seu Júlio, mas nem precisou contar para a Astúcia, porque ela escutava melhor quando nada diziam.

*

O Heitor não entende o porquê de a Imaculada ter arrumado as cadeiras daquele jeito. Um círculo meio oval, meio enviesado, bem torto. Heitor está sentado numa destas cadeiras tortas, mas não pensa em sair do lugar. Está cansado demais, as pernas já não aguentam sustentar o corpo por tanto tempo. Dia desses, percebeu que as bolinhas saltadas na perna aumentaram, se a esposa soubesse iria encrencar, ela vivia dizendo para ele ir ao médico que aquelas coisas nas pernas eram bem capaz de serem varizes. Vai ter que marcar uma consulta antes que ela volte.

A capela do Lazarus está cheia, a Vila inteira parece ter ido. É o mínimo, pensa o Heitor, para quem passou a vida inteira olhando os vivos e cuidando dos mortos da Vila do Açude, separar uma lágrima do fundo do olho para derramar por ela é o mínimo, quase pouco. Seria ainda melhor se alguma velhinha decidisse assumir o choro, para garantir que a tradição continuasse. É costume tão estranho, chorar defunto que às

vezes nem se conhece direito, tirar tristeza de onde ela pode nem existir, mostrar para todo mundo aquela miudeza que a gente cresceu aprendendo que não se mostra porque é feia quando escancarada. A dona Astúcia mostrava justo essa parte, e ficava bem nela.

A parte favorita de Heitor era quando a dona Astúcia ia conversar com a família do defunto. Ela chegava devagar, pousava a mão no ombro, acarinhava a cabeça, mexia nos cabelos com a pontinha dos dedos (nunca deu tapinhas nas costas). Às vezes, nem falar ela falava. Em velório é tudo tão igual que nem as palavras se salvam, acabam todas repetidas, dizendo pouco menos que coisa alguma. Só que a dona Astúcia fazia diferente, porque ela sabia que era tudo diferente. O Heitor gostava de ver o jeito como ela mudava cada serviço, transformando os velórios em alguma outra coisa que não era nem lamento nem festa. Um chorar rindo, ou um rir chorando.

A única vez em que nenhum dos moradores da Vila do Açude conseguiu rir foi numa tarde de agosto, lá do ano de 2007. Alguns nem tinham se acostumado com a não presença do pai da Imaculada, e já deviam se acostumar a não ver mais um vizinho. E um vizinho que ainda nem tinha começado a viver direito. A notícia percorreu depressa a Vila do Açude, e no meio da manhã todos já sabiam que o Cássio, guri da dona Astúcia, tinha sofrido um acidente de carro na madrugada anterior. Aconteceu na entrada de uma das cidades, num cruzamento; a ambulância chegou um tempo depois. O Seu Júlio, que conseguiu uma carona na volta para casa, foi o primeiro e único morador da Vila a estar no local, foi dele a tarefa de ligar para os pais do Cássio e do Alencar. Telefonou primeiro para Heitor, porque o Alencar estava apenas com uns machucados (ia ficar de perna para cima e de tala no braço por um tempo), depois ligou para a Astúcia, e ficou um pouco aliviado por ter sido o Nestor a atender.

No outro dia, todos se amontoavam na capela do Lazarus mais uma vez, à exceção do Heitor e da esposa, que seguiam no hospital segurando a mão do filho. Quase ninguém esperava que a Astúcia fosse aparecer, nem o Seu Júlio, nem o César, nem a Imaculada, nem a Irene, nem o Manuel, nem o Basílio, nem o padre Jonas, muito menos o Nestor. Dos presentes, apenas a Caetana tinha certeza de que a amiga não iria faltar, não podia faltar. Depois de um tempo, contaram para o Heitor que a dona Astúcia chegou quase às três da tarde, arrastou os pés até o centro da capela, muito reta e muito tranquila. Disseram que ela não olhou para ninguém, nem levantou a voz, ficou cantando baixinho, sendo acompanhada por não mais do que meia dúzia de vizinhos.

Chorou pouco, apenas o necessário, aceitou abraços, apertou algumas mãos, consolou o marido, e voltou para casa com o dever cumprido.

A dona Astúcia era infalível, disso o Heitor sempre teve certeza. Ela chorava por todos, conhecesse ou não. A cada morte, lá estava ela com o seu canto, com o seu vestido e com o seu choro igual e diferente. A dona Astúcia respeitava o ofício e repetia o choro que era da avó e da mãe. O Heitor sabe que o choro da dona Astúcia era para todos, e talvez por isso ele ainda não consiga entender o que aconteceu naquele dia, o porquê daquela ausência, quando não houve choro nem canto, um velório cuja estrela não fora um defunto. Naquela ocasião, a protagonista foi a ausência da Astúcia e a confusão dos moradores da Vila do Açude que, pela primeira vez, presenciaram um velório sem lágrima de choradeira. À época, o Heitor percebeu a falta da Astúcia e até achou bom que ela não tivesse ido. Aquela tradição era bonita, mas o Heitor não era como a Astúcia, ele não iria conseguir cantar daquele jeito para o próprio filho.

Choradeira que não chora nunca dá em coisa boa. Uma vez, peguei a Fátima explicando pra um vizinho o que acontece. Ela tava no balcão do armazém, esperando o guri embalar o guisado pro almoço, e como o silêncio era demais ele se obrigou a puxar qualquer assunto. Acabou escolhendo o óbvio, e perguntou o porquê dela chorar pra tudo quanto era morto, se era promessa ou só um negócio de família mesmo. Acho que a Fátima se ofendeu, talvez por conta da voz de segredo do piá, que apoiou o cotovelo no balcão e se esparramou todo pro lado dela pra fazer a pergunta. Ela apertou os olhos que já eram pequenos, se endireitou e falou bem alto que não era promessa e que ela não ganhava coisa nenhuma, o choro era pra todo mundo e era de grátis, ela só chorava porque aquela gente não merecia ficar vagando por aí depois de morrer, se perderem durante a vida já tava de bom tamanho. Depois, foi a vez dela se apoiar no balcão e, sem piscar, olhando nos olhos do guri, disse: *Tu sabe que o defunto só pode morrer depois que eu choro, né, guri? Antes disso, ele fica por aí, entrando nas casas, vendo o que a gente faz e o que a gente pensa, e depois me conta. E ele não fica direitinho que nem gente normal, não, ele vai se desmontando todo, vai perdendo os pedaços e aí de ti se conseguir enxergar a criatura. Ele não sai da tua cola nunca mais!* Pegou o saquinho de guisado, pagou a compra e deixou o guri parado no balcão, de boca aberta. A Fátima saiu dando risada (ela não tinha muito jeito com criança). No fim das contas, o que ela falou era verdade. Choradeira que não chora é um problema dos demônios. Uma pena que ela não avisou a Astúcia disso, ia evitar um bocado de dor de cabeça pra coitada e ia evitar um bocado de dor de cabeça pra mim também porque o problema deles ali de baixo é o meu. É o único que eu tenho. Por isso vou dando fé da vida alheia, por isso espio eles nas intimidades, por isso falo com nada. Porque me falta. A gente sempre acaba sentindo mais pelo que nunca teve, ou pelo que perdeu antes mesmo de ter. Acho que foi esse o motivo de a Astúcia ter parecido tão tranquila depois da morte do gurizinho dela. Ela já tinha ele. Teve ele a vida toda, mesmo quando ele fugia de casa pra jogar bola e ela descobria e ficava puta da cara, mesmo quando ele fazia birra pra ir pro Lazarus ajudar no enfeite dos túmulos, mesmo quando ela tinha que apartar briga dele e do Nestor e sobrava pra ela, mesmo quando ele dizia que tinha cansado do meu asfalto das minhas ruas do Lazarus dos velórios e das gentes todas. Ela tinha ele mesmo quando ele inventou de ir embora antes e não fazer o prometido de levar a mãe até de cadeira de rodas ou de andador pra rezar os vizinhos. A Astúcia teve o Cássio por dezessete anos. Eu lembro que muita gente estranhou o velório dele, nunca tinham visto choradeira chorar o filho, e mesmo assim meteram na cabeça que aquele não era o jeito

certo. Vai ver queriam mais guela aberta, apesar de o Nestor já ter dado uma boa amostra no começo do serviço. Esqueceram que a Astúcia nunca gostou que fizessem fiasco com lágrima (*Choro que precisa forçar não é choro, é careta*). Depois do velório do guri, o povo voltou pra rotina. O Júlio (um senhorzinho de cara enrugada que um dia resolveu que ia ser triste) continuou a ser o zelador do Lazarus, o guri dele continuou vendo de longe a gurria da Irene, sem atinar em ir falar com ela, a Caetana resolveu chamar mais gente pra ajudar nos negócios do Lazarus, inventou um monte de regra e o nome do grupo. O Nestor passava cada vez menos tempo aqui, um dia tinha que ficar trabalhando até tarde, no outro voltava pra cá de madrugada, quando ele achava que a Astúcia já tinha dormido. Parou de ir na lojinha. Chegou um dia em que nem botão pregava mais. Foi-se indo na pontinha dos pés, pra ver se a Astúcia não percebia. Só que a Astúcia era a mãe dela e a avó, a tia Catarina e a Caetana, e a esposa do Antônio também, ela viu o Nestor e soube que ele ia sair, só que decidiu dizer nada. Não reclamava quando ele dormia fora, fechava os olhos quando ele deitava na cama. Ele ainda de sapatos, ela virada pra parede. A Astúcia seguia cuidando da lojinha, mais pra ter alguma coisa pra fazer do que pra fazer negócio. Um dia, botou no balcão uma caixinha de madeira. Abriu bem a tampa e prendeu um retângulo de papel cartão com a palavra *oferta* escrita em vermelho. Dentro dela, uma dúzia de botõezinhos pretos. Nem uma semana depois, o Nestor botou as malas dentro do carro e saiu, não sem antes ter que explicar um negócio que não tinha muita explicação pra meia dúzia de vizinhos furiosos que já se aglomeravam no portão da Astúcia (o boato da separação já corria solto). A Astúcia nem ficou pra ver o carro virando a esquina. Voltou pra dentro de casa e fechou a porta. Eu preferi não espiar. Fazia uns seis meses do acidente do Cássio, e quase ninguém mais falava nele. Evitaram até de falar no guri no passado, como se em silêncio e sem ninguém se dar conta tivessem combinado não lembrar. Até quis pensar que o povo fez tudo isso pela Astúcia, só que como no interior dessa gente tem mais espaço pra medo do que pra bondade não demorou muito pra eu perceber que tava todo mundo era se borrando de pavor da morte fazer regra diferente pro filho da funcionária, deixando o guri ficar por aqui mais um tempinho. Na dúvida, melhor não falar mais no assunto e dormir com a cabeça e os pés bem tapados. O filho do Heitor, que se chamava Alencar e era um guri meio mangolão metido a valente, não queria saber de entrar no combinado do resto da vizinhança, e por isso falava no Cássio, lembrava o Cássio, imitava o Cássio. Dormia sem se tapar e, por uns dias, passava quase toda a noite de olho arregalado, olhando pros lados e sentando na cama a cada ranger de madeira.

Esperava. Voltou do hospital uns cinco dias depois do velório do guri da Astúcia, e passou mais umas semanas enfurnado em casa, faltou no cursinho pré-vestibular, pediu pra sair do emprego e, por último, desistiu da filha da Irene que, pelo jeito, foi a parte mais fácil. Demorou quase um ano pra voltar a dirigir, e só voltou porque o pai insistiu que ele testasse o carro novo, dando uma voltinha na quadra. Nesse dia, o Alencar evitou passar na frente da lojinha de aviamentos, a Astúcia continuava lá, vendendo umas agulhas e uns alfinetes de vez em quando. Todos os dias, a Astúcia acordava e passava boa parte da manhã na frente da loja, sentada numa cadeirinha de armar, a Caetana do lado. Ficavam as duas olhando o movimento e tomando um mate com açúcar até o fim da manhã, que era quando a Caetana tinha que voltar pra casa pra fazer o almoço do filho e da nora. Da lojinha, a Astúcia seguia pro Lazarus pra ajudar o Júlio. Saía do cemitério de tardinha, arrastando os chinelos lombá acima, voltava pra casa, atravessava o pátio, e fechava a porta. Eu continuava sem querer espiar. Quando tinha que chorar por algum dos vizinhos ela chorava, combinando a entrada com o Júlio e o coro com os mais chegados. Chorava umas lágrimas bem certas, guardava o lençinho no bolso da frente do vestido e ia sentar num canto, enquanto esperava todos saírem da capela, depois ajeitava o defunto, cantava pra disfarçar o barulho dos punhados de terra batendo na tampa do caixão (uma última batida na porta, pra ver se o morto não percebe o engano e se levanta), virava as costas e subia a lombá, pequenina. Pra eles lá de baixo, ficar velho é ficar menor, começar a ver o mundo de baixo pra cima como quando piá, como se tudo se agigantasse. A Astúcia diminuiu antes de envelhecer, a bem dizer ela foi pequena desde guria, mas acabou ficando menor. Dois anos depois do acidente, o que sobrava da Astúcia era um nadinha de gente. Ela continuava na lojinha, continuava no Lazarus, continuava no choro, continuava cumprimentando os vizinhos e sorrindo pro Heitor e pro Alencar, os olhos lá na ponta do sapato, continuava tomando um mate com a Caetana, só que agora não botava mais açúcar por respeito à amiga, que não podia mais nem com doce nem com gordura nem com fumo nem com coisa nenhuma de que ela gostava quando nova. Do jeito fiasquento dela, a Caetana também acabou diminuindo. O Alencar parou um pouco de falar e lembrar e imitar o Cássio, já passava de carro pela frente da lojinha de aviamentos, mas continuava a dormir de cabeça destapada e, em algumas noites, de olho arregalado. Um dia, perguntou pro pai se podia ir no Divino (que era um inferninho lá da cidade, diziam que foi aberto por umas senhoras que saíram daqui logo depois da morte do Antônio), o Heitor disse um sim meio a medo, deixou porque a esposa disse que o guri precisava voltar sabe-se lá de

onde. Aqueles dias se passaram, o Alencar pedia cada vez menos permissão, e a esposa do Heitor acreditava cada vez menos no próprio conselho. Eu por aqui voltei a espiar pra dentro da casa da Astúcia, o que era o mesmo que nada porque aquilo ali era um tédio. A Astúcia quase não parava em casa, faxinava só umas duas vezes por mês, isso quando dava tempo, caso contrário era só um pano úmido na estante e na mesinha de canto, com atenção especial ao retratinho que ficava em cima da televisão, num porta-retratos que ela mesma pintou (horrendo, por sinal). Voltava pra casa só pra jantar e ir dormir. Numa sexta-feira, a Astúcia via uma novela ruim enquanto tentava reproduzir os pontos de crochê que a Caetana tinha ensinado. O telefone já tinha tocado umas cinco vezes quando ela resolveu atender. Era o Manuel, que ligava pra avisar que o Alencar tinha sido levado pro hospital da cidade e provavelmente não ia passar da noite. Acidente no caminho pra Vila. O guri voltava pra casa depois do cursinho. Dessa vez, não tinha nenhum outro carro por perto. Mas tinha uma árvore. A Astúcia escutou tudo com a agulha de crochê parada nas mãos, o ponto já todo desfeito. Pediu pro Manuel que avisasse quando fosse a hora, e desligou. Encolheu e esticou os dedos das mãos. Olhou o céu pela janela. De madrugada, o telefone tocou outra vez, e a Astúcia continuou dentro de casa. O Manuel nem percebeu que ela não pediu carona pra ir pro hospital, os vizinhos nem perceberam que ela não bateu o portão com força, o Júlio não acordou com a ligação dela de madrugada, pra deixar a capela limpa. No outro dia, a casa da Astúcia acordou fechada. A lojinha não abriu de manhã e a Caetana, já se preparando pro enterro, não apareceu. O Júlio alternava entre correr pra ajeitar a capela e ligar pra casa da Astúcia. Não pediu ajuda. No início da tarde, a capela cheia de caras ainda inchadas e mal dormidas, o Alencar já no centro da sala. O Júlio olhava o relógio e olhava pro filho, que aparava com o ombro a cabeça da guria da Irene. Os outros, com exceção do Heitor e da esposa, olhavam pra porta. Apesar do dia de sol e calor lá fora, dentro da capela era só escuro e frio (umas duas senhorinhas juraram que tinha até um minuano perdido por lá). Cor de cinza, cheiro de cinza. E a casa da Astúcia fechada. Quando o relógio bateu duas da tarde, as portas da capela abriram, só que ninguém entrou e, no lugar do vento quente da Astúcia, mais um laço de frio. No lugar dos *erres* rasgados da Astúcia, um assobio de vento. Pela primeira vez desde que o piá da vizinha do seu Antônio morreu de febre, não teve canto nem choro, nem ninguém que soubesse como ajudar o filho do Heitor a se achar. Todos passaram mais umas horas esperando pela Astúcia, até que o Basílio pediu ajuda pra fechar o caixão. Dentro da capela, apenas sons de passos, e o frio. E a casa da Astúcia fechada. No mesmo dia,

depois de acompanhar o enterro do guri e a volta pra casa do Heitor e da esposa, me virei pra espiar a Astúcia. Por toda a casa, uma neblina cinza. Cerração que deixava tudo embaçado. A Astúcia acordada, sentada na cama. Olhava pra um ponto fixo, que só com muito esforço pude ver o que era. Parecia fumaça, parecia sombra. Um redemoinho de vapor que andava e falava com voz oca de quem já devia ter ido pra bem longe. Era o que acontecia quando choradeira não chora. Era o que a Fátima tinha que ter dito pra Astúcia assim que a gurizinha começasse a chorar pelos outros, mas não disse. Era o que eu já sabia que iria acontecer, mas não pude alertar. Choradeira que não chora é um problema, e o dela esperava ao pé da cama. O Alencar tinha se perdido no meio do caminho, e foi até a Astúcia ver se conseguia uma ajuda.

Tarde, 13h.

Padre Jonas ajeita o livreto em cima do púlpito. É sempre uma dificuldade acertar a posição, o suporte é pequeno e deixa metade do livro sem apoio. Compraram-no há uns quatro anos, num brique de Porto Alegre, quando ele convenceu a dona Astúcia e a Caetana de que precisavam investir na infraestrutura da capela, já que a maioria nem cogitava velar seus mortos na igreja de Santa Bárbara (era muito longe do Lazarus e aí ficava contramão, diziam). Logo que chegou à Vila do Açude, Jonas não aprovava a predileção pela capelinha mal apanhada do cemitério, muito menos pelo choro da vizinha que nem fazia parte da paróquia. Sua igreja tinha altar, cruz pintada de ouro e bancos de madeira; ele tinha a batina, a oração e o apoio da santíssima. Já a capela tinha piso de madeira gasta, palanque mal revestido em carpete e cadeiras velhas, muitas com o estofado gasto; a dona Astúcia tinha uma roupa preta, uns choros e umas canções que nem daqueles pagos eram. Por mais de uma vez, ele tentou convencer o povo a usar o espaço da igreja. Não quiseram. Preferiram a pobreza da capela e da música da dona Astúcia. Depois de um tempo, o padre Jonas também preferiu.

O padre Jonas passou a noite em claro tentando escrever umas linhas para falar no velório. Gostava de achar que dava ares de escritor, e inflava o peito quando ia declamar os próprios textos. Amanheceu com uns poucos rabiscos no caderno, e uma falta de palavra que não lhe era comum. Engasgo dos que guardam pensamento tão bem guardado que acabam ficando com pena de botar para fora. Hoje, ele teria que improvisar, apesar da palavra miúda, e do peito murcho.

*

César lembrava que tinha alguma coisa a ver com Miguel, o anjo aquele. Era com rima, sem dúvida (as rezas lá da família da dona Astúcia eram rimadas, versinhos de criança que serviam de placa de sinalização para os mortos: é pro lado de lá, defunto, só virar a esquerda e seguir reto toda a vida pra cima que chegou). Somente as palavras lhe escapavam. Justo elas. O padre Jonas começa a fazer a parte dele, o discurso de todos os velórios. Ele terminaria logo.

*

Imaculada não vai soltar o braço do César. Não por necessidade dela, não por pedido dele. Apenas não quer soltar, já ficou tempo demais sentada no fundo da capela. Depois que o Alencar morreu, ela decidiu fazer mais perguntas. De nada adiantava ter só a verdade se ela escolhia não ouvir. Dois dias depois do velório, o Alencar voltou para casa, se enfiou no quarto, e de lá não saiu por semanas. Primeiro, eram os machucados e a tala no braço, depois, foi a dificuldade de colocar a perna no chão, por último foi só a vontade de não sair. Após algumas ligações mudas e mensagens sem resposta, a Imaculada desistiu. Afinal, não estavam mais juntos, e ele não era o único que sabia notar ausências.

O primeiro para quem a Imaculada começou a perguntar foi o César. Passaram a infância juntos para ter a primeira conversa de verdade dois dias após o velório do Cássio, quando ela foi levar margaridas para colorir a lápide. Depositou as flores, atirou um beijo para o túmulo, afastou-se em seguida. Subindo o morrinho em direção à saída do Lazarus, avistou o César varrendo a porta da capela. Ia aproveitar a distração e passar reto, ignorando o guri quieto amigo do Cássio mais uma vez. Sem pensar, caminhou em direção a ele, dizendo-lhe qualquer coisa sobre a laje já estar bem limpa e que cimento não ficava branco. Ele não riu, nem era para rir. Ela perguntou se ele trabalhava ali todos os dias. Ele respondeu que ajudava quando o pai precisasse, o que acontecia praticamente todos os dias. Ela riu, era para rir. Sentaram em um banco perto das portas da capela, trocaram umas poucas palavras, despediram-se, e ela foi embora. Voltou nos dias seguintes, já sem margarida nenhuma para deitar no túmulo.

*

Seu Júlio vai até a despensa da capela, procura por algo entre as caixas de plástico. Perto dos materiais de pintura, encontra os dois pesinhos de porta: dois sacos de pano, cheios de brita. Verifica se não tem nada escapando e leva os pesos para a porta da capela, desviando daquele monte de gente que agora se vira para o Jonas, esperando que ele comece com a ladainha. Desvia do caixão também, porque não sabe mais o que dizer para a velha. Ajeita os pesos para manter as portas duplas abertas. Dessa vez, vai se certificar de que as portas não abram por vontade própria. Da última

vez que isso aconteceu, bateu uma friagem e o vento deu um zunido que deixou todo mundo meio apavorado. Foi quando a Tinhosa levou o piá do Heitor, a primeira vez em que a velha não apareceu cantando no meio do serviço.

Seu Júlio decide escutar o Jonas encostado em uma das portas da capela mesmo. Não quer chegar perto e nem precisa: apesar das conversas e dos sussurros e do som de arrastar de pés, ele escuta o sermão como se o Jonas estivesse logo ao seu lado. Seu Júlio precisava se concentrar para não ouvir demais os sons, esquecendo o que eles vinham dizer. Apesar disso, hoje ele nem se incomoda em prestar atenção no que o Jonas diz, prefere escutar o que lhe entra sem esforço nos ouvidos, a língua levemente presa do padre, os sons de *pê* que parecem marteladas e, lá no fundo, depois do Jonas, depois das vozes, depois do arrastar de pés e do vento e das moscas, um *erre*. Apenas um, de início de palavra, forte e rasgado, como ele bem conhecia.

*

Pela janela fechada passavam uns poucos riscos de luz. Luz branca do poste, recém trocada. De resto, a rua, o contorno das casas, a sala coberta de neblina, o quarto de chão gelado. A Astúcia sentada na cama com os pés tapados. Olhava para frente. Ele não vestia lençol branco com buracos nos olhos, não arrastava correntes, e até agora não havia tentado puxar os seus pés. Era diferente das criaturas de assustar que ela criava para chatear a Caetana. Guri alto, de braço forte. Sobrancelha grossa e olho claro. O Alencar era a cara da mãe dele, ainda bem.

A mãe da Astúcia nunca contou para ela como ficavam os mortos que não conseguiam morrer; não disse que eles iriam parecer gente viva, que ela ia poder enxergá-los como se enxerga gente viva. Abriu as narinas, inspirou. Sentiu um cheiro azedo e um ardido nos pelos do nariz. Clorofina. Ele não se mexia, não piscava, os lábios brancos abriam-fechavam, abriam-fechavam, mas nenhuma palavra saía. Vendo que aquela função ia demorar, a Astúcia se levantou, fez a volta na cama até ficar de frente para o Alencar, o nariz dela um pouco acima do peito dele. Levou as mãos à cintura:

- Quem foi que te disse que tu podia invadir a minha casa nessa hora e me atrapalhar o sono. Te some daqui!

O Alencar não se moveu. A Astúcia teve vontade de olhar para o guri mais de perto, nunca tinha visto alma penada antes, embora desconfiasse de que existia. Muita lágrima torna a choradeira desconfiada. A pele do Alencar era cinza-claro, cor de cimento seco e bem aplainado. Teve medo de encostar no guri e ele se esfarelar todo, enchendo o quarto de cinza. O risco branco que tinha virado a boca do guri não parava de abrir e fechar. A Astúcia levantou as mãos na altura do rosto do Alencar e bateu uma palma:

- Guri!

Alencar piscou rápido. Olhou para Astúcia:

- Ipê não serve, figueira é boa porque tem raiz bem funda.

- Mas o que tu tá falando, desgraça?

- Foi numa figueira, né? Eu lembro da sombra.

- Onde tu bateu, guri?

Alencar assentiu e, lembrando de notícia importante, curvou o rosto na direção do da Astúcia:

- A senhora sabe pra que lado que eu viro? Eu perguntei pro pai e pra mãe e pro velho Júlio e pra dona Caetana só que eles não sabiam ninguém sabia ou sabia e ninguém me disse, daí eu fiquei andando e me atiraram lá e depois eu vim aqui porque entrou terra no meu nariz. A senhora sabe pra que lado que eu viro?

Da testa de Alencar saltava uma rachadura. A testa da Astúcia rachou também, porque ela percebeu o motivo do guri estar abestalhado na frente dela. Tinha se perdido. Não escutou o chamamento e ficou por ali, não por vontade, mas por não saber para onde ir. Baixou o olho até a camiseta do guri. Não era de cimento, e sim de tecido. Rasgado e sujo, manchas vermelhas por toda a parte. Com a pontinha do dedo indicador, tirou um pedacinho de vidro da gola. Pequenino e brilhante. Sem tirar os olhos da ponta do dedo e dando as costas para Alencar, Astúcia falou, de voz cansada:

- Não vai dar pra te ajudar, guri.

- Mas não é tu que faz isso? Não é o teu trabalho?

- Tu não te fresqueia que todo mundo sabe que isso que eu faço não é trabalho. Eu choro quando eu tenho lágrima, e agora eu tô seca, então faz favor de sair da minha casa.

Mesmo suspeitando que o gesto seria ridículo para aquela situação, Astúcia escancarou a porta do quarto e apontou a saída com o dedo indicador. No mesmo instante, arrependeu-se da própria teatralidade. Se a Caetana estivesse ali, a deitação seria grande.

- Sai!

Alencar levantou o queixo e cruzou os braços, o rosto um pouco mais aceso:

- Não saio. Até tu me dar o que eu preciso, não vou sair.

- Ah, mas vai sair e vai sair agora, seu merdinha! – Astúcia agarrou o primeiro objeto que viu pela frente – uma bolsinha minúscula com uma alça três vezes maior – e atirou na direção do guri. Com uma batida seca, bola de plástico batendo em areia de praia, o braço esquerdo do Alencar se desfez, espalhando pó de cinza pelo chão que subia e rodopiava e se misturava ao pó de cinza do outro braço, das pernas e do rosto dele. O guri se despedaçou todo, e a cerração que já pairava no quarto da Astúcia só fez aumentar.

Sem conseguir respirar e com o fundo do peito queimando, Astúcia correu para o pátio. A madrugada tinha baixado mais, noite de cerração, dentro e fora de casa. Astúcia, encurvada, tossia. Ao menos, o guri tinha ido embora. Não estava com paciência para se explicar pra um piá daqueles. Não devia explicação pra ele, não foi chorar porque não pode. O que que ele ia fazer, agora que tinha virado pó? Ela chorava quando tinha lágrima para chorar e, naquela hora, não tinha. Paciência. Algumas inspirações e a Astúcia iniciou, de cabeça baixa, a caminhada para dentro de casa.

- Sério mesmo que tu me jogou uma bolsinha?

Encostado na porta da frente de casa, o Alencar esperava a Astúcia com os cantos da boca levantados.

- Tu te some daqui, desgraça! Sai, demônio, me deixa quieta!

A voz alta da Astúcia acabou acordando os vizinhos próximos, entre eles a Irene e a Imaculada, que foram até a janela da frente e abriram as persianas, para ver o que era.

*

A neblina avançou rápido pela casa da Astúcia. Tomou o quarto, o banheiro e a cozinha. Se espalhou pelo pátio, embaçou os vidros e gelou as paredes da sala. Pintou tudo de cinza e evaporou a Astúcia de dentro para fora, bem devagar, um pouco por dia. Lágrima que choradeira não chora vira cerração.

*

- Tu acha que funciona?
- Só testando pra ver. Agora concentra e me acompanha na Ave Maria.
- E eu lá sei a Ave Maria?
- Tu não fez catequese, criatura? Tenta lembrar do que tu rezava lá.
- Na catequese eu brincava de três corta e contava piada bagaceira pros guris.
- E rezar, não rezava não?
- Eu escrevia na mão e repetia as últimas partes na hora da roda.
- Maravilha.

Com uma das mãos, a Astúcia segurava uma vela branca acesa. Era nova, comprou no armazém e disse para o Manuel que era para economizar luz em casa e ver se baixava os gastos. O dono do mercadinho até teria acreditado se, ao sair, a Astúcia não tivesse quase gritado *E tu para de reclamar que senão já nem te acendo vela*, enquanto apontava o dedo para o vazio. Estava fazendo muito disso nas últimas semanas.

Do armazém, a Astúcia correu para o Lazarus. Nem deu boa tarde direito para o Seu Júlio, que lhe esperava no portão segurando o chapéu de pesca. Fingiu que não enxergou um grupo de visitantes e caminhou depressa cemitério adentro, percorrendo as

carneiras do lado direito. Parou em frente ao túmulo, tirando da sacola uma das velas brancas e um isqueiro. Alencar estava ao seu lado, com cara de cimento. Beliscava o polegar da mão direita, enchendo de flocos de cinza a terra ao redor.

- Só repete o que eu disser que vai dar certo.

- Não vai, Astúcia. Essa reza não funciona, todo mundo que foi no velório fez isso. Apaga essa vela.

- E o que a gente faz?

- Tu sabe muito bem o que tem que fazer. Não faz porque não quer.

- Mas vocês defuntos são muito do mimados, isso sim. Não posso tirar uma folga que já me vem com frescura. Vai lá ver se nas outras vilas tem defunto perdido. Não tem. E por quê? Porque eles se viram pra se achar, não dependem de choro de velha.

- Não me interessa os outros. Eu quero é me achar. Me ajuda a me achar, dona Astúcia.

- Secou o meu choro, guri. Virou tudo fumaça.

Depois de apagar a vela, Astúcia se arrastou para a saída do Lazarus. Na porta da capela, os visitantes a esperavam passar. Um deles gritou:

- Ô, dona Astúcia, não abre mais a lojinha?

Alguns instantes depois, Astúcia respondeu, virando-se para o lado contrário ao que o grupo estava:

- Pra tu encher a minha lojinha com a tua porcaria e quase me matar de novo? Nem pensar!

Astúcia atravessou o pórtico, deixando os vizinhos para trás.

*

Astúcia estava toda pequenina. Andava devagar, passos muito curtos. Mal olhava para frente. Também, nem podia. Do seu lado havia uma qualquer coisa muito mais interessante do que as ruas e as gentes da Vila do Açude.

*

Três semanas. Começou num sábado, dia sagrado. Ou era domingo. Nem lembrava. Uma. Duas. Três voltas de gaze ao redor do pulso. A Astúcia caiu. No asfalto de chão duro e cinza cheio de rachaduras, que nem a cara do Alencar. O Alencar esfarelava o dedão e esfarelava o resto, jogava a pontinha do nariz no chão e a Astúcia tossia, tossia, tossia. O Alencar estava com pouca paciência, tinha perdido no meio do caminho entre uma vela o pai nosso a ave maria o tambor o incenso e a galinha na esquina. A Astúcia fez tudo o que lembrava enquanto o Alencar perdia tudo o que lembrava. Memória que se ia, no lugar sobrava só raiva. A Astúcia percebia e se assustava e num desses sustos ela atravessava a rua na frente da agropecuária. O Alencar na frente dela, andando de costas, esfarelando as orelhas e o cabelo e o queixo. Só que o Alencar não estava ali. Para quem estava ali o Alencar não estava ali. Era só a Astúcia olhando pro vento e dizendo que não podia, não conseguia, já tinha chorado demais. Até quem chora merece descanso.

E então veio a moto. Veio devagar porque viu a Astúcia se arrastando no topo da lombada, ia passar pelo lado mas se assustou quando ela deu meia volta e perdeu o equilíbrio. Foram os dois para o chão. A perna direita dele, o pulso dela. Quebrada, torcido. A Astúcia de olho parado, segurando o pulso. O motociclista de olho parado, sem conseguir alcançar a perna. O Alencar de olho parado, abrindo-fechando a boca, falando cinza. Os vizinhos de olhos parados, na frente da agropecuária, na calçada, na parada de ônibus.

Em casa (não quis hospital), ela dava voltas de gaze ao redor do pulso. Dor não tinha, só pulso. E o ardido no peito da cinza do Alencar. Ele nem falava quase. Esfarelava e pedia, esfarelava e pedia. A Astúcia não chorava. Não queria, não podia. Precisava descansar. Descansou. Sono doído de três horas, interrompido por uma batida de palma no portão. Sofrida e longa. A Caetana. Cinza, vestida de cerração. Na mesma hora em que a Astúcia abriu a porta, o telefone tocou.

Tem muita coisa que eu ainda não vi. Não por falta de vontade, mas por não ter como olhar. É o ruim de ser esse pedaço de terra que não sai do lugar e que não muda. Quase a mesma, desde a queda do galho da figueira, um ajuntamento de casas, um tantinho de asfalto e uns ônibus descendo a lomba desembalados. Só isso. Avião. Nunca vi de perto, é uma arapuca feita de aço dobrado, com cadeiras e asas de passarinho e pra voar eu sei que ele corre-corre até virar o nariz e subir céu acima. Não deve de ser muito bom porque a maioria que eu ouvi falar por aqui se borra de medo disso. Deve ser medo de cair ou de subir muito alto e acabar se perdendo naquela lonjura toda, sem saber como voltar pra baixo. Música também dá pra ver, ela vem de umas caixas de madeira lá, só mexer nelas que sai, e daí se junta um mundaréu de gente que mexe cada um na sua caixinha e daí o som nasce. Acho que é negócio importante porque quando eu espio na televisão deles tá todo mundo usando roupa de festa pra ir assistir, como em casamento ou natal, ou enterro. O povo daqui guarda a roupa boa pra velório. Quando o Alencar nasceu, ninguém pensou no que ia vestir, souberam que ele tinha nascido, anotaram o nome do hospital, pegaram o carro e foram pra lá, umas duas horas depois tavam de volta. Foi diferente quando ele deu de nariz no tronco da figueira, teve uns que ficaram um tempo escolhendo o que vestir pra ir à capela ver o morto. No fim das contas, a morte não precisa se esforçar pra chamar atenção. Ela tá sempre por perto, mesmo quando ninguém percebe. É a única coisa que acompanha esse pessoal desde o começo. Caminha do lado, passo com passo, contando caso de vida pra quem consegue ouvir. Ela é um guri feito de cimento que vai ficando mais claro e seco, cerração que entra na gente e queima tudo por dentro, velha que tomba do coração na sala de casa e depois vai bater palma no portão da amiga pra contar a novidade. A Astúcia abriu a porta da frente e fez sinal pra Caetana entrar. Nem botou o olho nela direito e foi atender o telefone. A Caetana limpou os pés, entrou devagar na sala e se atirou no sofá, fazendo um aceno de cabeça pro Alencar, que tava que nem coluna de cimento na entrada da cozinha, apavorado. Comecei vendo pouco deles, como se nem tivesse nada pra ver. O Alencar era só um amontoado de cerração mesmo, fumaça que andava e falava baixinho. Nem eu percebi direito o que era no início, fui ver que era o guri só quando ouvi melhor a voz dele, daí que eu vi o que a Astúcia tinha deixado de fazer. O Alencar não morreu. Não pode, não deixaram. Ele levantou sozinho no meio do velório e não escutou pra onde tinha que ir, daí foi direto pra casa da Astúcia. Mal sabia

ele que a Astúcia tentou sair de casa pra ir pro velório e, quando viu que não dava, se esforçou pra chorar ali mesmo. Não conseguiu, não caiu nem uma lágrima pra ajudar o guri. Depois disso, ela ainda tentou fazer ele se achar. Acendeu vela, cheirou incenso, cobriu o túmulo dele de toquinho de vela colorida. Chegava no Lazarus todo dia de manhã e ficava até o fim da tarde, indo e voltando de um túmulo pro outro, rezando baixo e falando alto com o Alencar e depois com a Caetana. Entre uma reza e outra ela parava, virava pra eles, e via que nada tinha funcionado - lá estavam os dois, duas criaturas de pele de cimento que soltavam pó cinza. Pelo jeito não deixam os outros enxergarem os defuntados que não defuntam, é o que dava pra ver pelas caras de espanto deles quando olhavam pra Astúcia, ou quando trocavam de lado na rua pra não cruzar com ela. Esse povo não é ruim não, o problema é que o medo não faz ninguém ficar bom. Começaram querendo falar com a Astúcia, pra entender porque ela não foi chorar e, como se não bastasse, ainda tinha dado pra falar com o nada. Depois de uns dias desistiram, a Astúcia nem parecia escutar mesmo. Não tirava mais o vestido preto e se arrastava pelas ruas, às vezes com os braços cruzados, às vezes com os dedos nas orelhas. Tinha os ouvidos cheios e os olhos secos. Uns poucos não pararam de tentar. Uma tarde, a Imaculada, vendo a Astúcia tentando abrir o portão pra entrar em casa, foi ajudar, a guriuzinha chegou devagar, uma das mãos botou no ombro da vizinha, a outra foi tirar os dedos da Astúcia que tremiam e se enroscavam no trinco, abriu o portão, perguntou se ela não queria ajuda com as sacolas do armazém, não queria, perguntou se ela estava bem, não estava, perguntou o que tinha acontecido, e a Astúcia respondeu sem pensar. Não tinha chorado pro guri do Heitor e nem pra Caetana, e por causa disso eles não tinham como irem embora, tavam ali do lado delas, esperando por uma sobra de lágrima. A Imaculada ficou olhando em volta, por cima do ombro. Tremeu o queixo. Também queria enxergar. Disse pra Astúcia que acreditava e prometeu ajuda, ia pensar num jeito e de noite passava ali na casa pras duas resolverem o problema. Beijou a Astúcia na bochecha, virou as costas e voltou pra dentro de casa. A Caetana se acendeu, riu que nem louca com aquele riso de trovão dela. Disse que, se tinha alguém que podia ajudar, era a guriuzinha pra quem não dava pra mentir. Eles é que eram muito burros que não tinham se dado conta disso. O Alencar disse nada, ficou virado pro portão da Imaculada com uns dois riscos escuros descendo pelo rosto de cimento. A Astúcia, pequenina do jeito que tava, nem se animou. Entrou em casa e foi se deitar. Enquanto isso, lá na capela do Lazarus, sentados numa roda, o pessoal da Associação do cemitério fazia uma reunião de emergência. Estavam o Júlio, o Jonas, o Manuel e o Basílio (que

participava da primeira reunião, substituindo a mãe). O Heitor não podia mais se ocupar de coisa nenhuma, tava ocupado demais cuidando das ausências da esposa, que ficavam maiores por culpa da falta do Alencar. A Associação tinha que resolver o problema da Astúcia, as estranhezas dela já assustavam os visitantes do cemitério, e a falta da lágrima esvaziava os velórios. O Jonas sugeriu chamar alguém pra conversar com ela e, nesse meio tempo, transferir as celebrações de morte pra igreja, o Basílio falou que nem tinha percebido nenhuma estranheza, a tia dele era assim mesmo, quando o Manuel falou de um lugar que cuida de gente como ela, o Júlio descruzou os braços, tirou as costas da parede e saiu da capela batendo uma das portas. O filho do Júlio nem quis aparecer, estava em casa escolhendo a roupa pra ir no Divino com a Imaculada. Tinham combinado no dia anterior. (Pelo jeito, a Imaculada esqueceu.) Na casa da Astúcia, a coisa não ia bem. O Alencar esfarelava os punhos na parede e berrava com a Astúcia, a Caetana dava xingão no guri e pedia pra Astúcia tentar chorar de novo e de novo e de novo, a Astúcia falava que não podia e se tremia toda a cada grito do Alencar. A voz de choradeira cada vez menor. Tem muita coisa que eu ainda não sei. Não sei como ninguém mais podia ver os defuntados do jeito que a Astúcia via. Não sei por que eu conseguia ver. Não sei nem como eu consigo ver e escutar tudo isso. Não sei por que eu falo esse monte de coisa pra ninguém, ficar quieta seria menos complicado, e daí eu podia até pensar que não falava porque não queria, e não porque não tem quem me escute. Não sei por que logo a Astúcia que tinha que chorar, se o choro é de todo mundo. (Todo mundo tem pelo quê chorar, é só procurar direito.) O porquê da Astúcia não chorar eu até entendo. Isso cansa, tem hora que o choro engasga e a voz falta. É comum, só que inventaram que com a Astúcia isso não pode ser. Não pode nem pedir por um descanso, a pobre. Pra perto do Alencar e da Caetana se achegaram mais uns dois defuntos, vizinhos que a Astúcia conhecia de vista e pra quem não foi rezar. Um era um velhinho que fumava tanto que se escureceu por dentro, a outra era uma senhorinha que saiu pra comprar roupa na cidade e não quis entregar a bolsa pra um guri que não tinha sapato. Não se aproximaram muito, talvez tivessem medo dos defuntos mais velhos que se despedaçavam pela casa. Resolveram ficar pelo portão, abrindo e fechando a boca, pedindo ajuda sem pedir. Dentro de casa, a Astúcia sentada na cozinha, concentrada em ajeitar o paninho do centro da mesa. O Alencar cansou de berrar e de se esfarelar na parede e foi se encostar no portão da Astúcia, saindo da casa bem na hora em que o César chamou a Imaculada. Ela saiu toda enfeitada, deu um beijo demorado no guri, conversaram um pouco e desceram a rua de mãos dadas. O Alencar

no portão. Mesmo defunto, o guri viu que ainda tinha mais umas mortes pra morrer. Umás horas depois, a Astúcia fechava as portas e os vidros das janelas, a noite tinha chegado e pouca gente percebeu. Os dois defuntos novos tomaram coragem e entraram no pátio da Astúcia, ficou cada um de um lado do caminho de lajotas que separava o portão da porta principal. Agora, era a Caetana que se esfarelava e metia pó cinza dentro do peito da Astúcia. Fazia quase um mês da morte dela e ela tinha cansado de esperar. A Astúcia resolveu fazer faxina pra passar o tempo. Tirar o pó. Um desaforo bem discreto, que era só o que o cansaço devia permitir. A Caetana percebeu, e não gostou, disse que se a Astúcia queria que eles fossem embora era só fazer o que devia. A Astúcia repetiu *não posso, tô seca./ Não pode ou não quer?/ Ela não quer, Caetana* (o Alencar tentou se meter, mas recebeu um cala a boca da Caetana, que já tava com voz de briga). *É por causa dele?/ De quem?/ Do guri./ Porra, Caetana, pra quê lembrar disso agora?/ Ele ali não tem culpa./ Ele não tem, tu não tem, os morto lá de fora não têm./ Tu também não, Astúcia./ Me deixa quieta./ Não importa se ela avisa, tu não pode evitar./ De que me serve então?/ Pra tu me ajudar, pra tu ajudar a gente a ir embora direito, mulher!/ Me deixa quieta que eu cansei dessa merda./ Mas tu não pode cansar, e a gente?* (O Alencar fez mais uma tentativa de se meter, a Astúcia fez sinal pra ele sentar.) As duas ficaram quietas, não sei se cansaram ou se não conseguiram pensar em muito mais pra falar. A Astúcia continuou tirando o pó, limpando a parte de cima da televisão, esfregando até sair o contorno de gordura que o porta-retratos acabou fazendo. A Caetana viu o retrato com a cara cinza, e com a voz cinza perguntou se não tinha sido o Genésio quem tirou a foto. A Astúcia não lembrava. A Caetana pediu mais uma vez. *Tenta*. A Astúcia parou com o porta-retratos na mão, apertou os olhos, mexeu um pouco os lábios. O Alencar de pé, esperando. Os dois defuntados de pé, do lado de fora, esperando. A Caetana, de pé e de costas pra janela, esperando. Só que não deu em nada, a Astúcia tentou e, quando viu que não ia conseguir, se enfezou, arregalou aqueles olhos dela, levantou aquele braço dela e tacou o que tinha na mão na direção da Caetana. Errou a mira, da Caetana tirou só um tantinho de pó, mas acertou em cheio a janela. Do lado de fora, uns vizinhos já se aproximavam do pátio, outros espiavam de dentro das casas, mortos de curiosidade, borrados de medo. Eu, que não estava de nenhum dos dois jeitos (quem pode espiar não precisa ser curioso, quem nunca sai do lugar não tem como sentir medo), só olhei a Astúcia indo da sala pro quarto e do quarto pro banheiro, batendo porta. Nem escutava mais a Caetana e o Alencar. A Astúcia tirou a cadeirinha de armar detrás da porta do banheiro, botou embaixo do braço, pegou uma chave de

dentro de um pote, abriu a porta e saiu sem dar pelota pro povo que rodeava a casa dela, pros defuntos que não paravam de abrir e fechar a boca, e nem pros cacos de vidro da janela que machucavam a sola dos pés. (Tirou as chinelas, mas esqueceu de botar os sapatos.) A Astúcia atravessou o pátio, fez ziguezague pelas minhas ruas, e sumiu da vista de todo mundo, menos da minha. Eu vi quando ela fez a volta pelo asfalto, se meteu numa e noutra rua de terra e, quando os vizinhos já tinham desistido de procurar, pegou o caminho do cemitério. Desceu a lomba sem fazer barulho, destrancou o portão. Desistiram de procurar pela Astúcia no início da madrugada, voltaram pra dentro de casa. O que restou do lado de fora do pátio da choradeira foi o vidro quebrado, a moldura horrorosa, e a foto do dia da reinauguração do Lazarus. A Astúcia e a Caetana de braço enganchado, rindo que nem loucas, provavelmente de alguma bobagem que a Caetana resolveu dizer na hora. Era tarde de sol forte, e uma delas segurava um guarda-chuva.

Tarde, 14h.

Padre Jonas nem precisaria falar. Se o padre Jonas não tivesse tanto carinho pelas próprias palavras, o padre Jonas nem precisaria falar. Porque todos já a conheciam: os passos curtos, os *erres*. As miudezas. A mania de fazer tudo bonito, nem que seja morte, nem que seja feio. Ela até gostava quando era feio porque ela podia caprichar, deitar a melhor flor no túmulo, enrolar os doces bem redondos, salpicar as cuecas viradas com um tantinho a mais de açúcar e canela, só para deixar melhor. Já tinha feiúra demais em volta.

Quase ninguém escuta o padre Jonas, nem ele próprio. Em silêncio, cada qual com a sua oração: o Basílio apertando o braço da esposa, de pescoço virado para a porta. O Nestor de cabeça baixa, mais uma vez pedindo as desculpas que, no fim das contas, sempre foram só para ele. O Manuel cochichando com o vizinho de cadeira enquanto os filhos brincam de pegar entre as carneiras lá de fora, uma das lápides servindo de ferrolho. A Imaculada de mão com o César. Era o que tinha se acostumado a fazer: ficar de mão dada e encher a boca de pergunta. Agora, só falta que ela também aprenda a responder.

Lá fora, a tarde tinge todo o Lazarus de sol. Ele demorou a aparecer, de manhã estava nublado e úmido, quase chuvoso. Neblina que deixou a Vila do Açude com cara de nuvem. Logo depois do meio-dia, a névoa se dissipou e o céu se arreganhou todo em azul, confirmando o que a dona Catarina costumava dizer quando a Caetana e a Astúcia reclamavam de ter que ir botar a roupa no varal mesmo em manhã nublada. De fato, a cerração baixou, e o sol resolveu rachar.

As pernas do Heitor formigam, está há tempo demais em pé. Talvez ele conte para a esposa que, no final das contas, ela estava certa. São varizes mesmo, vai ter que marcar um médico e esquecer a costela gorda dos domingos. Não sabe se a eliminação da gordura tem alguma ligação com a melhora das varizes, mas a esposa não gosta que ele exagere no churrasco. Ela também adora saber que está com a razão, por isso o Heitor vai contar e por isso ele vai esquecer. Porque ela está presente, ainda que não esteja. Uma ausência justificada.

O padre Jonas acaba o discurso. Fecha o livreto e por pouco não o deixa cair do púlpito. Vai falar com os outros membros da nova Associação para comprarem um novo suporte. Quem sabe até arranjam verba para uma pintura na capela ou para comprar uns bancos novos. Aperta o livreto com as duas mãos. O padre Jonas não lembra o que vem agora, se já é hora de fechar o caixão ou se os parentes devem falar. Não sabe quem pode ser considerado da família dela além do Nestor que, para todos os efeitos, acabou virando um meio parente, primo de terceiro grau que envia mensagem nos aniversários e só aparece no casamento ou no velório. Talvez, Basílio possa ter algo para falar, ele se dizia sobrinho, mesmo ela não sendo tia. Jonas faz menção de chamá-lo, mas desiste quando o vê distraído, de pescoço torcido para a porta. Passa os olhos em todos os presentes. Ninguém vai falar, muito menos ele.

*

A capela do Lazarus está em silêncio. Os vizinhos se entreolham em volta do caixão da Astúcia. Esperam que algo lhes diga o que fazer, querem ouvir sons de passos, ranger de portas, voz potente puxando o coro. Orquestra sem regência não sabe para que lado virar.

Seu Júlio continua encostado numa das portas. Apura os ouvidos e abre as narinas, para o som entrar por inteiro. Erre forte, erre rasgado, erre da Astúcia se enchendo de volume no silêncio. Não se assusta, ele já imaginava que a velha ia tentar alguma coisa (se bobear, deve ter pedido ajuda pra Caetana). Mistura os sons, reconhece a melodia, e percebe que já escutou aquela música antes. Tenta chamar o filho, mas ele está ocupado escutando as preocupações que a Imaculada lhe sussurra nos ouvidos.

*

- Tu não tá ouvindo?

- Ouvindo o quê?

- “Quem mandou foi o meu Deus, quem mandou foi o meu Deus.” Tem gente repetindo essa frase aqui, tu não tá escutando?

- Não tô escutando nada, Imaculada.

- Mas eu tô. A voz não me é estranha.

De novo, César tenta sentir os sons da mesma forma que o pai (e, agora, Imaculada) sente: baixa a cabeça e abre as orelhas, o corpo retesado, aguardando. Quer suspirar, mas o silêncio sufoca. Sente um toque. Mão. Dedos que lhe tocam o ombro direito, que lhe apertam o ombro direito. Nada por sobre o ombro, nada nas suas costas. Mãos fechadas, cruzadas na frente do corpo, cruzadas para trás, nenhuma em seu ombro. Nenhum toque visível com exceção ao de Imaculada, que está ao seu lado esquerdo, concentrada em algum som que ele não consegue ouvir.

Pelas portas da capela entra uma brisa que sobe pelas costas de César, queimando a nuca, invadindo os ouvidos. Baixinho e só para ele, ela começa a cantar. As palavras não lhe são estranhas; são as dela que recolhem as dele e misturam tudo numa só reza. César entende o que a madrinha lhe pede. Puxa o ar, agita a batuta, e dá o tom:

- Oh, Miguel, escuta a voz de quem te chama

Os vizinhos se viram na direção do filho do velho Júlio. Do nada, o guri inchou o peito e desembestou a cantar. Seu Júlio, que já escutava a reza lá no fundo das orelhas, responde:

- Oh, Miguel, escuta a voz de quem te chama

Vai buscar aquela alma

Há três dias que ela clama

Imaculada, percebendo onde devia encaixar a parte soprada pela voz da Caetana, completa:

- Oh, de casa oh, de fora

O inferno estremeceu

Eu vim buscar esta alma

Quem mandou foi o meu deus.

César repete a cantilena (tem que repetir, senão o defunto pega o chamamento pela metade e pode se perder) e na voz dele repousam as outras todas. No mesmo tom (sem gritar, que é pra não machucar os ouvidos de quem está indo embora), apontam o caminho de volta para a Astúcia.

A brisa quente se torna vento, agita as saias das senhorinhas, faz cócegas na bochecha do Seu Júlio, e, em meio a cantoria da Vila do Açude, o velho chora.

*

Ninguém sabe quantas vezes é preciso repetir o verso, eles irão cantar até enfraquecer a voz, ou até o guri do Júlio falar que está de bom tamanho (luto tem que ter hora pra acabar, já dizia a velha). Eles só cantam e choram. Eles só cantam e sorriem. Eles só cantam, e não percebem a velha miúda, preto na pele cinza, que sobe a lomba e leva a cerração embora. Está de braço enganchado com outra senhorinha, que segura um guarda-chuva.

EPÍLOGO

Pé por pé, arrastando as solas na grama gelada. A Astúcia só foi sentir a dor dos cacos de vidro no meio da lomba, passando a casa do Seu Júlio. Foi aí que notou que já era madrugada, e estava sem os sapatos. Aquelas ruas eram muito perigosas para se andar sem os sapatos. Nem lembrava por onde passou durante o dia, provavelmente foi para o Lazarus de manhã, para a lojinha de tarde, para o super de tardezinha. (Se bem que não estava levando a chave da lojinha no bolso, e por que estava indo pro Lazarus a essa hora se já tinha passado ali antes?) Abriu o portão e entrou se cuidando, examinando o próprio corpo para ver se não tinha esquecido de vestir mais nada. Só os sapatos mesmo. Do resto lembrou.

Dava para enxergar pouco, só o muro branco lá embaixo, a sombra das árvores lá em cima, e a cerração no meio. A Astúcia estranhou que não foi seguida por nenhum deles até chegar ao Lazarus. Sem nuvem de cinza que arde o peito e embaça as vistas. Por um instante, pensou que eles tivessem desistido, cansaram de esperar e foram embora solitos mesmo. Ficou faceira. Mas a faceirice durou pouco, e lá estava ela de novo, caminhando em direção aos amontoados de cinza que se faziam e desfaziam entre os jazigos. Um desses montinhos era a Caetana. Sentada em frente a um dos túmulos. Não viu Astúcia se aproximando, e levantou uma nuvem de pó quando a velha abriu a cadeira vermelha ao seu lado:

- Puta merda, Astúcia! Que cagaço que tu me deu!

- Essa é boa, um fantasma encagaçado. De onde é essa cadeira?

- Não sei. Cheguei e ela já tava aí. Pensou que a gente tinha ido embora?

- Pensei. Só que não ia ter muito sentido.

- Sentido é o que menos tem isso tudo. Passei anos sem beber, sem comer gordura, sem comer doce. Sem fumar. E, no fim, morro do quê? Coração, a única coisa que médico nenhum disse que era problema. Apesar do cigarro, tu tem fôlego de guriuzinha, dona Caetana. Se eu soubesse, não tinha parado com nada.

- Como é que foi?

- Tropecei. Senti a quentura no rosto, o peito diminuiu, deu um tremelique nas pernas, e aí foi-se. Bem rápido. Meio sem graça até.

- Desculpa, nega.

- Pelo quê, mulher? Não foi tu que me apertou o peito.

- Mas eu te deixei sozinha com ela, não se faz isso.

- Tá todo mundo sozinho, Astúcia. Até quem morre. Tu sabe que a gente tentou, né? Eu trouxe todos eles pra cá, pra te dar um descanso, e a gente tentou. A gente rezou, a gente chorou, a gente se despedaçou inteiro pra ver se ia. Só que não teve jeito.

- Eu sei, só funciona comigo mesmo. Mas e quando eu tiver que ir, como é que fica? Não tem mais ninguém meu aqui. Quem é que chora pelo resto? Quem é que chora pela choradeira?

- Talvez o Nestor. Ele sempre foi meio chorão, leva jeito pra coisa.

- O Nestor é um cagão, morre de medo de morto. Se depender dele, fica todo mundo por aqui.

- Nem me fala um negócio desses. Não aguento mais esses três. A velha só sabe falar de doença. Ainda não se deu conta, a desgraça.

- Ela nunca se deu conta de muita coisa. Lembra do marido dela?

- O que fugiu com o padeiro primo do Maneca?

- A velha nunca mais conseguiu comer pão sovadinho depois dessa.

Caetana riu, e o riso dela varreu o Lazarus. A noite ia clareando.

*

- Como é que eu faço pra chorar de novo, Caetana? Me secou as lágrimas tudo.

- Não é de hoje que tem te faltado choro, Astúcia. Tu sabe disso.

- Eu devo ter esgotado tudo quanto era lágrima boa naquele dia, depois disso as rezas foram virando pó, se esfarelando despacito. Aí, um dia, elas sumiram.

- Não existe choro pra gente que nem tu, Astúcia.
- Não existe nem palavra pra gente que nem eu, nega.
- Mãe que fica sem filho é órfã de mundo. Talvez por isso fique sem reza e sem lágrima.
- Eu queria chorar pra ti, Caetana.
- Tá tudo bem. Aqui não é tão ruim.

*

- Que jeito de chuva. Fazia tempo que eu não virava a noite.
- Conta outra, Caetana.
- Palavra. A última vez foi lá num inferninho da cidade. O Basílio era pequeno ainda, tu tava grávida.
- Lembro disso. Tu me deixou o guri no portão e nem quis entrar. Chegou na manhã do outro dia sem um sapato, dizendo que tinha um segredo pra me contar. No fim, tu nunca me contou como foi a noite e nem o que era o tal do segredo.
- Olha, da noite eu não posso te contar porque eu não lembro mesmo.
- Velha podre.
- É a senhora sua mãe. Mas do segredo eu sei, não tem como esquecer um negócio desses.
- Mas então conta, mulher!
- Fala baixo que o Júlio tá vindo ali atrás. O homem me pediu pra eu não espalhar, levar o segredo pro túmulo.
- A parte do túmulo tu já garantiu.
- Vai te catar, Astúcia. Eu vou contar só pra ti e tu faz o favor de não me espalhar. Bueno, tu lembra que tinha dias que era de show lá no inferninho, né? Pois eu fui num desses dias, tava tudo pronto, palco arrumado, fedorão de perfume. Tava no bar

tomando uma cerveja quando me aparece a atração da noite: um baita dum magrão todo emplumado, de peruca e num vestido apertadinho, que subiu lá no palco e começou a cantar.

- Tá, e daí?

- E daí que tu não vai acreditar quem era.

- Quem? É daqui da vila?

- Era. Já esticou as canelas.

A cara de interrogação da Astúcia divertiu a Caetana, que levantou a mão direita na altura no rosto e, com o dedo indicador e o polegar, fez o formato de uma pinça. Abriu e fechou os dedos, sussurrou:

- A pluma rosa.

- Tu tá brincando!

- Pois é. E vou te contar, ele era bom naquilo. De peruca era feio que nem um demônio, mas tinha talento.

Astúcia e Caetana viraram-se para frente, as mãos no colo. Ficaram caladas por um tempo. Então, o rosto da Astúcia se contorceu, os olhos se apertaram, os ombros subiram e desceram, o corpo todo acompanhando o ritmo de uma risada silenciosa. Caetana já não se aguentava, a gargalhada com o vento da chuva, entrando sem pedir licença nos ouvidos do Seu Júlio. Astúcia perdeu o equilíbrio e quase caiu da cadeira de armar, o que só fez aumentar o riso das duas. No meio do silêncio, ela bateu uma palma, e gargalhou.

Recostando-se na cadeira, Astúcia fechou os olhos. Esticou a mão esquerda para segurar a de Caetana.

- Quando a Vizinha chegar pra mim, tu volta pra me dar uma ajuda?

- Nem precisa chamar.

Dos olhos fechados da Astúcia fugiu uma gota, duas, três. Baixinho, a Caetana entoou uma reza, qualquer uma, a primeira de que se lembrou. A voz dela chamou a voz

da choradeira, e as duas cantaram até a cerração baixar. Lá longe, o temporal já se aproximava.

SOBRE O PROCESSO

1. INTRODUÇÃO

Em suma, este caderno em que escrevo a própria história do livro, eu o vejo todo vertido no livro, formando o interesse principal, para maior irritação do leitor¹.

Toda ficção tem uma História (escrita assim mesmo, com letra maiúscula e *status* de nome próprio) de (re)escritas, de pesquisas, de problemas. De vitórias que são discretas, possivelmente invisíveis, para quem observa de longe. Uma História antes da história.

O processo de criação² é parte inicial do fazer literário (ou de feitura de qualquer outra natureza), e sua documentação é nada menos que o fiel escudeiro do escritor, um território onde imperam as incertezas e que é ocupado pelo autor, pelas personagens e por aqueles seres que vez ou outra surgem, mas que acabam por permanecer como rascunhos, suspensos num vir a ser.

O trecho que inicia esta reflexão integra o *Diário dos moedeiros falsos*, uma coleção de cadernos e anotações escritas por André Gide em paralelo ao romance *Os moedeiros falsos* (2009³), e em cuja estruturação este ensaio se inspira. O *Diário* mostra o diálogo entre autor e obra, explicitando as escolhas de estruturação da narrativa, bem como os materiais utilizados para consultas. Pode-se verificar como Gide elaborou suas personagens e lhes deu voz, como se deu a construção do espaço, do cenário, da linha temporal e do tom da narrativa. Há possibilidade, ainda, de ver como o autor lidou com os bloqueios e os inevitáveis momentos de apreensão. O *Diário* oferece um olhar pontual sobre a criação, contemporâneo à escrita; ao leitor é dada a chance de conhecer a criação literária enquanto processo, trabalho executado por um leitor crítico e ligeiramente obsessivo, mais ou menos disciplinado. Ou, como afirma Poe em *A filosofia da composição* (1999⁴):

¹ GIDE, André. **Diário dos moedeiros falsos**. Tradução de: Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. Título original: *Journal des Faux-monnayeurs* (1927).

² O *processo de criação* ao qual me refiro aqui não é o que explicita o contexto físico e social de criação literária, e sim aquele que destaca os procedimentos técnicos e reflexões simultâneas à escrita.

³ GIDE, André. **Os moedeiros falsos**. Tradução de: Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. Título original: *Les Faux-monnayeurs* (1925).

⁴ POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. In: **Poemas e Ensaio**s. Tradução de: Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999. 3ª edição revista. Título original: *The Philosophy of Composition* (1846).

É meu desígnio tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático (p.2).

Neste ensaio são apresentados os bastidores da criação literária partindo de um dos textos mais célebres do autor norte-americano: o poema *O Corvo*. Da mesma forma que Gide, Poe mostra as entranhas do seu fazer literário, expondo em detalhes o processo de composição: a escolha da extensão da obra (100 linhas), do tom (melancólico), do tema (a morte), do animal de aparência sombria que repetiria *Nevermore*⁵ ao final de cada estrofe (o corvo), do ritmo, das rimas, das personagens, entre outros aspectos. A motivação principal de Poe é desmistificar para o leitor (e também para os seus colegas de ofício) a imagem do escritor que depende apenas do seu impulso criador, do artista que só pode escrever respirando os ares da boemia, nos cafés, nos porões ou no silêncio de sua sala de estudos. O escritor que Gide e Poe descrevem é o criador consciente, que analisa e experimenta e critica e procura ter controle sobre as palavras que usa. Ele não coloca o texto sob a responsabilidade dos próprios rompantes criativos (embora tenham boas intenções, eles são pouco confiáveis), mas ele não os detém, deixa que apareçam, conservando em si um espaço para o inesperado e para o desconcerto (RIBAS, 2000⁶).

Este estudo inspira-se, portanto, em Gide, em Poe, e em todos os autores que se permitiram contar a História da história. Tentarei, tanto quanto for possível, imitá-los, somando às minhas reflexões vozes vindas de outros textos, teóricos e literários, dos quais buscarei conselhos às dúvidas e inquietações que fazem (devem fazer) parte da criação literária.

Cerração de choradeira começou como toda criação, literária ou não, começa: um impulso inicial que fora insistente o bastante para ultrapassar a euforia criativa do início e tornar-se ideia, plano concreto, planejamento. Esta ideia vem sendo desenvolvida já há algum tempo. Os primeiros rascunhos viram de perto o fundo da lata do lixo no início de 2013. Durante este tempo, o texto passou por diversas alterações (algumas delas serão relatadas aqui), contudo, a protagonista com seus conflitos e o tema central da narrativa permaneceram inalterados.

⁵*Nunca mais.*

⁶ RIBAS, Maria Cristina. **Criação Literária: um ensaio para o escritor.** In: **Revista Letras.** Curitiba, PR, n.54, p.107-115, jul./dez. 2000.

2. O PLANO INICIAL

Começo com Astúcia, porque não haveria outro jeito de começar. A imagem da mulher que faz da roupa de luto seu uniforme de trabalho e do choro sua profissão foi a primeira a surgir, antes das demais personagens, antes do cenário, antes mesmo do enredo. Vale dizer: Astúcia não é uma aparição, ela foi resultado de um interesse pessoal (e a princípio desinteressado) por um aspecto tão variado quanto recorrente no folclore brasileiro: as diferentes maneiras de colocar-se frente à Morte. Aqui ela vem com letra maiúscula, posto que é nome próprio. Presença, ainda que ausente de corpo físico; a Indesejada⁷ permeia a narrativa do início ao fim, dando o tom aos acontecimentos, pairando sobre todas as personagens, sempre muito próxima, como cerração que nunca sobe. Eventualmente, ela decide levar algumas personagens aqui e ali, mas é só para não ficar ociosa e também porque não quer deixar sua funcionária sem trabalho.

A Morte toma as mais diversas formas no imaginário de um povo: é o ceifador de túnica preta, mas também é a jovem de tesoura na mão. São várias as representações da Morte, e são vários os ritos que a acompanham; um destes é a tradição das carpideiras, meu ponto de partida.

A palavra *carpir* tem origem no vocábulo latino *carpere*⁸, que significa demonstrar tristeza por meio de atos de autoflagelação, como arrancar os próprios cabelos ou arranhar o rosto. Por ter sido, de início, parte de uma cultura oral, há pouca informação escrita sobre sua atuação em tempos mais remotos, o que impossibilita saber a qual época as primeiras mulheres contratadas para chorar defunto alheio pertencem. No entanto, acredita-se que o choro por contrato já foi exercido por carpideiras nos funerais de ilustres no Antigo Egito e de nobres romanos na Antiguidade Clássica. Seus préstimos eram essenciais para garantir (ou aumentar) a reputação do falecido. Contudo, o choro não era fiado, e as carpideiras eram contratadas somente pelas famílias que

⁷Pego emprestado a alcunha *Indesejada*, dada por Manuel Bandeira à Morte em seu poema *Consoada* (BANDEIRA, Manuel. **Consoada.** Disponível em: <www.poemasdebandeira.blogspot.com.br/2011/01/consoada.html?m=1>. Acesso em: 28 de novembro, às 15h07).

⁸CARPIR. In: DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/carpir/>>. Acesso em: 29 mai.2015, às 15h52.

tivessem condições de pagar pelos seus lamentos⁹. Ainda, esta função é citada em livros religiosos, entre eles a Bíblia, em cujas páginas a carpideira – aqui também denominada *mulher habilidosa* – é convocada para trazer comoção e arrependimento nos momentos de dificuldade ou tragédia iminente.

Saltando algumas centenas de anos, há registro da ação das carpideiras no continente asiático e em países da Europa, sobretudo em Portugal. A esse respeito, pontua Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do folclore brasileiro* (2001¹⁰):

[A carpideira] foi conhecida em quase toda a Europa, e a tradição de chorar, cantar, dançar e ter uma refeição dedicada aos mortos é possivelmente universal e milenar. [...] Não se compreende *defunto sem choro*, índice de suprema indiferença e abandono total (p.117).

A esta época, a carpideira já não recebe fortunas para chorar os mortos, nem deve arrancar os próprios cabelos para mostrar que sofre. Apesar disso, segue vestida de preto, segue acompanhando doente sem salvação até a hora derradeira, segue cantando e derramando lágrimas em honra ao falecido, pedindo pelo acolhimento de sua alma, encomendando-a para um pós-vida, seja ele qual for.

Lágrimas são universais, todos podem derramá-las, mas é a carpideira quem chora por ofício, lamentando a morte de gente que, muitas vezes, não conheceu em vida. Ainda conforme Câmara Cascudo (2001), o carpir chegou a terras brasileiras à época da colonização portuguesa, instalando-se, sobretudo, no Norte e no Nordeste do País. Para que pudesse perdurar, a tradição passou por modificações, sendo adaptada à realidade da qual passou a fazer parte. A tradição misturou-se a uma identidade coletiva e a um conjunto de sistemas simbólicos já existentes, resultando em um sistema novo de ritos e crenças, nem tão diferente e nem tão igual ao lamento pelos mortos em tempos antigos. Carpideiras passaram a ser *cantadeiras de incelências*¹¹, presença constante não apenas nas casas dos doentes terminais e em serviços fúnebres, mas também nas situações de

⁹ **CARPIDEIRAS.** In: **História e Arqueologia.** Disponível em: <historiaearqueologia.blogspot.com.br/2008/03/carpideiras.html>. Acesso em: 15 abr.2015, às 14h50.

¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** São Paulo: Global, 2001.

¹¹ Incelências: orações cantadas em melodia estanca, sem acompanhamento instrumental, de versos repetidos em doze ou nove versos. Conforme crença popular, não se deve interromper uma incelência, ela precisa ser cantada do início ao fim, sob pena de condenação da alma do defunto, conforme Moraes (2011).

urgência, na doença, na dificuldade. Havia uma sequência particular de orações para cada serviço, fúnebre ou não, como lembra Morais (2011¹²):

As incêlências não são canções e orações fixas, sua multiplicidade é informada pela necessidade do lamento para que se alie a morte, ou seja, suas diferenciações são cantadas dependendo da devoção do defunto e de sua morte (p.9).

O ofício da carpideira era atividade praticada, em sua maioria, por mulheres, passada de geração para geração de maneira quase que inconsciente. Não havia idade mínima para a “iniciação no choro”, crianças acompanhavam suas mães aos velórios e demais serviços e, por consequência, aprendiam os lamentos. Como pagamento, as *cantadeiras* não recebiam quantias em dinheiro considerando que, segundo Câmara Cascudo (2001), “não houve, no Brasil, a carpideira profissional, que chorava defunto alheio mediante pagamento (p.117)”, e sim itens básicos de sobrevivência (comida, peças de roupas, itens de higiene...) ou *prendas*, objetos de valor simbólico pertencentes ao falecido.

O seu tempo de permanência em cada serviço variava de acordo com a intenção das famílias. Em algumas ocasiões, elas eram chamadas quando o doente já não dava mais sinais de recuperação, em outras, chamavam-nas para orar pela saúde de um enfermo. A atuação mais comum das carpideiras ocorria em caso de morte, quando eram convocadas para acompanhar o defunto durante a preparação do corpo, e não parariam de cantar e chorar até o momento em que o último punhado de terra fosse jogado sobre o túmulo. No velório, deveriam posicionar-se aos pés ou à cabeça do morto, e seu choro deveria passar tamanha tristeza que os demais presentes não vissem alternativa, a não ser chorar também. Morrer sem estar rodeado por lágrimas e sofrimento significava o mesmo que ser abandonado à hora da morte, a presença da carpideira era para garantir que a alma do morto encontrasse o seu caminho e, ao mesmo tempo, que ela não fosse esquecida (conforme Morais, 2011).

O choro das carpideiras é uma arte enfraquecida no Brasil (mantendo-se forte em regiões do continente europeu e em vários países da Ásia, com as devidas adaptações¹³). Já não há espaço e tempo para rezas no quarto de hospital e os serviços fúnebres vêm se modernizando, como todo o resto. As incêlências perdem a força a partir do momento em que se afastam dos ensinamentos familiares e do folclore

¹² MORAIS, Marluce Lima de. **Lamentos que encantam: as incêlências e a religiosidade piauiense**. In: **Simpósio Nacional de História**, 26, 2011, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: ANPUH, 2011.

¹³ CASCUDO, 2001.

nacional. As mulheres de preto ganham nuances exóticas - cômicas até - de exemplares raros das tradições populares, amostra das crendices de outros povos, que adaptavam e criavam seus próprios costumes, mantendo uma constante ligação com a liturgia cristã.

Seria um exagero afirmar que este costume está fadado ao completo desaparecimento, considerando que ainda pode haver mulheres que exercem o choro por defuntos desconhecidos em troca de pagamento (sendo este financeiro ou simbólico¹⁴). Contudo, para que possam se adequar evitando, assim, a extinção, tradições também devem passar por adaptações, transformando-se sem, no entanto, desaparecer.

Dito isso, retorno à Astúcia. Ela já apareceu choradeira vestida de luto, veio com o nome (embora eu quisesse acreditar que fora escolha minha, tanto por ser um nome pouco usual - como ela seria - quanto pelo duplo significado da palavra¹⁵), exigindo que eu a ouvisse e a observasse, afinal, assim como eu a alimentei primeiro, ela também passaria a me alimentar em determinado momento, colocando em xeque todo o texto se porventura eu não a escutasse com atenção. A escrita e suas vias de mão dupla.

Nunca tive dúvida sobre qual elemento desenvolver em primeiro lugar: se a personagem ou a trama. Nunca tive dúvida, pois não há, a meu ver, um questionamento. Desenvolver trama ou personagem em separado implica a crença de que eles são elementos independentes no texto, de que não há ligação entre um e outro.

Henry James, em *Art of Fiction* (1884¹⁶), refere-se à criação literária como um *todo orgânico*¹⁷, cujo pleno funcionamento depende da eficiência de todas as partes constituintes, entre elas a personagem. Se a personagem não for bem construída, suas ações e reações não apresentarão um desenvolvimento harmonioso. Em consequência, se a personagem e as relações de causalidade da trama não mantiverem um encadeamento lógico, o texto como um todo sofrerá.

A partir do momento em que optei por trabalhar a figura da carpideira, foi necessário fazer uma série de escolhas. A primeira delas diz respeito à sua imagem de

¹⁴ Torna-se imprescindível citar o nome da atriz Itha Rocha, que hoje concilia sua rotina profissional com a função de carpideira moderna. Seu nome tem algum destaque na mídia brasileira, sobretudo por conta de sua atuação em velórios de personalidades como o piloto Ayrton Senna e o estilista Clodovil Hernandes (REVISTA DA FOLHA. São Paulo, SP: Folha de São Paulo, 2003. Diário. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/revista/rt2303200301.htm>>. Acesso em: 29 mai.2015, às 16h33).

¹⁵ O vocábulo *astúcia* quer dizer tanto *ser esperto ou sagaz* quanto *ter a habilidade para simular* (ASTÚCIA. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguêsportugues&palavra=ast%FAcia>>. Acesso em: 18/04/2015, às 17h.).

¹⁶ JAMES, Henry. **The art of fiction (1884)**. Disponível em: <<http://public.wsu.edu/~campbelld/amlit/artfiction.html>>. Acesso em: 19/04/2015, às 13h34.

¹⁷ Do inglês *organic whole*, em tradução livre.

carpideira, seu posicionamento: Astúcia seria uma carpideira clássica, beata conhecedora de orações para todos os males? Para chegar a uma resposta, considere as duas alternativas que se apresentaram:

Opção 1: Se escolhesse fazer de Astúcia a carpideira clássica, seguindo os ritos tradicionais, ela teria de cultivar uma estreita relação com os costumes antigos. Sua atuação deveria ser do modo mais tradicional possível (isto é, ela precisaria ser chamada para acompanhar um moribundo, velaria um defunto na mesa da cozinha, como manda a crença, cantaria pela alma do morto em voz alta e fazendo uso de palavras que pertencem à outra época) e, por essa razão, os serviços fúnebres também acabariam por ser tradicionais, com todos os procedimentos que lhe eram devidos em outros tempos e que hoje poderiam causar certa estranheza. Meu objetivo nunca fora fazer de Astúcia uma personagem caricata, tampouco essencialmente cômica, não era minha intenção torná-la uma mulher afeita ao passado e perdida no presente (até porque – e mais tarde pude atestar este fato – esta característica iria de encontro às suas atitudes e ao seu relacionamento com as demais personagens). Para que a construção de uma carpideira tradicional fosse crível, seriam necessárias adequações no espaço e no tempo da narrativa: o tempo presente e linear não poderia ser contemporâneo, ao passo que a narrativa não linear¹⁸ precisaria recuar alguns anos; ainda, a história deveria retornar às origens da tradição, isto é, a narrativa seria ambientada nas regiões do Brasil onde a ação das choradeiras era forte.

Opção 2: Se, ao contrário, eu optasse por fazer de Astúcia uma carpideira contemporânea, adequações teriam de ser feitas. Sua função principal – o choro por defunto alheio – deveria ser mantida; no entanto, ela precisaria adequar seus lamentos a ambientes que hoje podem se configurar em prolongamentos de espaços fúnebres (capelas, alas de hospitais, salas de espera de funerárias, entre outros). Além disso, o canto teria de sofrer algum tipo de adaptação, para melhor identificação das outras personagens.

¹⁸*Cerração de choradeira* divide-se em duas linhas narrativas, cada uma com a sua própria estrutura, tempo e foco narrativo. A este respeito serão apresentados mais detalhes nas próximas sessões deste memorial.

A escolha por cada uma das opções anteriores implicaria aceitação e recusa de determinadas condições e, por consequência, de caminhos que o texto pode ou não seguir. Enquanto que a primeira alternativa facilitaria a criação de um ambiente próprio para a carpideira, exigindo a exploração de uma certa religiosidade mas, ao mesmo tempo, facilitando a inserção dos elementos fantásticos (possibilidade considerada tão logo optei pelo tema da morte e de seus ‘funcionários’), a segunda me daria liberdade para situar a narrativa no espaço e no tempo que melhor me parecessem, tomando o cuidado de adaptar os ritos e a própria figura da carpideira. Considerando os benefícios e os desafios impostos pela segunda alternativa, optei por esta, tendo em mente que seria necessário um trabalho maior de adequação.

Para uma carpideira contemporânea, atitude moderna. Não seria adequado colocá-la a cantar incelências aos pés ou à cabeça dos mortos, do início ao fim dos velórios. Ela deveria cantar e chorar, caso contrário sua função principal ficaria descaracterizada; contudo, seu canto deveria ser modificado, e sua ação, flexibilizada. Dessa forma, tomei como base a atuação tanto daquelas personagens peculiares que hoje figuram em enterros sem receberem uma convocação formal e que, por vezes, sequer conheceram o defunto em vida. Imaginei (e imagino) Astúcia como uma mulher para quem a tradição é viva, embora distante: uma descendente de carpideiras que combina o pouco que aprendeu com suas experiências pessoais e “invencionices”. Tem sua fé e acredita no seu ofício, mas não é beata. Muito pelo contrário. Era imprescindível que ela cultivasse uma relação particular com a Morte (relação esta que é replicada pelas outras personagens, em maior ou menor medida); ela deveria acreditar ser uma agente intermediária da Morte, responsável pelos primeiros passos da travessia das almas a um outro mundo. Astúcia precisaria encarar sua atuação nos velórios a princípio com seriedade, afinal, o choro e o canto era de que os defuntos precisavam para irem-se embora. A carpideira não executaria as funções de ceifador, e sim de barqueiro. Ela teria de tratar a Morte como colega, velha amiga.

As demais personagens veriam Astúcia não como um prolongamento da Morte, mas como um alívio, vento quente que faz os olhos esvaziarem toda a tristeza. Mais do que guardar os defuntos, Astúcia cuidaria dos vivos e, por isso, seria tratada com respeito e reverência. Obviamente, para que sua presença viesse impregnada por um “argumento de autoridade”, as outras personagens deveriam, cada uma a seu modo, cultivar uma estreita relação com a Morte e, ainda, precisariam crer na importância da

carpideira enquanto mediadora desta relação. Para estas personagens, a criação de um senso de comunidade torna-se indispensável.

Oposta à imagem costumeira da Morte, a figura de Astúcia teria de ser leve. Entretanto, não era minha intenção transformá-la em uma personagem excessivamente tranquila e passiva. Para condizer com sua posição de importância na comunidade, Astúcia precisaria ter traços iniciais marcantes: uma voz de *erres* penetrantes, que podiam ser reconhecidos à distância; uma predisposição ao espetáculo; uma personalidade que se acalma e perdoa com a mesma rapidez com a qual se exalta, feita de rompantes e vontades. É importante mencionar que estas foram idealizadas como características iniciais, apenas um ponto de partida.

A partir do momento em que a carpideira fora idealizada, e que tive a certeza de que desejava seguir um caminho intermediário entre o realismo e o mágico, o conflito central da narrativa tornou-se muito claro. A trajetória de Astúcia partiria de um lugar confortável, um status construído por seus ancestrais (construção esta que precisava ser mostrada para fazer sentido), mantido por ela e respeitado pela comunidade. Considerando a função mítica das carpideiras (usar o choro para auxiliar os mortos a, de fato, morrerem), quis fazer com que Astúcia saísse deste lugar confortável, tirando-lhe o choro e fazendo-a lidar com a estranheza que a sua nova condição causa nas outras personagens e com a aparição de certos indivíduos que, em circunstâncias normais, não mais deveriam ser capazes de interagir. É a combinação do conflito travado por Astúcia consigo mesma e as consequências, sobrenaturais ou não, que advém de sua repentina e misteriosa incapacidade de exercer a função de carpideira, o mote inicialmente planejado para a narrativa.

Não há esboço que não precise ser modificado, texto que não precise ser reescrito ou plano que não possa se tornar diferente do que foi. Nesta sessão foram relatadas as ideias iniciais, os primeiros passos na construção de uma personagem e da narrativa. Nas próximas subdivisões serão abordados outros elementos referentes à escritura, bem como as alterações executadas.

2.1. A VILA DA CHORADEIRA

Todos os caminhos tomados para a construção da narrativa estão interligados. A construção da Astúcia norteou a opção pela linha temporal seguida pelo presente da narrativa (situando o tempo linear no ano de 2012) e, para que o ofício da carpideira

pudesse ser posto num cenário contemporâneo sem grandes estranhezas, fez-se necessário pensar em um espaço de convergência, onde o antigo e o novo se encontrassem e pudessem conviver em relativa harmonia.

No que diz respeito às escolhas de ambientação, é um risco (e não recomendável) escrever sobre lugares com os quais se está intimamente ligado, sob pena de falhar na objetividade das descrições, recheando-as de lirismos. John Gardner alerta, em *A arte da ficção* (1997¹⁹), para os perigos da proximidade excessiva:

Nada pode ser mais limitativo da imaginação, nada porá mais rapidamente em marcha os sistemas de censura e distorção da psique, do que tentar escrever com honestidade e de maneira interessante sobre sua própria cidade natal, sua própria mãe devota [...] (p.34).

Após optar por não fazer de Astúcia uma carpideira tradicional, podendo escolher, dessa forma, a localidade que melhor se adequasse aos meus objetivos, era preciso decidir onde, exatamente, a narrativa se passaria. Como eu pretendia seguir as orientações de Gardner à risca, considerei a possibilidade de alugar um apartamento para Astúcia no centro de Porto Alegre, colocá-la no meio do asfalto, para que ela pudesse fazer o seu choro ecoar por entre os prédios da Duque de Caxias ou por entre as ruas do Bom Fim. Esta alternativa me parecia segura, evitaria o excesso de subjetividade uma vez que aqueles não são meus locais de origem e, portanto, meu olhar sobre eles seria de alguém afastado. No entanto, optar por esta localidade também me traria alguns desafios:

I. Tornou-se pré-requisito para a narrativa que Astúcia e as demais personagens fizessem parte de uma comunidade unida, regida por códigos implícitos e tradições próprias (sobretudo no que diz respeito a cerimônias fúnebres). Apenas dessa maneira a carpideira e os elementos fantásticos poderiam ser inseridos com a naturalidade que eu buscava. A escolha por um centro urbano, com seus prédios e grandes cemitérios, prejudicaria toda essa concepção inicial, exigindo uma mudança na ação da carpideira e, provavelmente, na interação das personagens.

¹⁹GARDNER, John. **A arte da ficção**. Tradução de: Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

II. Se eu quisesse tornar a cidade o cenário da história, eu teria que aceitar todo o concreto e o cinza que ela me oferecia. A cor de grande parte dos centros urbanos de Porto Alegre é esta – com alguns respingos de verde. Não há como contornar esse fato e situar a narrativa na atualidade.

Uma ressalva: tanto optando por uma ou outra localidade no Sul do Brasil, a questão da verossimilhança no que diz respeito à função das carpideiras inspirava cuidados (e ainda me traz algumas dúvidas). Uma vez que a profissão de carpideira obteve mais representantes no Nordeste do Brasil, como introduzir uma choradeira em uma zona semi rural do Rio Grande do Sul, dando-lhe – e agora tomo emprestado um termo utilizado por Käte Hamburger (1975²⁰) – uma “aparência de real”? Recorri a pesquisas históricas para descobrir se havia a possibilidade de trazer, em alguma época do passado, migrantes vindos de estados do Nordeste brasileiro, trazendo o costume das carpideiras na bagagem. De fato, havia esta possibilidade, se a narrativa se dispusesse a voltar ao passado em determinado momento (preferencialmente, para a época do Segundo Ciclo da Borracha, durante os anos da Segunda Guerra Mundial), reconstruindo fragmentos da vida de alguns dos antepassados de Astúcia. A ideia me pareceu boa e, de fato, elaborei rascunhos sobre dona Inocência, bisavó de Astúcia e primeira a exercer o pranto para defuntos gaudérios.

A bisavó de Astúcia virou sua avó, personagem sem nome que chega ao Sul com o marido e os filhos após anos de andanças e algumas confusões (sendo uma delas o real motivo da saída da família de seu lugar de origem). Os antepassados da carpideira foram transformados em uma família de nômades, pessoas ainda ligadas às tradições da sua terra natal, mas cientes de que, para garantir a sua sobrevivência, seriam obrigados a viver adaptando-se. Como a visita da Morte é a única certeza que se tem, os costumes que a rodeiam resistiram à caminhada.

Enquanto os fatores mencionados anteriormente eram pesados, a possibilidade de situar o cenário em uma localidade familiar tornava-se uma certeza. Explico: moro em um lugar afastado da região metropolitana de Porto Alegre, um bairro minúsculo na divisa entre as cidades de Viamão e de Alvorada, rodeado por sítios e descampados. Ali, não há prédios; asfalto, só na rua principal, por onde o ônibus passa. Não raro os carros

²⁰HAMBURGER, Käte. *A Lógica da Criação Literária*. Tradução de: Margot P. Malnic. São Paulo: Perspectiva, 1975.

e ônibus precisam frear na estrada para dar passagem às vacas e às ovelhas que insistem em não olhar para os lados ao atravessar a via. Por entre as ruas se enfileiram estabelecimentos pequenos, de agropecuárias a lojas de aviamentos, passando por salões de beleza, bazares e botequins. Muitos ainda falam “vou ao armazém” quando querem dizer, em verdade, “vou ao mercado”. A população é das mais variadas: há os que vivem perambulando pelas ruas à procura de notícia fresca, há os que apenas saem de casa para ir ao mercado, há os que fazem das ruas seus estádios de futebol ou pista de skate, há os que aproveitam dias de calor para levar colchões para a frente de casa e ali ficam deitados por horas a fio, há os que voltam para casa apenas para dormir, e há aqueles que, como eu, saem a caminhar pelas ruas à procura de histórias e personagens, quase sempre retornando com algum bom material.

Por vezes, tenho a impressão de que esta vila guarda tempos que não são o agora: as ruas, as esquinas, os campos, as árvores e até os bois parecem os mesmos de há décadas atrás. O lugar foi crescendo, crescendo, até que cansou, parando do jeito que estava; já os moradores continuaram a crescer (estranha assimetria). Em termos práticos, esta paralisia que tomou conta da localidade ganha ares de triste descaso, abandono que se traduz em áridas condições de vida para grande parte da população, dificuldades de soluções simples, como toda solução parece a quem dela não necessita. Assim como em algumas localidades de Porto Alegre e arredores, o bairro onde moro, por se manter quase que parado no tempo e a uma considerável distância dos grandes centros urbanos, acabou por se isolar, agrupando seus habitantes em pequenos núcleos culturais e formando, assim, verdadeiros *limbos*.

Para me auxiliar na decisão pelo cenário da narrativa, recorri ao teórico russo Bakhtin, que diz:

As aventuras de verdade na terra ocorrem nas grandes estradas, nos bordéis, nos covis de ladrões, nas tabernas, nas feiras, prisões, orgias eróticas dos cultos secretos, etc. Aqui a ideia não teme o ambiente do submundo nem a *lama da vida*²¹ (BAKHTIN, 2010, p.99)²².

A cidade, com a sua mescla de modernidade e decadência, também poderia me proporcionar uma quantidade adequada de *lama da vida*; contudo, não me interessava a

²¹Grifo meu.

²²BAKHTIN, Mikhail. **Particularidades do gênero e temático-composicionais das obras de Dostoiévski**. In: **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5ª ed. Tradução de: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

decadência moderna, aquela dos grandes centros. O destino de Astúcia já me oferecia todo o cinza de que eu precisava. Eu procurava pela cor, pelas casas baixas de apenas um andar que deixam o céu desimpedido; queria terra de chão batido, queria aquela estrada de que Bakhtin falava, uma estrada onde Astúcia pudesse andar a caminho de sua lojinha ou do cemitério. Eu queria a lama, mas somente aquela que se pode tirar do chão de terra.

Escolhi utilizar como base um lugar conhecido porque era o único espaço que me oferecia condições para abrigar a carpideira e as demais personagens. Corro um risco, como Gardner e tantos outros bem advertem, sei que as chances de perder-me em digressões são grandes. Entretanto, penso que estaria correndo um risco muito maior se, ao contrário, optasse por ambientar a narrativa em outra localidade: eu perderia um cenário valioso, repleto de cores e contrastes que só ganhariam explicação lógica se transpostos para uma vida em papel. Seria um desperdício não utilizar a minha vila como modelo para tentar ficção.

Após decidir pela localização geográfica e pelo modelo que utilizaria para a vila da narrativa, iniciei a sua construção. Tomei como referência inicial dois pequenos municípios da ficção, universos isolados habitados por personagens peculiares (vivas ou mortas) e rodeados por elementos fantásticos, às vezes sutis, outras nem tanto. Primeiro, (re)visitei a *Antares* de Erico Verissimo²³, atentando para seus capítulos iniciais, para a origem do Povinho da Caveira, para as peripécias do naturalista que, com seus conhecimentos de astronomia, acaba por sugerir o futuro nome da cidade ao velho Vacariano, para os conflitos entre as famílias mais poderosas da região e para as terríveis vinganças que deles resultaram. Logo após, fui à *Água Santa* de Allende²⁴, ficando por lá algum tempo, conhecendo sua gente e sua história. A decisão por incluir elementos mágicos no romance partiu, em grande parte, da leitura destes dois autores e pelo encantamento por estas duas obras. Mas, este é assunto para uma outra hora.

Os primeiros estabelecimentos pensados para a Vila (a esta etapa já se pode referir ao lugar com letra maiúscula porque só lhe falta o nome) foram, evidentemente, aqueles onde Astúcia passaria boa parte da narrativa: o cemitério e a capela. Para construir um cenário crível, um modelo me pareceu indispensável, por essa razão visitei

²³VERÍSSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. Prefácio de Maria da Glória Bordini. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

²⁴ ALLENDE, Isabel. **Eva Luna**. Tradução de: Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Record, 1987.

os cemitérios das cidades de Viamão, Alvorada e Porto Alegre. Os locais de visitação eram escolhidos de acordo com as estruturas oferecidas: a meta não era descrever o cemitério da Vila como um local moderno com mausoléus, túmulos no subsolo e poltronas acolchoadas na capela. Precisava ser simples.

Depois destas considera es, ao nome do cemitério restou apenas surgir²⁵. Chama-se Lazarus porque eu desejava a graça, a ironia. Tinha este nome para brincar com a situa o dos seus mortos, mostrando aos vivos que até a Morte sabe dar risada. A capela foi criada logo após o cemitério, posta no alto da ladeira, servindo de porta de entrada para os túmulos velhos e novos; na capela ocorreriam algumas das grandes celebra es da narrativa, incluindo aí o velório que é o pano de fundo de uma das linhas temporais da história. O Lazarus e a capela seriam os locais onde os moradores da Vila se reuniriam com mais frequência e aonde todos iriam ao menos uma vez.

Na história, a Vila foi posta entre duas cidades de tamanho médio, dois lugares que não têm nomes e que, por vezes, são vistos pelos moradores (e pelo leitor, espera-se) como um só. Nas cidades algumas personagens encontrarão refúgio, outras mal ter o conhecimento do que se passa longe das ruas de terra. Tanto de um lado quando de outro, as cidades são mundos   parte da Vila.

Por fim, fez-se necessário dar um nome com sentido   Vila. Para tanto, voltei-me ao meu bairro de nascença, mais precisamente ao tímido córrego (ao qual chamávamos *sanga*²⁶), que corria aos fundos do Centro de Tradi es Gaúchas (CTG) e que, na minha infância, fora cenário de muitas histórias inventadas por mim para, sobretudo, assustar meus colegas de escola. A *sanga* não era muito larga, muito menos funda, e l  não moravam monstros ou velhos do saco (apenas alguns bugios e um que outro *guaipeca* perdido). No entanto, era um lugar propício para narrativas, e que poderia servir de inspira o para um a de quase seco, mas que no passado corria abundante, servindo de fonte e refúgio para os primeiros moradores. Assim, teve origem a Vila do A de.

²⁵Seria tão mais simples se todos os nomes e títulos de que precisássemos surgissem da mesma forma, como mosquito desavisado que nos entra nos ouvidos vez ou outra.

²⁶A palavra *sanga*, originária do espanhol platino *zanja*, é um termo próprio do Rio Grande do Sul (RS) e de Santa Catarina (SC). Significa pequeno regato ou escava o profunda de um terreno, que é cheio pelas águas da chuva ou por correntes de água subterrânea, e que seca facilmente (Conforme MARGOTTI, Felício Wessling; ROCHA, Patrícia Graciela da. **Cerro e sanga – empréstimos lexicais no português de contato com o espanhol**. In: **Encontro do Centro de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL)**, 8, 2008, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2008).

2.2. MUDANÇAS NO PLANO INICIAL

Como dito anteriormente, não há escrito que não precise de um esboço e uma releitura que, aliás, é própria da criação, como lembra Ribas (2000):

Na dinâmica da criação a releitura é mais um indicador da necessidade do trabalho de indagação sobre o processo criativo e da premência da transpiração sobre o texto literário (p.112).

Narrativas nunca são fechadas, durante sua escrita há sempre uma vírgula a ser reparada ou um trecho a ser reescrito; já depois de “pronta”, quando o escritor declara o trabalho concluído, é a vez de o leitor recheá-lo de outros sentidos. Contudo, houve mudanças consideráveis na ideia original da história que devem ser mencionadas.

2.2.1. UMA QUESTÃO DE FOCO

Inicialmente, a narrativa partiria de duas personagens principais: Astúcia, a carpideira que é impedida de chorar; e Olegário, o jovem ajudante e aprendiz de Astúcia. Ele seria a testemunha do conflito da protagonista, e seria responsável pela narrativa de alguns capítulos. Já ela deveria relatar a própria experiência, num presente que se tornaria cada vez mais caótico à medida que seus conflitos se aprofundassem. Para cumprir com estes objetivos, selecionei dois tipos distintos de focos narrativos²⁷: o *Eu* enquanto 1ª pessoa, interna à narrativa, mas que mantém certa distância de determinados acontecimentos (as nomenclaturas são várias, mas cito aqui o *Eu como testemunha*, de Norman Friedman, e o *personagem-observador*, de Brooks e Warren²⁸). Esta modalidade de foco narrativo seria utilizada para a personagem Olegário, a testemunha de grande parte das aventuras de sua “mentora”, sujeito quieto que se limita a observar e a tecer seus comentários de si para si. Ele não teria acesso algum a pensamentos que não fossem os seus, mas poderia ser visto como onisciente, uma vez que estaria presente e descreveria os acontecimentos externos, usando palavras de

²⁷A título de elucidação: conforme Alfredo Leme Coelho de Carvalho (CARVALHO, Alfredo Leme Coelho. **Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de Teoria Literária**. São Paulo: Pioneira, 1981), foco narrativo é o “ponto de partida da visão, indica a inevitável marca que deixa o narrador no material de sua narrativa (p.3)”.

²⁸ *Ibidem*.

alheamento (parecia, como se, etc.). Ele seria o responsável por, com o seu relato, trazer à tona o elemento fantástico da narrativa, deixando o leitor em suspenso, sem dados suficientes para afirmar ou negar as ocorrências sobrenaturais. Para Astúcia, o foco escolhido foi o *narrador-protagonista* (de acordo com a tipologia proposta por Friedman²⁹), a personagem inserida em sua história, que narra os acontecimentos em uma 1ª pessoa completamente envolvida – e, por essa razão, possivelmente infiel (mas não mentirosa, se levarmos em consideração o *narrador infiel* de Wayne C. Booth, 1980³⁰) – e parcial. A narrativa de Astúcia iniciaria na forma de um *monólogo interior*, caracterizado pelo aprofundamento na mente da personagem, ainda que feito de maneira articulada. Conforme seus processos mentais fossem confundindo-se e seus próprios olhos comesçassem a lhe enganar, o monólogo interior passaria a um jorro de pensamentos mais radical, um *fluxo de consciência*.

Os limites entre o monólogo interior e o fluxo de consciência são tênues, confusos até. Ligia Chiappini, em *O Foco Narrativo* (1985), oferece uma elucidação:

A radicalização dessa sondagem interna da mente [empreendida pelo monólogo interior] acaba deslançando um verdadeiro fluxo ininterrupto de pensamentos que se exprimem numa linguagem cada vez mais frágil em nexos lógicos. É o deslizar do **monólogo interior** para o **fluxo de consciência** (p.68).

Uma vez que a narrativa partiria apenas de duas personagens principais, que fariam uso de uma 1ª pessoa, não haveria espaço para o emprego de estilos próprios do narrador onisciente. Essa impossibilidade que a escolha por dois narradores em 1ª pessoa traria não me agradou e, ainda, o fato de que a personagem Olegário participaria da história em algum ponto, tendo um discurso estruturado e coeso, ao passo que à Astúcia caberia a confusão do monólogo interior e o caos do fluxo de consciência, poderia prejudicar – se não aniquilar – o elemento fantástico da história. Astúcia, após ver-se incapaz de chorar pelos defuntos da Vila do Açude, passa a alegar que pode ver os mortos, e faz esta afirmação com seu discurso confuso e, cada vez mais, descontrolado; já Olegário desmentiria a afirmação de sua mentora, do alto de uma fala estruturada e, de certa forma, lúcida. Ora, com base nestes dois pontos de vista

²⁹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O Foco Narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 1985.

³⁰ BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. 1ª edição em português. Tradução de: Maria Teresa h. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.

diferentes, torna-se quase evidente que as “visões sobrenaturais” nada mais são do que visões geradas pela mente de Astúcia, substituindo o fantástico pelo tema da loucura e afastando a narrativa do seu objetivo.

Por conta disso, considerei fazer alterações no foco narrativo. Minha meta, desde o princípio, era dividir a narrativa em dois (duas linhas temporais e dois focos diferentes), e ao menos um destes narradores deveria fazer parte da história, direta ou indiretamente. Pelo bem da narrativa, optei por não dar à Astúcia o cargo de narradora-personagem. Ela é a protagonista, já carrega em seus ombros uma carga muito grande e, principalmente, deve ter ao redor de si uma atmosfera mágica. Dar-lhe voz de narradora poderia enfraquecer esta atmosfera. O uso de Olegário como narrador-testemunha também não me pareceu adequado, ele daria uma racionalidade exagerada que não combinava com nenhum elemento da história. Dessa forma, o melhor era alterar os dois principais pontos de vista da narrativa.

2.2.2. PONTO DE VISTA 1: A ONISCIÊNCIA SELETIVA

Nesta nova etapa, optei por tornar o narrador do presente da narrativa (que ocorre durante as horas de um serviço fúnebre, na capela do Lazarus) um *autor implicado*³¹, a máscara do autor e sua voz narrativa (considerando que, no texto escrito, torna-se impraticável o desaparecimento de uma voz, seja ela de um autor implicado, seja ela de um narrador):

Até o romance que não tem um narrador dramatizado cria a imagem implícita de um autor nos bastidores, seja ele diretor de cena, operador de marionetes ou Deus indiferente que lima, silenciosamente, as unhas (BOOTH, 1980, p.167).

Este narrador teria acesso ilimitado à história, embora não fosse personagem, empregando- e aqui faço uso novamente da nomenclatura proposta por Friedman (1985) - a *onisciência seletiva múltipla*, isto é, interferiria como autor implicado em certos momentos, mas, em sua maioria, atuaria como reflexo da mente e da linguagem das

³¹Aqui, uso a definição dada por Genette (GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3ª ed. Lisboa: Vega, 1995.), que prefere o termo *implicado* a *implícito* no que se refere a foco narrativo, por acreditar que aquele diminui possíveis ambiguidades e apresenta uma melhor correspondência à palavra inglesa *implied*, da expressão utilizada originalmente por Booth (isto é, *implied author*).

personagens³². Optando por este foco narrativo, seria possibilitado o uso de estilos próprios de um narrador onisciente, entre eles o discurso *indireto livre*, em que o deslizar “nos pensamentos e sentimentos da personagem se faz quase imperceptivelmente (LEITE, 1985, p.49)”.

Este ponto de vista múltiplo e mutante, combinado com o discurso indireto livre, beneficiaria a narrativa ao adentrar a mente de várias personagens sem, no entanto, serem necessários capítulos inteiros dedicados a elas. Seria oferecida uma visão ampla (mas também pontual, quando necessário) de cada uma das cenas, explorando diferentes perspectivas.

2.2.3. PONTO DE VISTA 2: O *EU* QUE TAMBÉM É TESTEMUNHA

Para estabelecer um contraste entre a onisciência seletiva múltipla do presente da narrativa, inseri um narrador afastado que pudesse enxergar e interpretar os acontecimentos; não queria, contudo, utilizar outra fala onisciente, pois eu já havia escolhido o autor implicado em concomitância com a onisciência seletiva para suprir esta necessidade. Assim, o foco narrativo que me pareceu mais adequado para os capítulos exclusivamente no passado foi, novamente, a 1ª pessoa, um *eu* interno à narrativa, sem acesso à mente das demais personagens, no entanto, com capacidade para observar o todo. Uma visão privilegiada, um olhar de cima, de alguém que fosse parte da narrativa, mas uma parte indireta. Presença ausente.

O narrador ideal relataria os acontecimentos de uma posição afastada, trabalhando apenas com os fatos que pudesse observar, inferindo, questionando, duvidando. Sua posição lhe traria tanto privilégios quanto limitações, considerando que sua visão seria ampla, mas sua mobilidade e sua interferência na história seriam nulas. Como o espectador de uma peça de teatro tradicional: ele pode ver o desenrolar do enredo de vários ângulos, pode tecer comentários e pode trocar de posição dentro do espaço físico do teatro reservado a ele. Entretanto, ele não poderá ultrapassar o limite do

³²Assim como há múltiplos nomes para cada tipo de foco narrativo (os quais advêm da interpretação de cada teórico), pode haver vários focos narrativos dentro de um mesmo texto. Há, obviamente, a predominância de um ou outro, contudo, “é difícil encontrar, numa obra de ficção, especialmente quando ela é rica em recursos narrativos, qualquer um dessas categorias [de foco narrativo] em estado puro (LEITE, 1985, p.26)”.

palco, não poderá interagir com os atores durante a peça, não poderá intervir nos acontecimentos. A história seguirá, quer ele esteja ali, quer ele não esteja.

Os potenciais conflitos resultantes desta posição mostraram-se interessantes porque revestiam de dramaticidade a figura do narrador ainda sem rosto e sem nome. Quantas oportunidades se abririam se, mais do que uma voz vinda sabe-se lá de onde, este narrador fosse uma personagem, uma presença sólida, ainda que invisível! Foi pensando nisso que decidi fazer com que este narrador testemunha fosse uma voz coletiva, ainda que com marcas de individualidade.

Minha narradora seria a própria Vila do Açude.

2.3. DE ESPAÇO A VOZ

Tornar a Vila do Açude uma personagem pode parecer arriscado (afinal, como dar voz a algo inanimado sem criar uma atmosfera de fábula?). Pode parecer uma ideia ingênua, feita para não funcionar. Talvez tenha sido exatamente por isso que a escolhi.

Sequer pensei em dar à Vila uma voz que não fosse feminina, que não fosse de mulher experiente que está pelo mundo já há algum tempo. Ela duvida das crenças dos homens, duvida de suas convicções, sabe o que vai acontecer antes que aconteça (não porque pode ver o futuro, mas porque já viu demais o passado), irrita-se com as decisões estúpidas que “as gentes lá de baixo” tomam, guarda uma profunda mágoa por não poder interagir ou intervir no destino deles, e sua maior tristeza é ter plena consciência de que não poderá sair de sua inércia. Nem morrer ela pode. Foi construída pelos homens e é mantida por eles, mas nunca poderá retribuir o favor.

Seu olhar deveria vir de cima, partindo de um ponto privilegiado. Mantive este objetivo. No entanto, fui alertada pela minha orientadora de que, muito embora a ideia estivesse clara no planejamento, ela não aparecia com a mesma clareza no texto. Nos primeiros esboços, a narração da Vila assemelhava-se à visão de uma entidade invisível cuja função seria acompanhar um número específico de personagens (uma espécie de anjo da guarda incompetente); ao tentar traduzir uma *visão de fora*, uma *vision par de*

*hors*³³, acabei por dar à Vila uma proximidade indevida, transformei seu ponto de vista em uma *visão com, vision avec*³⁴, câmera de alcance reduzido. Este é um dos principais cuidados que a opção por este foco narrativo inspira; é preciso manter a amplitude de visão da Vila, evitando focar seu discurso em uma ou duas personagens.

Condizendo com as suas características iniciais, não seria adequado fazer com que as opiniões da Vila fossem neutras. Ela precisaria ter a liberdade de poder tomar partidos, de escolher seus favoritos.

Talvez por saber que ninguém a escuta, ela decida falar. Seu discurso é em bloco, sem parágrafos. Um monólogo interior, enxurrada ordenada de pensamentos que não lhe dão tempo para respirar ou esperar por resposta (ela nunca virá, de qualquer maneira). Ela conversa com um Nada, conta as histórias dos moradores de suas ruas, fala sozinha porque é só o que pode fazer. Os capítulos pelos quais se responsabiliza são marcados por voltas ao passado e indícios sobre o destino das personagens. A Vila pode até conhecer tempo linear e cronológico, mas não o tem como regra.

A inserção da Vila trouxe mais mudanças do que imaginei. Uma narradora com uma visão tão ampla possibilitaria a inclusão natural de elementos fantásticos não somente no que diz respeito à carpideira e à sua função, mas com relação às outras personagens. Por intermédio da sua visão, outros moradores estariam livres para adquirirem características fora do comum. Como resultado deste crescimento de algumas personagens (como será visto logo a seguir), a narrativa não poderia se ater exclusivamente à figura de Astúcia (embora ela seja a protagonista e uma personagem de grande influência sobre as demais); dessa forma, a narrativa da carpideira que não consegue chorar ganhou novas perspectivas, novas personagens e novos modos de ver e de se relacionar com a Morte.

³³Aqui faço uso da definição de foco narrativo de Jean Pouillon. De acordo com ela, o ponto essencial da análise do foco é a proximidade dos acontecimentos em relação a um *eu* narrativo, sendo ele participante ou não da ação (LEITE, 1985).

³⁴ *Ibidem*.

2.4. PERSONAGENS

Para acompanhar a carpideira e povoar os velórios, novas personagens foram criadas. Por ser uma das moradoras mais antigas da Vila do Açude, a carpideira é conhecida por todos, estando de alguma forma presente nos momentos mais importantes das vidas das personagens.

Cada uma delas tem sua motivação, suas crenças e paixões. Com base nisso, cada uma deveria ter sua vez na história. Algumas personagens terão mais participação na narrativa do que outras; contudo, todas elas estarão ligadas pelas ações de Astúcia e pela presença constante da Morte: cada uma a verá de modo diferente, para umas ela será uma inimiga, para outras ela será um alívio. E haverá aquelas que, assim como Astúcia, terão na Morte uma velha amiga.

A seguir, as características buscadas para cada personagem serão brevemente relatadas:

I. Astúcia

É a protagonista, choradeira da Vila do Açude. Trabalha para a “Vizinha (denominação dada à Morte pela própria Astúcia)” desde pequena, aprendeu com a mãe, Fátima, e com a avó a importância de chorar os mortos (embora sua mãe tenha deixado de lhe ensinar alguns detalhes bem importantes do processo), carrega a lágrima como uma marca de nascença. Recebeu o nome de Catarina, sua tia por escolha e amiga de infância de Fátima; fora ela a primeira a notar a esperteza da menina e, como ninguém sabia que nome dar à criança, batizou-a de Astúcia. Cresceu testemunhando a amizade da mãe e da tia e construindo a sua própria relação de parceria com Caetana, filha de Catarina. Sua função principal é a de chorar os defuntos da Vila, mas, para garantir uma parte do sustento, tem uma lojinha de aviamentos, herdada da família do ex-marido, Nestor. Em determinado momento e por motivos que lhe serão estranhos, ela não conseguirá chorar, o que trará consequências, tanto para si quanto para os próprios mortos.

II. Caetana

Amiga e sócia de Astúcia desde antes dos primeiros sinais de artrite, Caetana é a segurança da choradeira, a que lhe incentiva as lágrimas e auxilia na criação e adaptação

de elementos do choro. Mulher livre, bonachona, chegada numa fofoca e numa discussão. Não chama a Morte de Vizinha (não tem tanta intimidade como Astúcia), mas também não a teme. Aprendeu desde muito nova que não vale a pena ter medo do que não se evita.

III. Seu Júlio

É o zelador do Lazarus. É viúvo, tem um filho adolescente (César), o qual criou com ajuda de Astúcia, Caetana e de muitos dos moradores da Vila. É um homem simples, sem grandes ambições. “Senhorzinho de cara enrugada que um dia resolveu que ia ser triste”. Grosseiro, mas só na superfície. Tem uns ouvidos esquisitos que lhe permitem ouvir barulhos que ninguém mais escuta; trata os sons como Astúcia trata a Morte.

IV. César

Mora na Vila do Açude desde os 5 anos de idade, quando desceu do caminhão de mudança agarrado à perna do pai, sem mãe e sem amizade. Foi acolhido primeiro por Astúcia e sua família, tornando-se amigo do filho dela, Cássio. Cresceu dentro do Lazarus, ajudando o pai e tomando parte nos espetáculos que a choradeira promovia em quase todos os velórios da Vila. Não tem a intimidade com os sons como Seu Júlio, mas entende - do seu modo - a tradição do choro, nutrindo respeito e admiração por Astúcia.

V. Imaculada

Filha de Genésio e Irene. Como todos os moradores da Vila, ela conhece Astúcia e o seu choro, embora não compreenda o ofício da choradeira como uma tradição, e sim como uma particularidade daquele espaço, o diferencial da Vila do Açude em relação aos demais lugares. Da mesma forma que Astúcia e Seu Júlio, Imaculada apresenta uma singularidade: ela é fisicamente incapaz de escutar mentiras. Desde pequena, ela atrai a completa honestidade, sempre deixando seus interlocutores numa posição complicada. Apesar das tentativas, ninguém consegue mentir para Imaculada. Essa condição lhe traz uma série de benefícios, mas também alguns problemas, em especial quando a verdade não corresponde às suas expectativas.

VI. Alencar

Vizinho de Astúcia, amigo de Cássio, conhecido de César, namorado de Imaculada. É o mais velho do grupo de amigos e, por conta disso, o responsável pela segurança dos mais novos. Tem a confiança e a postura de um jovem rapaz. No entanto, imprevistos o arrancarão desta posição confortável e lhe farão depender de Astúcia mais do que ele gostaria de admitir.

VII. Heitor

Pai de Alencar. Admira o empenho e a naturalidade com que Astúcia chora pelos defuntos da Vila do Açude, mas não tem nela mais do que uma conhecida. Os mesmos imprevistos que atingirão Alencar também o obrigarão a se aproximar de Astúcia.

VIII. A Vila

Personagem que está presente e, ao mesmo tempo, ausente da narrativa. Ela existe há muito tempo, não vai sair do lugar, enxerga tudo de longe e não pode interagir com ninguém. Ela fala porque não tem mais o que fazer; fala com todos, fala consigo mesma, fala com ninguém. Tem seus lapsos de memória (afinal, já acumulou tanta lembrança que às vezes uma ou outra escapa), mas compensa toda falha com os seus improvisos. Leva jeito para contadora de história, ou de lorota.

IX. Demais personagens

Outras personagens são apresentadas no decorrer da narrativa, algumas têm papel fundamental para o desenvolvimento do enredo, outras pairam sobre a Vila do Açude, agindo sobre Astúcia, e deixando Astúcia agir sobre elas. São elas: Nestor (ex-marido de Astúcia; carrega um conflito dentro de si que, embora não admita, apenas ele mesmo pode resolver), Cássio (filho de Astúcia. Na narrativa, esta personagem age de forma mais significativa quando está ausente.), Padre Jonas (acostumado a fazer as missas nos velórios – embora ninguém se preocupe muito com a sua presença; ‘torce o nariz’ para Astúcia e para o seu choro), Basílio (filho único de Caetana, parecido com a mãe em vários aspectos; trata Astúcia por tia, muito embora não seja sobrinho), Irene e

Genésio (pais de Imaculada), e Manuel (dono do mercadinho da Vila). Ainda, há algumas personagens que fazem parte do passado da Vila do Açude, de Astúcia e de Caetana, personagens que, embora apareçam pouco, têm grande importância na tradição das choradeiras e no crescimento da Vila do Açude.

2.5. AS DUAS MORTES DE GENÉSIO

Começou com um velório, uma cena que tinha como objetivo apresentar o canto e a reza de Astúcia. Um dia de trabalho para a choradeira, com todo o espetáculo que ela fazia questão de preparar. O defunto escolhido foi Genésio, um conhecido da protagonista (vizinho da casa da frente), visto pela maioria dos moradores da Vila como um sujeito pacato, de palavra miúda e gestos contidos.

Inicialmente, o pai de Imaculada teria uma participação pequena, de poucas cenas, sendo evocado pelas memórias da filha que limpa a capela do Lazarus para mais um serviço fúnebre. Ele não teria falas e suas características, físicas ou não, seriam pouco exploradas. Ele seria apenas o Genésio, uma personagem simples, secundária, feita para uma única finalidade e função (conforme Kohan, 2012³⁵). A função dele seria morrer e, por conta do seu falecimento, trazer à luz e à memória a ação de outras personagens – incluindo aí a protagonista Astúcia. Com este objetivo em mente, Genésio foi esboçado e inserido em determinado capítulo da narrativa. Contudo, ser fiel ao planejamento inicial de uma personagem pode se tornar uma tarefa mais complicada do que se imagina: o que era para ser uma única sequência acabou se tornando um extenso capítulo em bloco; de personagem com função decorativa³⁶, Genésio adquiriu ares de protagonista, ganhando uma narração detalhada da própria vida, levada a cabo pela narradora-testemunha Vila. Em suma, a personagem Genésio cresceu e, por um entusiasmo desmedido ou por pura inexperiência (ou os dois), acabou ficando fora de controle.

³⁵KOHAN, Sílvia Adela. **Como narrar uma história: da imaginação à escrita: todos os passos para transformar uma ideia num romance ou num conto**. 1ª ed. Tradução de: Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutenberg, 2012.

³⁶Utilizo aqui a nomenclatura de Brait (BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.) a respeito das funções das personagens. A personagem com função *decorativa*, apesar do teor pejorativo que o termo denota, “pode constituir um traço de cor local, ou um número indispensável à apresentação de uma cena em grupo” (p.48).

A permanência da vida de Genésio traria mais desvantagens do que benefícios para a narrativa: 1) o capítulo, em bloco e repleto de idas e vindas, estava longo e cansativo, havia ali um claro esforço da narradora para dar conta, em um único texto, de uma história extensa e talvez intrincada demais; 2) a personagem Genésio acabou ganhando uma relevância que não se manteria no restante da narrativa, o que faria com que este capítulo se tornasse um microcosmo, um universo à parte do restante da história, o que sem dúvida seria confuso para o leitor; 3) – e o mais grave dos problemas – Astúcia foi simplesmente “deixada de lado” neste trecho; ela é apenas citada (numa manobra que, reconheço, além de óbvia demais, foi mal executada) como “a filha da Fátima”, ocupando no máximo cinco linhas de um capítulo de quase dez páginas. A protagonista da história tornou-se invisível neste capítulo, o que comprometeria o desenrolar da narrativa como um todo. Felizmente, o objetivo desta dissertação é incentivar a escrita e, ao mesmo tempo, promover uma reflexão e um diálogo sobre a criação literária com profissionais da área. Tanto a minha orientadora quanto a minha banca de qualificação de mestrado me alertaram para os perigos de manter este capítulo. Assim, pesando os prós e contras da decisão, foi resolvido que, para o bem da narrativa, a personagem Genésio tinha de morrer. De novo.

Genésio não desapareceu por completo (sua ausência prejudicaria a apresentação de Imaculada e a primeira atuação de Astúcia como choradeira em um velório). No entanto, ele voltou ao seu posto inicial, o de personagem secundária, com função decorativa. O velório dele daria o tom para o capítulo, e algumas particularidades daquele serviço seriam retomadas ao final da narrativa, no diálogo entre Astúcia e Caetana, com o objetivo de garantir um alívio cômico para as duas personagens, e de trazer o choro de volta para a protagonista. Genésio ainda teria certa importância para o andamento da história, mas deixaria o posto principal, ocupado por descuido, para a verdadeira protagonista.

2.6. LINHAS NARRATIVAS

Há mais de uma narrativa em *Cerração de choradeira*. Há mais de um tempo em *Cerração de choradeira*. Além da protagonista, cada personagem tem seu conflito e sua relação particular com a Morte, construída num passado individual; cada uma tem a sua

perda e o seu olhar sobre a perda, que não se pode comparar ou dividir. Por essa razão, não poderia haver apenas uma linha temporal na narrativa; o tempo tinha de ser múltiplo, como as personagens, como a Vila, e como a própria Morte sabe ser.

Parti de duas linhas principais: uma no presente e simultânea, contemporânea à ação³⁷, e outra no passado, posterior aos acontecimentos³⁸. No presente da narrativa são descritas seis horas de um velório, da limpeza e organização da capela, às sete horas da manhã, a uma reza coletiva, às duas horas da tarde. Esta parte da narrativa ocorre num espaço único, onde as personagens se juntam, unindo também as próprias histórias em torno de um elemento em comum. Para o passado da narrativa, são trazidas as histórias das personagens (incluindo aí a origem da narradora destes capítulos, a Vila), uma vez que, para tornar a tradição das carpideiras da Vila do Açude crível, seu início precisaria ser retomado. Dessa forma, os trechos em bloco e em monólogo interior obedecem a uma sequência própria de saltos no tempo, de idas, de voltas e de incertezas da própria narradora, que sofre com lapsos de memória.

Feita esta primeira divisão, foi necessário pensar na apresentação dos conflitos das personagens ou, mais precisamente, em qual linha narrativa eles deveriam vir à tona. Aqui, a escolha pelo *caso estático*³⁹ para uma das narrativas desempenhou um importante papel na decisão. Ora, se todas as personagens se encontrariam num mesmo espaço, num evento em que os participantes estão mais propensos a introspecções, então a narrativa linear, no presente, era a que apresentava melhores condições para abrigar suas memórias.

Assim, o todo da narrativa, quanto ao tempo, pode ser compreendido da seguinte forma:

Linha 1 – Presente da narrativa					
- Velório + reminiscências das personagens (narrador onisciente seletivo)					
07h	08h	11h	Meio-dia	13h	14h

³⁷Conforme Genette (1995).

³⁸Idem.

³⁹Conforme Tomachevski (TOMACHEVSKI. **Temática**. In: TOMACHEVSKI, et. al. Teoria da Literatura – formalistas russos. 4a ed. Tradução de: Ana Mariza Ribeiro Filipouski; Maria Aparecida Pereira; Regina L. Zilberman; Antônio Carlos Hohlfeldt. Porto Alegre: Globo, 1978.), o caso estático se caracterizaria pela escolha por um lugar onde todos os heróis da narrativa se reuniriam.

Linha 2 – Passado da narrativa

- **Origens da Vila do Açude e da tradição das choradeiras + conflitos passados de Astúcia e de sua família (narradora-testemunha: a Vila):** início na década de 1940; conflitos centrais de Astúcia entre os anos 2007 e 2012.

Em termos estruturais, a narrativa foi dividida em dez capítulos mais um prólogo e um epílogo, os quais apresentam a mesma cena (Astúcia no Lazarus, sentada em frente a um dos túmulos recentes, conversando com Caetana) de ângulos diferentes.

2.7. REPRESENTAÇÃO DO FANTÁSTICO

Como dito antes, a opção por adicionar elementos fantásticos foi feita tão logo a personagem, o tema e o espaço foram escolhidos. Manter a narrativa dentro de uma esfera estritamente racional me pareceu desperdiçar inúmeras possibilidades, ignorando um proveitoso exercício de escrita. Eu queria pintar a história de cores fora do comum, queria dar-lhe uma atmosfera de suspensão, nem realista, nem sobrenatural; a Vila do Açude já é um espaço à margem, um lugarejo que serve apenas de meio de caminho para duas cidades, seus moradores vivem como que isolados, física e culturalmente. Com base nisso, julguei lógico revestir a narrativa de um gênero que também se situa à margem⁴⁰. Optei pelo fantástico.

De início, era preciso decidir onde exatamente o fantástico seria adicionado, lembrando que este é um gênero sutil, de fácil transposição. Os acontecimentos fantásticos se colocam entre os que são completamente explicáveis e os que são completamente inexplicáveis. Meio de caminho. Para fazer jus a tal gênero, eu deveria tentar equilibrar o enredo de *Cerração de choradeira* entre sucessões lógicas de causa e consequência e alterações no curso dito normal da rotina das personagens, em especial de Astúcia. Não poderia trazer a atmosfera mágica desde o princípio da narrativa, e não poderia fazer com que todas as personagens apresentassem características quase que

⁴⁰Cortázar, ao caracterizar seus contos, coloca o fantástico como “uma literatura à margem de todo realismo demasiado ingênuo (CORTÁZAR, Júlio. **Alguns aspectos do conto**. In: CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. Tradução de: Davi Arriguci Jr., e João Alexandre Barbosa. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.148-149)”.

sobrenaturais, caso assim o fizesse, o efeito de suspensão e de incerteza se perderia. A esse respeito, Cortázar (2011⁴¹) esclarece que

[só] a alteração momentânea dentro da regularidade delata o fantástico, mas é necessário que o excepcional passe a ser também a regra sem deslocar as estruturas ordinárias entre as quais se inseriu (p.235).

Para um elemento destoar a ponto de ser visto como fantástico, deveriam ser criados cenários anteriores e posteriores às ocorrências estranhas, e seria fundamental que estes fossem absolutamente normais, ou tão normais quanto a ficção (e a vida real) permitem. Antes de trabalhar nos mortos que, em determinado momento, assombrariam Astúcia, era preciso criar as condições para que eles aparecessem, de maneira que ao leitor não restasse alternativa a não ser estranhar, hesitando entre uma explicação e a falta dela⁴². Por isso, iniciei pensando no posicionamento da comunidade da Vila do Açude quanto ao ofício de Astúcia e ao sobrenatural que ela poderia representar.

Para a maioria dos moradores da Vila do Açude, a atuação de Astúcia é antes uma bonita tradição de culto aos mortos do que uma necessidade dos recém falecidos; para alguns, chorar os mortos é tão somente um detalhe que diferencia a Vila dos demais lugares; já para outros – aqueles mais próximos de Astúcia – o choro e a reza são fundamentais, uma espécie de segunda morte, a partida definitiva. Dessa maneira, os próprios vizinhos da choradeira ficariam divididos entre acreditar ou não em sua sanidade quando ela passasse a conversar com os defuntos para quem não chorou. Ainda, para garantir a dúvida, e adentrar no ambiente estranho que caracteriza a narrativa de fantasia⁴³, algumas personagens também ganharam peculiaridades que podem ou não serem elementos sobrenaturais. Seu Júlio tem uma relação íntima com os sons, ele escuta como se conversasse com as notas, reconhece as pessoas (Astúcia, principalmente) pelo timbre de voz e pelas características de sua fala e, por conta disso, consegue escutar as vozes dos mortos com quem a choradeira conversa. Essa

⁴¹CORTÁZAR, Júlio. **Do conto breve e seus arredores**. In: CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. Tradução de: Davi Arriguci Jr., e João Alexandre Barbora. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

⁴²A respeito da hesitação do gênero fantástico, Todorov (TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de: Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.) menciona que “é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados” (p.39).

⁴³Conforme Menton (MENTON, Seymour. **Historia verdadera del realismo mágico**. 1ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.), a narrativa de fantasia é a que depende, para seu efeito, de um ambiente estranho (p.36).

característica, ao mesmo tempo em que pode ser um dom sobrenatural, pode ser um problema cognitivo, uma disfunção fisiológica. Já Imaculada é dotada de uma habilidade ainda mais estranha: ela não pode escutar mentiras. Ninguém que fale com ela consegue faltar com a verdade, se esta for exigida. O que poderia ser uma vantagem acaba por ser um grande problema para Imaculada, pois nem toda verdade precisaria ser ouvida. Os motivos pelos quais Imaculada atrai a verdade também podem ser explicados por um viés racional (ainda que esta explicação recaia sempre em fatores psicológicos, tanto dela quanto da comunidade em geral), ou por uma abordagem sobrenatural. Ou podem não ter explicação de todo. Finalmente, César também adquire uma característica ambígua: ao final da narrativa ele, como o seu pai, começa a escutar vozes dos defuntos que lhe sopram rezas nos ouvidos assumindo, assim, a posição que antes era de Astúcia.

A narrativa, antes da aparição dos mortos para Astúcia, é pontuada por ocorrências estranhas: cores, fumaças, pontos concentrados de cerração⁴⁴. Com estes elementos discretos, tentei manter a Vila do Açude e seus moradores num meio termo, numa espécie de *limbo fantástico*.

Não foi fácil encontrar uma aparência para os defuntos da Vila. Após muito transitar entre os extremos do corpo vivo e do corpo decomposto (sem ficar satisfeita com nenhum deles), desisti das duas alternativas e passei a trabalhar com diferentes características, todas baseadas em um dos princípios do discurso do fantástico: tornar o figurado literal⁴⁵. Partindo deste mote, cheguei à frase *do pó viemos e ao pó retornaremos*, presente em livros religiosos. A partir daí, a ideia de como estes mortos deveriam se parecer começou a ficar nítida: aparência humana, mas desprovidos de carne. Seres de pedra, cor de cimento seco que se esfarela, o retorno ao pó. Por conta da sua constante decomposição, em volta de cada um deles se formaria uma névoa, cerração que só baixaria com as lágrimas e a reza de Astúcia.

⁴⁴Neblina.

⁴⁵Conforme TODOROV, 1975.

3. CONCLUSÃO

Dizem que a conclusão deve ser breve, e que concluir é apenas recheiar o vocábulo *fim* de outros menos significativos, só para ninguém reclamar que faltou palavra. Dizem, ainda, que não se deve adicionar informações novas à conclusão. Contudo, como também dizem que não é difícil escrever ficção, peço licença para fazer desta última sessão um breve depoimento desprovido de linguajar teórico/ensaístico, em primeira pessoa (e repleto de parênteses). Espero a compreensão – e a paciência – do leitor.

Esta é a primeira vez que escrevo um texto longo, planejado por dois anos, escrito em um. Antes disso, escrevia textos menores, planejados em dois dias, textos que eu não tinha a menor dificuldade em botar título e que para mim (e talvez para minha mãe, que é extremamente gentil) pareciam ótimos. Escrevi em blogs, participei de alguns concursos, e enchi a boca para dizer que escrevia (é o mal da minha geração que, de tanto ouvir que era especial, acabou acreditando). Mas eu comecei ontem. Entrei no mestrado em Escrita Criativa da PUCRS com uns poucos contos, uma ideia mais ou menos nítida, uma rotina de leitura e escrita, e uma vontade. E só. Sem experiência em oficinas, sem currículo artístico e sem grandes conhecimentos em teoria literária (confesso que a primeira aula, com seus Benjamins e Sartres, foi assustadora). Comecei ontem, quando aprendi sobre efeito, sobre construção de personagens, sobre os vários teóricos com seus vários tipos de narrador, sobre como o planejamento corresponde a 80% do trabalho, ficando os outros 20% divididos em rabiscos e reescritas e paradas estratégicas por falta de ideias. Comecei ontem, quando descobri que escrever dói.

Dói porque te obriga a ser o mais autocrítico possível, te faz duvidar quase que constantemente das tuas escolhas narrativas. Dói porque te torna o sujeito de caderneta na mão que fala pouco e anota ideias para contos na parada de ônibus (o ápice da ironia: eu, que no passado sempre torci o nariz para o clichê, acabei me tornando um). Dói porque te mostra o quanto de trabalho que tu tens pela frente e que os teus textos, que tu julgava tão bons, não o são. Dói porque te faz colocar um ponto final e um título nos teus escritos mesmo que, a bem da verdade, tu saiba que eles não existem.

Era fácil concluir meus contos e colocar-lhes nomes porque eu achava que eles estavam prontos. Agora, não consigo esconder o constrangimento ao dizer que terminei a escritura de um romance, e passei meses apresentando títulos terríveis à minha

orientadora até chegarmos a um melhor. Estou mais chata, mais crítica, um pouco mais ansiosa, e agradeço por isso.

Não é imprescindível conhecer a teoria para escrever, tu podes ter uma vasta produção literária sem nunca ter ouvido falar de Bakhtin, por exemplo. O conhecimento torna tudo complicado porque te obriga a (re)pensar, e não há nada mais assustador do que abandonar as certezas que tu levou anos, uma vida inteira, para construir. Aprender que há mais nos bastidores da escrita do que papéis de rascunho e uma caneta cheia foi, para mim, tanto um complicador quanto um auxiliar nesta tarefa. Complicador porque me pôs à prova, exigindo agilidade no aprendizado, aumento na disciplina para a escrita e um esforço maior na capacidade de observação; e auxiliar pelas mesmas razões. É perfeitamente possível separar a teoria da criação em si. No entanto, o encontro destes pode ser(e foi) transformador. Agradeço por isso também.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. **Eva Luna**. Tradução de: Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ASTÚCIA. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=ast%FAcia>>. Acesso em: 18/04/2015, às 17h.

BAKHTIN, Mikhail. **Particularidades do gênero e temático-composicionais das obras de Dostoiévski**. In: **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5ª ed. Tradução de: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

BANDEIRA, Manuel. **Consoada**. Disponível em: <www.poemasdebandeira.blogspot.com.br/2011/01/consoada.html?m=1>. Acesso em: 28 de novembro, às 15h07.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. 917p.

BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção**. 1ª edição em português. Tradução de: Maria Teresa h. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CARPIDEIRAS. In: **História e Arqueologia**. Disponível em: <historiaearqueologia.blogspot.com.br/2008/03/carpideiras.html>. Acesso em: 15/04/2015, às 14h50.

CARPIR. In: DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/carpir/>>. Acesso em: 29/05/2015, às 15h52.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de Teoria Literária**. São Paulo: Pioneira, 1981.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

CORTÁZAR, Júlio. **Alguns aspectos do conto**. In: CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. Tradução de: Davi Arriguci Jr., e João Alexandre Barbosa. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CORTÁZAR, Júlio. **Do conto breve e seus arredores**. In: CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. Tradução de: Davi Arriguci Jr., e João Alexandre Barbora. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GARDNER, John. **A arte da ficção**. Tradução de: Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

GENETTE, Gerárd. **Discurso da narrativa**. 3ª ed. Lisboa: Vega, 1995.

GIDE, André. **Diário dos moedeiros falsos**. Tradução de: Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. Título original: *Journal des Faux-monnayeurs* (1927).

GIDE, André. **Os moedeiros falsos**. Tradução de: Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. Título original: *Les Faux-monnayeurs* (1925).

HAMBURGER, Käte. **A Lógica da Criação Literária**. Tradução de: Margot P. Malnic. São Paulo: Perspectiva, 1975.

JAMES, Henry. **The art of fiction (1884)**. Disponível em: <<http://public.wsu.edu/~campbelld/amlit/artfiction.html>>. Acesso em: 19/04/2015, às 13h34.

KOHAN, Sílvia Adela. **Como narrar uma história: da imaginação à escrita: todos os passos para transformar uma ideia num romance ou num conto**. 1ª ed. Tradução de: Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutemberg, 2012.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: Ática, 1985.

MARGOTTI, Felício Wessling; ROCHA, Patrícia Graciela da. **Cerro e sanga – empréstimos lexicais no português de contato com o espanhol**. In: **Encontro do Centro de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL)**, 8, 2008, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

MENTON, Seymour. **Historia verdadera del realismo mágico**. 1ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

MORAIS, Marluce Lima de. **Lamentos que encantam: as incelências e a religiosidade piauiense**. In: **Simpósio Nacional de História**, 26, 2011, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: ANPUH, 2011.

POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. In: **Poemas e Ensaios**. Tradução de: Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999. 3ª edição revista. Título original: *The Philosophy of Composition* (1846).

REVISTA DA FOLHA. São Paulo, SP: Folha de São Paulo, 2003. Diário. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/revista/rf2303200301.htm>>. Acesso em: 29 mai.2015, às 16h33

RIBAS, Maria Cristina. **Criação Literária: um ensaio para o escritor**. In: **Revista Letras**. Curitiba, PR, n.54, p.107-115, jul./dez. 2000.

SBT. **De frente com Gabi** [Entrevista com Itha Rocha]. São Paulo: SBT, 8 maio 2011. Programa de TV.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de: Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TOMACHEVSKI. **Temática**. In: TOMACHEVSKI, et. al. Teoria da Literatura – formalistas russos. 4a ed. Tradução de: Ana Mariza Ribeiro Filipouski; Maria Aparecida Pereira; Regina L. Zilberman; Antônio Carlos Hohlfeldt. Porto Alegre: Globo, 1978.

TV CULTURA. **Provocações** [Programa 289 – Itha Rocha]. São Paulo: TV Cultura, 26 jun.2013. Programa de TV.

VERISSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. Prefácio de Maria da Glória Bordini. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.